

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Antônia Amélia Barbosa

**O GRITO DE RESISTÊNCIA NA VOZ DA MULHER NEGRA: CAROLINA MARIA
DE JESUS**

Juiz de Fora

2023

Antônia Amélia Barbosa

**O GRITO DE RESISTÊNCIA NA VOZ DA MULHER NEGRA: CAROLINA MARIA
DE JESUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais. Linha de Pesquisa: Literatura, Crítica e Cultura.

Orientadora: Dra. Júlia Simone Ferreira

Juiz de Fora
2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Barbosa, Antônia Amélia.

O grito de resistência na voz da mulher: Carolina Maria de Jesus / Antônia Amélia Barbosa. -- 2023.

107 f.

Orientador: Júlia Simone Ferreira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2023.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Memórias. 3. Grito de resistência. 4. Escrita política. I. Ferreira, Júlia Simone, orient. II. Título.

Antônia Amélia Barbosa

O grito de resistência na voz da mulher negra: Carolina Maria de Jesus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 30 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Júlia Simone Ferreira - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Silvína Lílíana Carrizo - Membro Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Aparecida de Oliveira - Membro Externo

Universidade Federal da Paraíba

Juiz de Fora, 27/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Julia Simone Ferreira, Professor(a)**, em 30/11/2023, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvína Lílíana Carrizo, Professor(a)**, em 30/11/2023, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria de Oliveira, Usuário Externo**, em 30/11/2023, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1596645** e o código CRC **D440105D**.

À Carolina Maria de Jesus, inspiração e símbolo de resistência para o Brasil. Esta mulher de letras não soterra os problemas vividos pelas minorias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser luz, proteção, sabedoria e inspiração nos trilhos da minha vida.

Gratidão à vida pelos percursos e percalços – ensinamentos que me conduzem. Ainda há muitas lutas, mas como diz a velha e sábia canção de Almir Sater e Renato Teixeira, a necessidade humana é “Compreender a marcha/ E ir tocando em frente”.

À minha querida mãe que, com apenas três anos escolares, é mestra em amor e humildade. Primeira mulher a me inspirar!

Ao meu pai (*in memoriam*), por me ensinar a ter esforço e dedicação.

Ao José Roberto, pelo amor, companheirismo e paciência. Gratidão por compreender os momentos de ausência e por me ouvir em relação às minhas dificuldades.

À Ana Salino, por me apoiar quando eu estive ausente.

À amiga Priscila, irmã de coração e companheira.

À amiga Gislene, irmã de coração e semeadora de luz no meu caminho.

Às amigas Cristiane, Cristina, Juliana e Tânia Mara, a minha gratidão por todo o carinho.

Às mulheres que valorizam a terra, as plantas, os animais e lutam diariamente contra o sofrimento e a opressão. Àquelas que se fortalecem nas e pelas causas sociais. Também às que não podem gerar no ventre, mas geram no coração.

À imortalidade literária de Carolina Maria de Jesus!

À Vera Eunice de Jesus por manter viva cada memória de Carolina Maria de Jesus e por contribuir com minha pesquisa. A entrevista foi um dia muito especial para celebrarmos o Dia Internacional da Mulher.

Aos professores do curso de Mestrado em Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora e, em especial, à Júlia Simone Ferreira, por aceitar a orientação desta pesquisa e pelas dicas valiosas.

Às professoras Silvina Liliana Carrizo, Maria Aparecida de Oliveira, Nícea Helena de Almeida Nogueira e Constância Lima Duarte, as quais aceitaram participar da minha defesa de Mestrado. Agradeço por lerem minha pesquisa e contribuírem com a análise crítica. Recebam o meu carinho.

Ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – *campus* Santos Dumont – e a todas e todos que torceram por mim.

À Raiza, pela paciência e acolhimento.

No meio do dia
Clarice entreabre o quarto de
despejo pela fresta percebe uma
mulher. Onde estivestes de noite,
Carolina?
Macabeando minhas agonias, Clarice.
Um amargor pra além da fome e do frio,
da bica e da boca em sua secura.
De mim, escrevo não só a penúria do
pão, cravo no lixo da vida, o desespero,
uma gastura de não caber no peito, e nem
no papel.
Mas ninguém me lê, Clarice,
para além do resto.
Ninguém decifra em mim a
única escassez da qual padeço,
- a solidão.
(EVARISTO, 2021a, p. 94)

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a escrita de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a partir das obras de sua vivência: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) e *Diário de Bitita* (2014a) e comprovar como é latente o grito de resistência que ensurdece e incomoda os padrões hegemônicos de nossa sociedade. É importante realçar que a presença da autora na cena literária é, indubitavelmente, emblema de resistência cultural e de combate à opressão, ao mobilizar-se como porta-voz do sujeito negro expondo não só suas mazelas, mas as de muitos brasileiros que vivem desprotegidos pelo Estado. Ao eclodir da escassez, a fome é uma aliada para reescrever uma outra história: a de lutas incansáveis por visibilidade social e pelo sonho de tornar-se escritora. Assim, essa escritura política e testemunhal resgata e, ao mesmo tempo, critica as memórias inesquecíveis do colonialismo e da violência estrutural. A grande contribuição desse *corpus* literário imortal e atual é ajudar-nos a compreender os fatos do país que vivemos hoje, levando-nos a pensar, sobretudo, que a literatura de autoria feminina negra rompe com a “história única”, propiciando à mulher negra falar a partir de si acerca das feridas que não se cicatrizam, como uma ação para preencher os vazios históricos e fissurar o racismo, a discriminação e as injustiças que cerceiam a sua representatividade. Conclui-se que esses textos da autora estão ao alcance do leitor e são instrumentos de poder nas mãos de uma mulher negra que lança reflexões sobre a invisibilidade intelectual de sujeitos afrodescendentes em contexto diaspórico. Como suporte teórico dessas discussões, serão utilizados os textos de bell hooks, Chimmanda Adichie, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Édouard Glissant, Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, dentre outros.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; grito de resistência; escrita política; memórias.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to analyze the writing of Carolina Maria de Jesus (1914-1977), based on the works of her experience: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) and *Diário de Bitita* (2014a) and evidence how latent is the cry of resistance that deafens and bothers the hegemonic standards of our society. It is important to highlight that the author's presence on the literary scene is undoubtedly an emblem of cultural resistance and of the fight against oppression, as she mobilizes herself as a spokesperson for the black subject, exposing not only her ills, but also of many Brazilians who live unprotected by the State. When scarcity emerges, hunger is an ally to rewrite another story: one of tireless struggles for social visibility and for the dream of becoming a writer. Thus, this political and testimonial writing rescues and, at the same time, criticizes the unforgettable memories of colonialism and structural violence. The great contribution of this current and immortal literary *corpus* is to help us understand the facts of the country we live in today, leading us to think, above all, that literature written by black female authors breaks with the “single story”, allowing black women to speak from themselves about the wounds that do not heal, as an action to fill historical voids and crack racism, discrimination and injustices that restrain their representativeness. Thus, we can conclude that these works of Carolina Maria de Jesus are within the reader's reach and are instruments of power in the hands of a black woman who reflects on the intellectual invisibility of Afro-descendant subjects in a diasporic context. Texts of bell hooks, Chimamanda Adichie, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Édouard Glissant, Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, among others, will be used as theoretical framework for these discussions.

Keywords: Maria de Jesus; cry of resistance; political writing; memories.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA E O VALOR LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS	16
3	CAROLINA MARIA DE JESUS – A INTÉRPRETE DO BRASIL DE ONTEM E DE HOJE	37
3.1	MEMÓRIA, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA	45
3.2	DIÁRIO DE BITITA: AS MEMÓRIAS DE SI E AS MEMÓRIAS DO BRASIL	50
4	O PODER DA ESCRITA, A ESCRITA CONTRA O PODER	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	76
	ANEXO A	80

1 INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) nasce da exclusão da vida, vinte e seis anos após a Abolição da Escravatura, em Sacramento, no Triângulo Mineiro, no cerne de uma família marcada pela escravização e pelas consequências indelévels do analfabetismo. Desde criança convive com a escassez de tudo, com os preconceitos, as violências sociais e raciais, e não se resigna às agruras do cotidiano. Migra para o estado de São Paulo, em 1937, ainda jovem, como tentativa de sobrevivência e por lá permanece até sua morte. Depois, instala-se na favela do Canindé onde constrói seu barraco, na capital paulistana e, como catadora de recicláveis, sustenta sozinha seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Além dessa profissão, foi lavradora, empregada doméstica, cozinheira, lavadeira, cantora, compositora e escritora dos mais variados gêneros. Mulher periférica, frequentou apenas dois anos escolares, construiu uma escrita poderosa e repleta de saberes da própria vida sofrida. Consciente desse lugar que ocupava, transformou seu corpo e sua voz em espaços de resistência e fundou uma literatura insubordinada, ao analisar a estrutura desigual da nação brasileira e ao rebater práticas intervencionistas que tentaram violentar seu processo de escrita.

Leitora voraz de textos jornalísticos, Carolina Maria de Jesus tinha o hábito de visitar bancas de jornais para fazer suas leituras, principalmente os comentários críticos de *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada – obra tão sonhada por ela –, que lia enquanto catava os recicláveis. O contato com obras literárias iniciou-se quando ela trabalhava como empregada doméstica e, nas bibliotecas dos patrões, consumia com obstinação todo tipo de leitura, entre elas, Camões, Castro Alves, Casimiro de Abreu e Rui Barbosa, muitas vezes com a ajuda de dicionários. *A escrava Isaura*, romance de Bernardo Guimarães, escrito em 1875, também merece destaque por ter sido o primeiro livro que leu. Muitos desses autores influenciaram seu processo de escrita, por adotar, algumas vezes, o lirismo e termos de outras épocas ou assumir uma visão abolicionista em seus comentários. Sua voz continua viva, no aguardo de manuscritos a serem publicados.

Esta pesquisa investiga a escrita de Carolina Maria de Jesus, pensando sobre o que e como ela escreve, a partir da análise da trilogia de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (2014b), *Casa de Alvenaria* (2021a; 2021b) e *Diário de Bitita* (2014a), e relaciona as especificidades dessa escritura política a questões que dizem respeito à mulher negra, tais como o silenciamento, os não-ditos, a dor, a memória e o corpo como produtor de discurso. Essas fontes privilegiadas deste trabalho levam-nos a conhecermos o assentamento de estruturas racistas e opressoras deste país, o qual permanece imerso em pensamento e projeto coloniais

impostos a grupos minorizados. Cabe dizer que o espólio literário da escritora é majoritariamente autobiográfico, sendo, portanto, inconcebível debruçarmos sobre suas obras de forma isolada de sua biografia.

Considera-se importante destacar que falar, escrever e pensar pela escritora seriam comportamentos patriarcais que a manteriam como objeto e não como sujeito de suas narrativas. Assim sendo, o olhar crítico da pesquisadora desta análise tem sido cuidadoso para não violentar a força dessa escrita com todos os seus atravessamentos. Por isso, nosso objetivo não é falar por ela ocupando ou tomando o seu lugar de fala, mas examinar seus materiais literários a partir de sua voz.

Ao ler as obras supracitadas, o leitor se envolve com sua franqueza, os sofrimentos, os desejos, a solidão e a incompletude. Essa incompletude vem da falta de recursos para sobreviver, do não acesso aos meios culturais, de não ter seus direitos legitimados e não poder exercer a literatura sem ser criticada por jornalistas, críticos ou pela elite literária de sua época, os quais não se conformavam com a presença de uma mulher negra e pobre, advinda da margem e que incomodava demasiadamente. Mesmo assim, Carolina Maria de Jesus não se cala, é teimosa, ousada e faminta por seu processo de escrita, produzindo uma variedade de gêneros dentro e fora dos diários de suas vivências por meio de um relatar/narrar que afronta as relações de poder. São lutas constantes por visibilidade social e intelectual.

Dentro das três obras desta análise, encontra-se uma produção crítica de uma multiplicidade de gêneros (provérbios, poesias, entre outros) da autora que convivem e conversam com suas narrativas, além de uma capacidade alucinada de olhar e analisar pessoas e transportá-las para o universo literário, dando-lhes voz. Inclui-se, também, o talento por composições musicais e interpretação de discursos políticos e religiosos. É dessa forma que Jesus captura o leitor, de maneira arrebatadora, levando-o a conhecer não só a escrita de si como também as experiências de uma coletividade que se encontra nas mazelas sociais. A impressão é que nós, receptores de seus textos, podemos ouvir seus gritos através das palavras escritas, quer seja para visibilizar sua potência criativa, quer seja para questionar a sua cidadania, a partir de seu corpo negro feminino e suas memórias que simbolizam resistência.

É inegável que no *corpus* literário de Jesus habitam travessias, complexidades e inquietações humanas, além de representar inspiração para os sujeitos excluídos da teia social. Hoje a identificamos nos catadores e nas mulheres que estão retirando dos lixos o alimento para seus filhos, nas empregadas domésticas que estudam e rompem o círculo vicioso da opressão, nas pessoas que estão enfrentando filas de açougues para sobreviver ao flagelo da fome e, também, na intelectualidade negra que resiste ao epistemicídio latente neste país.

Carolina Maria de Jesus lança mão de um ato contra-hegemônico, é exemplo de mulher que se move pela educação mobilizando-nos ao conhecimento, ao saber e ao estímulo da leitura. Por isso, ela deve ser respeitada como escritora, intelectual e produtora de um tesouro público para a cultura brasileira e para os diversos espaços do saber. A autora chega à literatura brasileira desafiando o autoritarismo do cânone e acendendo o discurso antirracista. Cada obra nos revela uma mulher muito além de seu tempo, inteligente e envolvida com seu processo de escrita.

Diante do exposto, justifica-se o interesse pela temática desta área investigativa, já que Carolina Maria de Jesus nos apresenta temas atuais, com uma visão crítica, que inspiram a leitura e a escrita, sendo necessário pesquisar suas obras para aprendermos a respeitar a subjetividade do sujeito negro e a compreendê-lo em sua alteridade, por meio de suas lutas e de seu protagonismo, que são vitais para mobilizar a nossa pátria em direção a uma reeducação das relações étnico-raciais. Acrescenta-se à sua verve literária o caráter atemporal em dois sentidos distintos, a saber: o primeiro leva o leitor a perceber a possibilidade de estar em contato com as obras da escritora em qualquer contexto histórico-social e compreender o cotidiano no qual ele está inserido; o segundo, diz respeito às marcas de escravização e colonialismo que não foram apagadas pelo tempo, mas estão vivas e reencenadas no presente.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa pretende resgatar a voz de Carolina Maria de Jesus que orchestra lutas e resistência, reconhecendo-a através de seu grito imortal que atravessa e atravessará gerações. Ademais, pretende-se contribuir de forma significativa para os estudos da linguagem e do discurso, os feministas e de gênero, bem como para a crítica literária, os estudos literários e da preservação da memória. Logo, ao inseri-la na academia amplia-se o conceito de literatura brasileira e fortalece os estudos culturais, com maior abertura para o debate de identidades descentradas e a convivência com diversas vertentes teóricas e metodológicas.

Sabe-se que textos literários, além da fruição, são ferramentas profícuas que estabelecem relação com o mundo exterior, que cumprem seu papel na formação social e humana. Partindo disso, destaca-se que práticas de leituras que oportunizem ao aluno-leitor um espaço onde se respeitam pluralidades e identidades precisam ser enfocadas. Ao trabalhar com estudantes do ensino médio autoras negras, tais como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, Geni Guimarães, dentre outras, a professora desta investigação percebeu que, notoriamente, a literatura aproximou-se da realidade dos discentes (a maioria periférica), levando-os a compreender que, além do que é cultuado como “universal”, existem outros saberes, outras vozes ocultadas no e pelo processo histórico e que precisam ser trabalhadas dentro da sala de aula. Essa proposta tem incentivado de forma significativa ações de estímulo

à leitura e participação em projetos que discutem relações étnico-raciais positivas entre os educandos. Isso não leva à negação do acesso a produções consagradas pelo cânone porque elas também são relevantes para compreendermos contextos históricos-sociais em que são produzidas e, sobretudo, entendermos quem dita as regras do poder e do saber, quem pode falar e ser ouvido.

O educador e pensador Paulo Freire (1996) defende a construção de uma Educação conscientizadora, libertadora e humanizada, tendo o ato de ensinar como uma aspiração que faz parte do professor crítico engajado com o seu processo de formação, mais preocupado com a construção dos saberes e as trocas de experiências do que simplesmente com a transferência de conhecimentos. A pensadora e intelectual estadunidense bell hooks (2013) coaduna com a perspectiva de Freire, ao falar do tédio no ambiente acadêmico e da necessidade de se estimular o prazer de ensinar, do entusiasmo como ferramenta pedagógica, compreendendo a educação como forma de exercer a liberdade. Partindo disso, compreendemos que as produções desta análise também possam servir como suporte de um ensino que estimula alunas e alunos ao pensamento crítico.

A escolha do título desta dissertação está em consonância com o que é analisado sobre o corpo da mulher negra que está marcado por um percurso histórico de opressão, racismo e sofrimento. É, portanto, por meio desse corpo que Carolina Maria de Jesus nos apresenta uma voz de resistência que grita e explode contra a lógica dominante. Certamente, investigar as obras da escritora contribuirá para a restituição dessa memória e o não apagamento desse testemunho.

O problema da pesquisa é tentar descobrir a seguinte questão: por que a voz da mulher negra, nas obras analisadas, não é falada, mas sim gritada, e quais são as ressonâncias desse grito, qual é a ruptura que ele provoca?

Tendo em vista essas questões, a hipótese é identificar a voz da mulher negra como o grito que rompe o silêncio para denunciar as atrocidades. Carolina Maria de Jesus parece construir uma escrita política, problematizando questões que dizem respeito ao corpo negro feminino. A escritura de Jesus parece representar o lugar do subalterno e os silenciamentos, mas refutando esse lugar.

Para sustentar o raciocínio desta investigação, realizaremos uma análise de Spivak (2010) e Kilomba (2019), dos estudos de identidade cultural de Stuart Hall (2003) e Édouard Glissant (2005), e das teorias feministas de bell hooks (2019), Adichie (2015), Djamila Ribeiro (2019) e Lélia Gonzalez (2020).

Para o desenvolvimento desta investigação, pensamos em uma metodologia que envolva uma detalhada e sistematizada pesquisa bibliográfica sobre o tema, perpassando etapas de coleta e análise de bibliografia teórica e crítica a ser utilizada como suporte para a leitura das obras literárias escolhidas. Dessa forma, o assentamento da base do trabalho se dá das seguintes formas: leitura e análise das obras de Jesus; entrevista concedida por sua filha Vera Eunice de Jesus; coleta dos dados temáticos e teóricos, além de análise das interseções entre eles; e, por fim, estruturação de textos contendo propostas analíticas relacionadas às questões temáticas e teóricas levantadas anteriormente. Essas questões possivelmente podem – e devem – ser abordadas isoladamente e, a partir de pontos de interseção, fazem parte desta dissertação.

Na segunda seção, falaremos sobre a literatura de autoria feminina negra e o valor literário de Carolina Maria de Jesus, representado por uma voz empoderada – símbolo de resistência ao enfrentamento do silenciamento social. Anzaldúa (2000) e Evaristo (2016) serão os nomes fundamentais para iniciarmos a discussão. Em seguida, daremos destaque à alteridade e à identidade da literatura negra no Brasil, a partir do pensamento crítico de Glissant (2005). Abordaremos também sobre o corpo da mulher negra como o lugar da construção do sujeito histórico, político e social. Kilomba (2019) e Ribeiro (2019) serão o nosso aporte teórico. Nosso objetivo é investigar as obras que são o escopo desta pesquisa como a escrita que denuncia a subalternidade da mulher negra.

A terceira seção será dividida em duas subseções e abordaremos sobre a importância das obras da autora, as quais debatem questões do Brasil, com base em dados contemporâneos extraídos de fontes jornalísticas. Na primeira subseção, mostraremos como a escrita de Carolina Maria de Jesus é memória, resistência e testemunho. Sendo assim, trabalharemos com Schwarcz (2019), Gonzalez (2020), Souza (2017), Branco (1991) e Florentina Souza (2017). Já na segunda subseção, nosso enfoque é o livro *Diário de Bitita* (2014a), o qual é híbrido de vivências sociais da escritora e acontecimentos históricos.

Na última seção, analisaremos o silenciamento e o esquecimento nas obras de Carolina Maria de Jesus e o poder de sua escrita contra essas forças que emanam do social e do literário. Para sustentar nossa abordagem, teremos como suporte teórico Meihy (1998), Spivak (2010), Adichie (2019) e Kilomba (2019). Dando sequência a esta pesquisa, apresentamos as considerações finais seguidas pelas referências e, por fim, pelo anexo, no qual registramos a entrevista realizada com a professora e filha da escritora, Vera Eunice de Jesus. Tal entrevista enriqueceu o processo desta pesquisa, com a coleta de informações, sendo relevante trazer a voz de uma mulher que reconhece a educação antirracista como mecanismo de transformação

humana e que também vivenciou os dilemas com Jesus, trazendo esse olhar de dentro da favela e que, hoje, é responsável por ajudar a preservar a memória da mãe.

Essa organização foi pensada a fim de podermos compreender a dimensão da escritura de Carolina Maria de Jesus e a resistência que atravessa as três obras analisadas nesta pesquisa.

2 A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NEGRA E O VALOR LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

“Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.”¹

(Jesus, 1996, p.201)

Antes de iniciar qualquer palavra, é importante retomar a epígrafe preliminar desta dissertação, a qual está em conformidade com o grito de resistência na voz de Carolina Maria de Jesus inserido no poema “Clarice no quarto de despejo”, do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (Evaristo, 2021a, p.94), que conversa com nossa investigação.

É notório que a escrita de Conceição Evaristo é permeada de militância trazendo ao centro o protagonismo da mulher negra e suas maneiras de manifestar-se por meio da linguagem ficcional. No processo de leitura, o leitor consegue identificar as relações intertextuais entre *Quarto de despejo*: diário de uma favelada e *A hora da estrela*, respectivamente, das escritoras Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector. Nessa construção poética, existe um diálogo entre Clarice e Carolina – ficcionalizadas como personagens – que, aos poucos revela um lugar de contrastes entre os dois mundos – o clariciano e o caroliniano – e, ao mesmo tempo, de encontro entre ambas. A primeira torna-se observadora do quarto de despejo e, por curiosidade e preocupação com a outra, lhe pergunta: “Onde estiveste de noite, Carolina?” (Evaristo, 2021a, p. 94). A resposta assertiva da segunda “Macabeando minhas agonias, Clarice” (Evaristo, 2021a, p. 94) enfatiza não só os seus sofrimentos, como os de Macabéa, a qual ganha o lugar de enunciação, nesse contexto, corporificada em Carolina. Ao contrário do que ocorre na obra de Lispector, na qual Macabéa é um sujeito que se priva da linguagem e que, devido a isso, sua atuação diante da sociedade e da realidade se dá de forma passiva, pela voz de outros.

Ainda a respeito do poema, Conceição Evaristo reivindica a voz de Carolina Maria de Jesus não só esquecida/apagada pela teia social, como também pela crítica literária brasileira. A temática da fome, sobre a qual analisaremos na seção três, é revisitada no verso “Um amargor pra além da fome e do frio” (Evaristo, 2021a, p.94), um problema que não faz parte das

¹ JESUS, Carolina Maria de. Antologia pessoal. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 201.

vivências da espectadora Clarice, mas que são uma marca da escrita caroliniana. Nos versos “Mas ninguém me lê, Clarice,”/ “para além do resto” (Evaristo, 2021a, p. 94) é escancarada a percepção de Carolina de que o seu mundo está ameaçado pelas injustiças e invisibilidade, fazendo-a sentir-se o “rebotinho” (Jesus, 2014b, p. 37), como dito várias vezes em *Quarto de despejo*.

Considera-se pertinente dizer, de forma breve, que existem semelhanças e diferenças quanto às carreiras literárias de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector, grandes escritoras da nossa literatura. Elas nascem no início do século XX, respectivamente, em 1914 e 1920, e falecem em 1977. O início de suas produções literárias dar-se-á por volta de 1940. Jesus publica *Quarto de despejo* em 1960; já Lispector, *Laços de família* em 1961, ambos pela mesma editora, Francisco Alves. Embora os traços de seus estilos sejam distintos, as duas demonstravam a necessidade incessante da escrita e o excesso de pensamentos. Além disso, a primeira interessava-se por artes tais como a circense e a música, enquanto a outra tinha grande gosto pela pintura. Todavia, cabe-nos a seguinte pergunta: Por que Clarice Lispector sempre esteve em um lugar de destaque nas Letras Nacionais, enquanto Carolina Maria de Jesus permaneceu fora desse lugar? Lamentavelmente, a escritora foi rechaçada por questões de preconceito e boicotada dos meios intelectuais e acadêmicos, o que dificultou que seus escritos chegassem ao público-leitor.

Para tratarmos desta primeira seção, é necessário pedirmos licença a todas as mulheres que, descalças e tropeçando em incontáveis obstáculos, perfizeram um trajeto longo e árduo que abriu janelas de esperança para que outras vozes femininas pudessem existir. Sobretudo, às mulheres negras, atravessadas pela questão da raça, que lutaram e continuam lutando pelo direito à escrita, à vida e ao seu lugar de fala – ferramentas indispensáveis ao combate da discriminação, da opressão e da exploração de seus corpos. Isso, conseqüentemente, representa uma significativa consciência de si e, ao mesmo tempo, empoderamento social, levando-as à ocupação de espaços que lhes foram negados no percurso histórico.

No ensaio “O gênero do som”, publicado na revista *Serrote*, Carson (2020) suscita um debate sobre a questão de gênero criticando os rótulos que a cultura patriarcal constrói a respeito da mulher, pelos sons que ela emite “loucas ou equilibradas, boas, más, confiáveis, depressivas, bom partido, agonizantes, um pouquinho superiores aos animais” (Carson, 2020, p.114) e ressalta que, ao contrário, “para os homens a prática vocal era vista como um modo efetivo de restaurar o corpo e a mente, já que levava a voz de volta ao tom másculo apropriado.” (Carson, 2020, p.116). A autora mostra como a mulher é retratada tanto no processo histórico, quanto por personagens na literatura da Antiguidade clássica como o ser demoníaco, com

desvio de caráter ou de personalidade. O que se nota é que existem barreiras impostas, apoiadas em preconceitos e violência, que ainda precisam ser derrubadas para que essas cidadãs, integrantes da humanidade e construtoras de suas histórias, possam existir, resistir e reexistir a partir do seu lugar de fala, empoderando-se contra o machismo estrutural.

Considera-se importante destacar que, no livro intitulado *O segundo sexo* (1949), Simone de Beauvoir analisa a experiência de homens marcada pela liberdade sempre presente para contar suas vivências e realizar suas funções sociais, ao passo que as mulheres foram moldadas ao pensamento de que traços biológicos as privavam de exercer seus verdadeiros papéis e de terem o direito de enunciação e escuta. Todavia, ao defender a tese de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a filósofa francesa anula esse pensamento do determinismo biológico ao afirmar que a mulher concretiza suas realizações em construções sociais, sendo sujeito de suas trajetórias, com acesso à educação, ao trabalho e aos meios culturais. Concordando com esse pensamento, entendemos que as lutas são fundamentais para quebrar a violência de gênero e conscientizá-la de que um mundo justo possa ser compartilhado.

É pertinente observar que, em relação ao universo literário produzido por mulheres de letras, a constatação desse apagamento é real, já que o quadro é esboçado pelo sujeito heteronormativo e legitimado pelo mercado editorial. Duarte e Paiva (2009) esclarecem que a educação e a literatura foram meios essenciais de inserção da mulher não só na vida intelectual, como também no espaço público, através do magistério, dos salões frequentados por importantes escritores, do periodismo (os jornais de autoria feminina foram relevantes para disseminação de suas produções) e da epistolografia (pela troca de cartas, mulheres estabeleciam redes de comunicação). Segundo as autoras, o uso da expressão “mulher de letras” propõe uma discussão sobre a trajetória feminina em relação ao “homem de letras”:

Roger Chartier, em “O homem de Letras”, retoma a definição de “letrados” proposta por Voltaire, segundo a qual este seria uma espécie de enciclopedista, um homem que possui conhecimentos em todas as áreas do saber, um “belo espírito” dotado de “imaginação brilhante nos prazeres da conversa, sustentados pelas leituras correntes”. Seriam homens de letras, portanto, aqueles homens de estudo e de leitura que conviviam socialmente com seus pares. (Duarte; Paiva, 2009, p. 11, grifos próprios)

Como bem mostra esse quadro, os cercos dessa cultura preconceituosa projetaram uma imagem da figura feminina desprovida de conhecimento – ao contrário do “espírito de sabedoria” encontrado no ser masculino –, incapaz de ultrapassar os muros dos lares ou acessar o conhecimento pelo convívio social. Contudo, em busca de uma defesa de uma educação e de

visibilidade intelectual, a mulher conseguiu, de forma lenta e árdua, quebrar tabus e adentrar o espaço público para participar “dos prazeres das conversas”.

No texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, Gloria Anzaldúa (2000) sinaliza que “Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela (...)” (Anzaldúa, 2000, p.234)² e convoca as mulheres escritoras dos países “em desenvolvimento”³ ao ato da escrita como forma de resistência a tudo que não lhes é permitido revelar: os medos, os silêncios, os não-ditos, os segredos e “seus demônios”, reescrevendo histórias que foram mal contadas e que as silenciaram, resguardando, assim, sua identidade e sua forma de comunicar com o mundo. Nesse sentido, escrever torna-se perigoso porque é um ato político, de bravura e ousadia contra a lógica do mundo dominante. Na última seção desta investigação, abordaremos sobre a escrita de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), relacionando tais obras à escrita perigosa que Carolina Maria de Jesus construiu.

Para realçarmos essa abordagem de Anzaldúa, trazemos o poema de Carolina Maria de Jesus citado na abertura desta seção que vai na contramão do discurso do apagamento e das relações de poder representadas pelo *status* do homem, geralmente hetero e branco, as quais se reproduzem de uma forma cruel, colocando a identidade do sujeito mulher-negra no eterno lugar de inferioridade. No entanto, a poeta, embora marcada pelos atravessamentos de subalternização, resgata a identidade feminina negra por meio de uma escrita que é resultado de uma resistência, revelando um grito poético libertador de seus traumas, apoiando-se na rebeldia de sua palavra escrita como enfrentamento a esse preconceito social, defendendo o seu direito de ser escritora.

Corroborando com o pensamento de Anzaldúa (2000), Conceição Evaristo, no conto “A gente combinamos de não morrer”, da obra *Olhos d’água* (2016), apresenta-nos a célebre frase “Escrever é uma forma de sangrar” (Evaristo, 2016, p.109) para desconstruir a invisibilidade do sujeito negro e resgatá-lo da exclusão social. A partir dessa frase, podemos refletir que, nas experiências da mulher negra, esse sangramento está associado à travessia de dor e, também, ao ato de expurgar as partículas da violência que ultrapassam a fronteira do tempo e do espaço e vão coexistir no presente, reencenadas diariamente nos olhares brancos que condenam e ameaçam. É o espaço de essas cidadãs criarem suas próprias narrativas, como

² Publicado originalmente em ANZALDÚA, Gloria. *Speaking in tongues: a letter to 3rd world women writers*. Words In Our Pockets (Bootlegger: San Francisco), **The Feminist Writers' Guild Handbook**, 1981.

³ No original, Anzaldúa usa a expressão “Terceiro Mundo”, a qual, em tempos atuais, foi substituída por outras como “em desenvolvimento” ou “Sul Global”.

oportunidade de agarrar-se à vida, resistindo às ameaças do mundo, como as insistentes práticas de violência. Observa-se um diálogo entre ambas as autoras no que se refere à força de produção de um conhecimento que esteve por muitos anos no subterrâneo e emerge jorrando vitalidade, conduzindo-se pelo ato de temer, de provocar mudanças nas relações de poder e de incomodar. Logo, a palavra, neste contexto, é ação, força e superação que salva.

A partir dessa possibilidade de contar a dor, militando-se pelo fortalecimento da identidade negra e pelo espaço de saber, inserimos o espírito inquietante da escritura de Carolina Maria de Jesus, o qual desequilibra as imagens estereotipadas por discursos hegemônicos: “Minha cor, certamente, concorria para que eu não pudesse realizar as minhas aspirações. Revoltava-me. [...] não sei muito o português, mas duvido que haja por aí pessoa bem mais inspirada do que eu.” (Jesus, 1960, p.1-3). Essa declaração foi publicada em “Poesia, fogões e panelas...”, no jornal “A noite”, Rio de Janeiro, na edição de 20 de dezembro de 1960, no mesmo ano de lançamento de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, na qual Jesus deixa claro a existência de barreiras para adentrar no mercado editorial e mostra sua indignação frente ao contexto racial e de gênero, não se calando, ao contrário, sua literatura é legitimada por um grito que ensurdece as instâncias de poder e as injustiças plantadas contra a população negra e as minorias deste país.

Segundo Tom Farias (2018, p.122), por volta de 1940/1942, Carolina Maria de Jesus visitava jornais e revistas para publicar suas poesias – evidência de uma experiência literária já consolidada, embora não reconhecida. Ao passar pelo Rio de Janeiro, foi entrevistada por um jornalista do jornal *A noite* a quem dirigiu o seguinte comentário: “Assim sendo, eu quero arranjar um ‘batente’, como dizem os cariocas, mas longe dos fogões e das panelas, entre as quais a poesia não se dá bem...” (Jesus, 1942, p.1-3). Esse comentário foi registrado no mesmo veículo, em 20 de dezembro de 1960, ao ser “revelada” por seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Como se pode perceber em seu depoimento, Jesus já possuía uma consciência sobre as condições às quais ela pertencia, contudo ela refuta permanecer subalternizada e se defende como poeta. Mulher, negra, pobre, mãe solo por opção, esta escritora mineira multifacetada e de origem periférica sempre carregou as marcas da exclusão social, porém as transformou num espaço de resistência, e atravessado por questões de raça, classe e gênero, como vemos em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) e *Diário de Bitita* (2014a).

Cumpramos ressaltar que no *corpus* literário da escritora estão *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Provérbios* (1963),

Pedaços da fome (1963), *Diário de Bitita* (1986), *Antologia pessoal* (1996) e *Meu Estranho Diário* (1996). Ao lado desses, encontra-se *Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos* (2018), publicado postumamente e organizado por Raffaella Fernandez. No entanto, Jesus não para por aí, compôs a obra musical *Quarto de despejo*: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições (1961), pela gravadora RCA-Victor. A produção expõe a compositora com uma visão crítica do meio social em que vive, consciente tanto das injustiças quanto da força da mulher, exaltada nos versos de “Vedete da favela”, samba regravado pela cantora Virgínia Rodrigues no recente álbum “Cada voz é uma mulher”, de 2019 (Ferreira, 2021). Além disso, há cerca de cinco mil manuscritos da intelectual que ainda não estão ao alcance de seus leitores, segundo levantamento da pesquisadora Fernanda R. Miranda em *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras* (2019), que reconhece não só a manifestação de um silenciamento material mas também de sua vitalidade autoral, ou seja, a envergadura literária de Jesus sempre esteve erroneamente associada à restrição, devido a uma construção discursiva que ataca seus “erros” de português e sua condição “semianalfabeta”.

No prefácio de *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), Conceição Evaristo endossa: “Ainda que não tivesse o estudo formal da língua portuguesa, Carolina lia Camões, Euclides da Cunha, *As mil e uma noites*, lendas gregas[...]” (Evaristo *apud* Jesus, 2021a; 2021b, p.16). Na mesma obra citada, Jesus relata: “[...] o senhor Homero Homem e o senhor Barbosa Mello reuniram em torno de uma mēsa e começaram a conversar. Falamos dos meus livros que eu pretendo escrever, e do atual livro que é uma antologia.” (Jesus, 2021a, p. 117). Essas afirmações demonstram que Carolina Maria de Jesus foi uma mulher culta e uma escritora de versatilidade em relação ao uso da linguagem em seus textos e que vivia constantemente em letramento. Na entrevista concedida, Vera Eunice comenta que Carolina Maria de Jesus sofreu o racismo na pele por ser negra, inteligente e por falar bem.

Em outubro de 2023, a Companhia das Letras anunciou o lançamento do romance *O escravo*, de 208 páginas, escrito por Carolina Maria de Jesus, que procura restituir o seu projeto literário, tornando a sua voz cada vez mais conhecida e viva, convidando-nos a novos desafios e perspectivas. A obra inédita é oriunda do resgate de manuscritos deixados pela ilustre autora, os quais encontram-se abrigados no Museu Histórico Municipal Corália Venites Maluf, em Sacramento, Minas Gerais. Não se sabe bem ao certo em que momento da vida Jesus escrevera o texto, mas, pela memória de Vera Eunice de Jesus Lima, sua filha, teria sido antes de seu nascimento, em 1953. É bastante oportuno dizer que o Conselho Editorial conservou os

registros dos manuscritos e as marcas autorais do sujeito da enunciação. Na narração, é apresentada uma história de amor e desilusão entre dois jovens – Rosa e Renato – pertencentes a classes sociais distintas e que acabam seguindo caminhos opostos. No prefácio “Carolina Maria de Jesus, nossa preta mãe, inventa o romance proverbial”, Denise Carrascosa mostra ao leitor que a escolha de Jesus pelo gênero romanesco “produz uma espécie de *phármakon*, remédio-veneno em doses moduladas de ironia, sabedoria, pedagogia a fazer sua nação revisar o seu destino.” (Carrascosa, 2023, p.21). Portanto, tal publicação é muito significativa e representativa para uma escritora que ainda carece de respeito e justiça. Ademais, trata-se de material de estudos para pesquisadores e pesquisadoras, responsáveis por inscrevê-la no espaço da historiografia literária.

Considera-se importante sinalizar que, embora o analfabetismo predominasse na família de Carolina Maria de Jesus, a escritora seguiu e perseguiu as trilhas da literatura. Numa trajetória de incontáveis obstáculos, pôde frequentar apenas dois anos escolares – o suficiente para fazer da leitura e da escrita hábitos inseparáveis – empoderando-se a partir de um contínuo processo de letramento e lutando por visibilidade social e intelectual. Com o estômago quase sempre vazio e o pensamento transbordante, escrevia para canalizar seu sofrimento e torná-lo matéria-prima para lapidar seu processo criativo e denunciar as injustiças de quem vive à margem: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.” (Jesus, 2014b, p. 29) e “Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como.” (Jesus, 2014b, p. 162) e “O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou com o custo de vida.” (Jesus, 2014b, p.161).

Ao se tornar célebre com a publicação da obra *Quarto de despejo*, nos idos 1960, com o qual pôde gritar a sua voz insubordinada, mas nem sempre ser ouvida, Jesus expôs sua cultura ao Brasil e ao mundo, teve o acesso a bens culturais como teatro, cinema, viagens e livrarias e saiu da favela com seus filhos João José, José Carlos e Vera Eunice para uma moradia própria, com comida farta. Em 24 de novembro de 1960, em um relato de *Casa de alvenaria*, o leitor tem acesso à mudança de vida pela qual Carolina Maria de Jesus e os filhos passaram: “Os filhos andam alegres porque podem comprar frutas para comer, eles que catavam no lixo.” (Jesus, 2021a, p.144). Parece que a escritora tem consciência desse contexto de transformação social: “Os meus filhos estão confusos com a mudança brusca de nossa vida.” (Jesus, 2021a, p. 145), logo em seguida, é a voz de Vera-menina que suscita uma série de reflexões sobre aquele ambiente novo: “- Nós vamos viver sempre assim? Agora eu estou na casa de alvenaria. A senhora recorda as enchentes da favela? A água entrava dentro de casa.” (Jesus, 2021a,

p.145). Fica evidente que o deslocamento da favela à “sala de visitas” não apaga da cabeça de Carolina Maria de Jesus e sua prole as recentes lembranças da favela. Eles saíram da favela, mas a favela não saiu da vida deles.

Segundo Tom Farias, em seu livro *Carolina: uma biografia* (2018), Carolina Maria de Jesus é descrita da seguinte forma:

Autodidata, muito esforçada no rumo do seu saber, pois lia rotineiramente toda a sorte de literatura e tinha curiosidade sobre coisas e a realidade ao seu redor, Carolina aprendia por viver perguntando ou por simplesmente ouvir os outros falarem, dentro ou fora do ambiente familiar. Também lia de tudo, mesmo que sofregamente, todo tipo de livros ou jornais, mesmo velhos, e muitas vezes, por falta de opção, os relia como se fosse pela primeira vez. (Farias, 2018, p. 70)

A voz desta intelectual ecoou e continua a ecoar profunda e verdadeiramente em cada palavra escolhida para descrever o percurso de uma vida marcada por hostilidades e ausência de solidariedade humana. Embora imersa na miséria, rechaçada por apresentar seus textos às redações dos jornais e revistas de São Paulo, anos anteriores à revelação de *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus colocou música nas palavras, orquestrou seus versos e pavimentou uma literatura a seu modo – provocativa e revolucionária – que a revelou ao Brasil e ao mundo, gritando com toda força discursiva e rompendo com o discurso de emudecimento: “Eu disse: o meu sonho é escrever!” (Jesus, 1996, p. 201). Como se nota na potência desse verso, a autora persegue o sonho de ser escritora e, claramente, escancara um projeto poético e literário avesso às expectativas sociais, as quais a subjugam ao papel de lavadeira ou até mesmo de doméstica – espaços considerados subalternizados que são frutos da falsa democracia racial no Brasil. A contragosto dessa visão manchada de rótulos, a voz discursiva de Jesus se lança avessa à sociedade racista e sexista, optando por combater o caminho da margem, ao querer se comunicar com o mundo como mulher de letras.

Nos tempos de empregada doméstica na grande São Paulo, nos intervalos de suas labutas, em meio a suas leituras, desenvolveu o gosto pela poesia com demasiada força e talento: “Tenho sofrido tanto só por amor à Musa, que me persegue e me inspira com uma obsessão incrível” (Jesus *apud* Farias, 2018, p.118). Isso a impele a buscar publicações na imprensa jornalística, aos vinte anos de idade. Em muitos momentos, era recebida com desdém e preconceitos como ela própria destaca em seu poema, citado no livro *Carolina: uma biografia* (2018), de Tom Farias: “Que fiquei triste do desprêso do povo pelo poeta. Mas agora estou na

maturidade e não impressiono com as filáucias de quem quer que seja...” (Jesus *apud* Farias, 2018, p.121). Já em outros periódicos, como o *Folha da Manhã*⁴, em 1940, a aprovação da publicação de seus poemas era resultado de esforço e determinação de uma mulher marginalizada que rompe com o destino ao se fazer escritora que vive a dor para escrevê-la.

Retomando o pensamento de Anzaldúa (2000), concordamos com a assertiva de que a escrita é um ato político e de resistência que se vale como arma de combate às atrocidades da ordem opressora e realçamos, aqui, que a escrita potencializa a voz da mulher para registrar a sua história e sobreviver ao esquecimento, principalmente para a mulher negra. Anzaldúa (2000) ainda considera que a mulher deve escrever em qualquer lugar, quer seja na cozinha em meio a suas tarefas, quer seja na rua, mas o faça sempre. No caso de Carolina Maria de Jesus, a confirmação desse ato político é latente: “A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra.” (Jesus, 2014b, p.154), mostrando sua indignação em relação à sua invisibilidade intelectual. Como destaca Vera Eunice de Jesus, em entrevista concedida a este trabalho, que está na seção *Anexos*, era hábito da mãe sair para catar papel portando lápis no bolso, às vezes ela interrompia a atividade laboral e parava para escrever ali mesmo nas ruas ou, quando estava em casa, consumando o ato na folha de papel sobre as costas da filha. Com o passar do tempo, após a publicação de *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, já morando no sítio em Parelheiros, o ofício era executado debaixo de uma árvore. De fato, escrever, para esta intelectual, é preencher-se de vida e de seus saberes.

Compreende-se a literatura como um elemento formador, que se baseia no nosso tempo, atuando na imaginação de seus leitores e é o espaço em que se fala e se é ouvido. Por meio de textos literários surgem denúncias das injustiças sociais inseridas em determinado contexto sócio-histórico, permitindo-nos entender o presente.

Em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), Édouard Glissant analisa o discurso literário a partir de uma poética da relação, sob o viés da inclusão da cultura, do pensamento e das narrativas dos povos em construção. Para este autor, é necessário reivindicar a presença de uma literatura fundadora de uma comunidade que respeita e se preocupa com a identidade do *outro*, problematizando as relações humanas:

Viver a totalidade-mundo a partir do lugar que é o nosso, é estabelecer relação e não exclusão. Penso que a literatura em torno dessa questão da identidade inicia uma época em que ela produzirá épico, um épico novo e contemporâneo. (Glissant, 2005, p. 80)

⁴ Trata-se, àquela época, de uma das “folhas” do grupo *Folha de São Paulo*.

Partindo dessa perspectiva, entendemos que a literatura não se faz do nada, ela surge de um lugar, de uma subjetividade e deve ver e compreender o homem (a espécie humana) como parte do mundo, um ser cultural. Assim, são inegáveis o constante movimento e a convivência de culturas e línguas do mundo que nos atravessam. As produções literárias de Jesus recuperam a memória sofrida da população afro-brasileira, revelando-nos a força do discurso que expurga as dores e os sofrimentos mais profundos. Por isso, suas obras – escopo deste trabalho – colocam a mulher negra enquanto sujeito social, histórico e político – e não como objeto – produtor de conhecimento com histórias muito significativas que rompem com o vazio construído pelo passado escravocrata, preenchendo-o com uma escrita que resgata a luta coletiva de pessoas subalternizadas. Ademais, essas histórias vêm irrigadas de uma consciência que nasce do lugar de fala da mulher negra que não se cala, mas grita com força e resistência contra o sistema de dominação, refutando a estrutura opressora e o silenciamento.

Ao que se refere à intelectualidade de escritoras negras, existe uma desigualdade pungente, porque as Letras Nacionais criam barreiras, não autorizando a sua participação, tampouco o direito de expressão e de representação. Na contramão desse sistema excludente, a literatura de autoria feminina negra traz para o centro de suas narrativas a voz do sujeito negro, ao acolher seu protagonismo, suas dores e afetos, respeitando sua identidade e diversidade étnico-racial em defesa de uma resistência cultural.

É importante realçar que, ao se falar em literatura produzida por cidadãos e cidadãs negros, a definição quanto ao termo tem promovido muitas discussões entre os estudiosos. A expressão “literatura negra” é adotada por intelectuais que pensam que essa produção é atinente à parte da população brasileira que não se encontra na ideologia dominante e que não vislumbra seu lugar no cânone literário. Todavia, ater-se à nominação é crucial para não fazer contraposição entre “literatura negra” e literatura branca”, já que é ilógico associar a literatura à cor. (Bernd, 1988, p.21). Zilá Bernd (1944-) também é responsável pela organização de *Poesia negra brasileira: antologia* (1992) por meio da qual reuniu cem anos da história literária brasileira, enfocando a construção e o desenvolvimento de uma consciência negra no texto poético. A obra ilustra autores negros que perfazem a trajetória do período pré-abolicionista aos grupos Quilombhoje, coletivo fundado em 1980 para discutir, produzir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Cuti, pseudônimo de Luiz Silva (1951-), é um dos fundadores e ativistas.

No que tange à “literatura negro-brasileira”, Cuti (2010) debate essa questão compreendendo que, o texto escrito de autores negro-brasileiros “nascidos na e da população brasileira” (Cuti, 2010, p.45-46) está centrado na ideia de uma produção que se engaja na luta antirracista. Outro ponto é que, para Cuti, não é coerente dizer que a literatura afro-brasileira abarca por completo essas complexidades porque ela surge da oralidade, associando-se em parte à tradição africana e, em outra, à cultura do Brasil. Como o intuito desta dissertação não fazer adesão a uma das nomenclaturas, optamos por literatura de autoria feminina negra, por considerarmos mais abrangente no que diz respeito à mulher negra.

Em *Memórias da plantação: episódios de um racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba reconhece a escrita para o sujeito negro como “um ato de tornar-se” (Kilomba, 2019, p. 28). Isso significa que, para a mulher negra, num contexto de silenciamento ditado pela violência colonial, ela é capaz de inverter essa configuração, apoderando-se da escrita como “um ato político” (Kilomba, 2019, p. 28) ao fazer-se sujeito e anulando a sua condição de objeto, ou seja, reconstruindo a própria história através de sua voz.

Dentro desse contexto, a escritura de Carolina Maria de Jesus está representada por um engajamento oriundo de suas próprias vivências em interação social. É uma voz de dentro – do gueto, da senzala, do quarto de despejo –, incitadora da voz da mulher negra, que abrange lembranças e memórias de quem viveu a escravidão: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (Jesus, 2014b, p. 32) e “[...] O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite.” (Jesus, 2014b, p. 121), que revela a subjugação de quem vive aprisionado pelas heranças amargas do colonialismo e da violência racial.

Segundo Raffaella Fernandez, no artigo “O espólio literário de Carolina Maria de Jesus” (2016), a ânsia pelo fazer literário é perseguida pela intelectual bem antes da publicação de *Quarto de despejo*, em 1960, obra que a revela ao Brasil e é traduzida para o mundo em mais de quatorze idiomas àquela época. No entanto, desde 1940 sua figura comparecia a redações de jornais, buscando publicar suas poesias, peças de teatro e outros gêneros, como pode ser percebido a seguir:

Quando eu era empregada doméstica, trabalhava com má vontade, porque o meu desejo era ser artista. Queria ser cantora. Quando eu via uma artista no palco, invejava-a. Nos meus dias de folga lá estava eu, ou no teatro, ou nas rádios e na redação do Jornal O dia. Conversando com o saudoso Chico Sá, pôis pretendia ser escritora. Quando eu escrevia versos ia na redação para ouvir a opinião do senhor Francisco de Sá. Uma noite entrei na redação e disse: o senhor quer ouvir os últimos versos que escrevi? O senhor Francisco Sá coçou a Cabeça e disse-me: – oh, meu Deus! Porque é, que Eu não nasci surdo! (Jesus *apud* Fernandez, 2016, p. 12-13).

Como se observa, Jesus era uma mulher independente e de mil facetas, mostrando-se capaz de ultrapassar os limites de sua marginalidade, reeditando a vida por iniciativas próprias, refutando trabalhos considerados subalternizados e demonstrando vocação para a escrita – instrumento para questionar o sofrimento e, ao mesmo tempo, superá-lo. A ocupação da escritora no palco da Literatura Brasileira é, indiscutivelmente, muito relevante para o desmascaramento da nossa história, a qual se banha em marcas de injustiça, preconceito e discriminação.

Para a pesquisadora Fernanda R. Miranda (2019), a qual analisa a nossa história cultural a partir do mapeamento do *corpus* de romances de autoras negras brasileiras publicados, de 1859 até 2006, ao abordar sobre Carolina Maria de Jesus: “Trata-se de uma autora que visibiliza intensamente as marcas da condição nacional racista dentro do sistema literário brasileiro.” (Miranda, 2019, p. 161). Vale lembrar que, marcada pela diáspora, Jesus problematiza o racismo, desconfigurando a história oficial: “Quando os pretos falavam: – Nós agora estamos em liberdade. – Eu pensava: ‘Mas que liberdade é essa se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes?’” (Jesus, 2014a, p.59). Como se nota, essa voz discursiva não quer se calar, mas descamar as fortes marcas raciais daquela época – que persistem no Brasil atual – que retiram do negro a possibilidade de viver e de ser respeitado socialmente. Ao contrário disso, Jesus está falando a partir de seu olhar de mulher negra, que sabe que ser negro é ser visto como bandido que corre da polícia.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), identificamos um trecho por meio do qual se constatam atribuições negativas à pessoa negra: “[...] Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios.” (Jesus, 2014b, p. 30). Já em *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), como moradora da “sala de visitas”, essa reflexão não passa despercebida: “[...] mas, quando estou entre os brancos, tenho a impressão que eles detestam a minha presença, ou talvez seja, a não estar habituada com as damas, que não sabem o que é passar fome.” (Jesus, 2021a, p. 137) e complementa: “[...] Tenho a impressão que estou num mundo de joias falsas.” (Jesus, 2021a, p. 137-138). Carolina Maria de Jesus tem consciência de que seu corpo é negado em razão de sua pele negra retinta e que isso causa mal-estar naquela sociedade que a exclui por ser mulher negra e por sua origem periférica.

No panorama das três produções analisadas neste trabalho, destacamos uma escrita política e atual. Jesus apresenta-nos um pensamento crítico acerca da presença negra na sociedade brasileira. Suas narrativas contam a sua história, não pelo olhar do opressor, mas pelo olhar do sujeito atravessado pela opressão: “Eu já sabia que as raças hostilizadas no mundo

eram: os negros, por causa da cor; os ciganos, por serem nômades, ladrões trapaceiros e não terem pátria; e os semíticos, porque brigaram com o Cristo.” (Jesus, 2014a, p. 63). Portanto, é através de uma voz de resistência que radiografa a realidade brasileira e diagnostica com precisão as chagas das desigualdades, da discriminação, da fome e das misérias.

A palavra que talvez traduza o mundo social é diversidade. Os sujeitos humanos são, incontrolavelmente, atravessados por culturas, etnias, línguas, identidades, imigrações, migrações, entre tantas circunstâncias. A própria deflagração de Covid-19 no ano de 2020 mostrou essa convergência entre os povos. Nesse contexto, esses sujeitos deveriam questionar seu pertencimento com mais consciência crítica e política, por meio de suas lutas para tentar viver democraticamente. É o caso dos movimentos da comunidade LGBTQIA+, dos indígenas⁵, da negritude e dos feminismos, em defesa de seus direitos, combatendo opressão, violência, intolerância, preconceito e racismo.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2019) analisa o conceito de identidade na pós-modernidade, apontando três construções de identidades acerca das mudanças estruturais pelas quais o mundo passa desde o Iluminismo até o século XX. O sujeito do Iluminismo “estava baseado na concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades e de razão [...]” (Hall, 2019, p. 10). O sujeito sociológico era formado pelas relações sociais que transmitiam os valores e sentido sobre o mundo que ele habitava, contrapondo-se à ideia de que o indivíduo era autossuficiente e autônomo. Para o autor, as transformações sociais, por consequência, são responsáveis por modificar velhas identidades em novas, fragmentando o indivíduo moderno, que não pode ser compreendido como sujeito unificado, mas como resultado das suas relações culturais com a sociedade. Esse sujeito pós-moderno está inserido no fenômeno da Globalização, a qual “é um complexo de processos e forças de mudanças que deslocou as identidades culturais no final do século XX” (Hall, 2019, p. 39).

De acordo com Hall, tais atravessamentos contribuem para a construção de nossa identidade cultural na pós-modernidade: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, raça ou gênero, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como uma grande família nacional” (Hall, 2019, p. 35). No entanto, para Hall, essa forma de tentar sustentar uma identidade nacional deixa de existir porque configura uma estrutura de poder e “as nações modernas são, todas, híbridas

⁵ Considera-se relevante citar a comunidade LGBTQIA+ e os povos indígenas porque são grupos que, lamentavelmente, estão na rota da discriminação, do genocídio e dos discursos de ódio. Neste trabalho, eles não são o foco da investigação, no entanto não é procedente aceitar o apagamento de suas vozes.

culturais.” (Hall, 2019, p. 36). No caso do Brasil, em que há diferentes populações na formação do povo brasileiro, existem muitas identidades culturais que estão em relações umas com as outras a partir de seus atravessamentos.

Édouard Glissant (2005) dialoga com Hall sobre esse movimento cultural e linguístico que habita a humanidade, ampliando uma reflexão sobre a identidade e a alteridade (relação entre o *eu* e o *outro*) em países de colonização europeia. O dominador, em seus discursos para “justificar” a dominação, é o *eu* que subjuga as questões identitárias do *outro* – o dominado. No entanto, o autor critica essa visão dominante, excludente e produtora de discursos hegemônicos, pois a imbricação cultural é um fenômeno inevitável entre os povos. Ademais, defende a poética da relação, visto que há diferentes visões de mundo que precisam conviver e ser respeitadas:

[...] A questão do ser não se apresenta mais a partir da visão dessa solidão vantajosa à qual havia se reduzido o pensamento do universal. O universal transformou-se em diversidade, e esta o desordena. O que significa que a questão do ser, por si só, não supõe mais a legitimidade, desviada que é pelos assaltos das diversidades concorrentes do mundo. Em outras palavras, o que dita as “regras” não é mais o antigo direito universal, mas o acúmulo das relações (Glissant, 2005, p. 81-82).

Com base nessas discussões, a poética de Jesus é o pilar para o grito da negritude, reconhecendo suas lutas e revelando sua subjetividade, seu íntimo, sua história, suas dores e seus silêncios. Representa-se como espaço de reflexão política e de resistência da mulher negra: “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.” (Jesus, 2014b, p. 43). Como se nota, uma das tônicas da sua linguagem é posicionar-se contra as adversidades da vida e refutar as condições de miserabilidade que lhe são impostas. Sua escrita, certamente, destina-se à luta consciente por libertação dessa opressão e ruptura a tais barreiras sociais: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (Jesus, 2014b, p. 27).

Sojourner Truth (1797-1883), pseudônimo de Isabella Baumfree, mulher negra feminista, abolicionista e defensora ferrenha dos direitos das mulheres, nasceu escravizada em Nova Iorque e trabalhou como empregada doméstica. Não sabia ler nem escrever, mas se tornou uma oradora de grande capilaridade com o discurso “E eu não sou uma mulher?⁶”:

⁶ Em 21 de junho de 1851, o discurso “E eu não sou uma mulher?” foi transcrito e publicado no jornal *The Anti-Slavery Bugle*, por Marcus Robinson, jornalista que estava na plateia e amigo de Truth. Juntos revisaram o texto. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em 13 de set. 2021.

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? [...]

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. [...] (Truth, 1851, sem página)

A voz inspiradora desta ativista afro-americana diz muito a respeito da mulher, sua invisibilidade e o tratamento recebido por homens de sua época: frágil e intelectualmente débil. Nota-se neste famoso discurso “E eu não sou uma mulher?”, proferido na Convenção dos Direitos da Mulher, no dia 29 de maio de 1851, em Ohio, nos Estados Unidos, um profícuo debate sobre as representações do feminismo, as quais, evidentemente, asseguravam as mulheres brancas, com o apagamento da mulher negra, como pode ser observado na passagem: “Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher?” (Truth, 1851, sem página). Dessa forma, o que se percebe é que a atuação das mulheres negras, desde muito tempo, tem sido resistir diante dos discursos dominantes para serem sujeitos políticos, como confirma Sojourner Truth – personalidade corajosa que constrói um discurso potente à altura de Carolina Maria de Jesus nas obras que encorpam nossa investigação – na luta pela abolição e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Outro nome que vem a contribuir acerca da representatividade da voz da mulher negra é o de bell hooks (2019)⁷, defensora do feminismo como a luta constante pela liberdade, não só individual, mas coletiva, capaz de expressar o sofrimento dessa população em decorrência da interseccionalidade entre raça, classe e gênero. A autora ressalta a importância de erguer a voz como um ato político rompendo com o discurso autorizado na ordem social, para que a mulher possa falar de si sem se colocar no lugar de objeto, mas como sujeito em nome de suas lutas:

Para mim tem sido um esforço político me agarrar à crença de que há muito sobre o que nós – pessoas negras – precisamos falar, muito que é privado e que deve ser compartilhado abertamente, se for para curarmos nossas feridas (dores causadas pela dominação, exploração e opressão), se for para nos recuperarmos e conscientizarmos. (Hooks, 2019, p. 26-27)

Como se nota, o engajamento de hooks (2019) na e pela luta feminista suscita importantes reflexões sobre as marcas de opressão herdadas do patriarcado e da estrutura racista que, lamentavelmente, representam de forma negativa a existência e a experiência de pessoas negras em seu país, os Estados Unidos. Tais reflexões também são inegáveis no caso do Brasil que, até hoje, é atravessado por essas feridas que nunca cicatrizaram e são constantemente reabertas. Assim, essa voz discursiva representa luta, resistência e inspiração para a mulher negra, a qual tem sido ferozmente violentada pelas relações de poder.

Embasada em pensadoras feministas, Djamila Ribeiro, em sua obra *Lugar de fala* (2019), amplia as discussões supracitadas, apresentando-nos seu ponto de vista acerca do feminismo negro e do lugar de fala de pessoas negras. Segundo Ribeiro (2019), a voz desses cidadãos é um espaço de direito perante sua invisibilidade social, isto é, serve para reivindicar o direito à própria vida e para quebrar o silenciamento. Dentro desse contexto, essa ferramenta legítima essa voz empoderada, trazendo ressignificações, principalmente, para as mulheres negras que são apagadas no âmbito social, dando-lhes visibilidade e ação política em relação ao sistema de supremacia branca:

⁷ bell hooks (1952-2021), pseudônimo de Gloria Jean Watkins, adota o nome de sua bisavó Bell Blair Hooks, em homenagem a suas lutas e inspiração. A escritora, professora e ativista feminista estadunidense registra o nome com iniciais minúsculas, autenticando sua escrita como produto de um corpo negro e suas complexidades. Neste trabalho que busca erguer a voz feminina negra, optamos por fazer o mesmo. A obra *Erguer a voz*: pensar como feminista, pensar como negra foi publicada nos Estados Unidos em 1989, e no Brasil em 2019.

[...] As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. [...] (Ribeiro, 2019, p. p.62-63).

Dentro desse contexto, o lugar de fala de tais mulheres, de acordo com Ribeiro (2019), é um instrumento para conscientizá-las da sua condição de sujeitos históricos e políticos, subvertendo a lógica do discurso dominante, reconstruindo a própria vida através de seus protagonismos. Esse empoderamento político e intelectual proposto pelo feminismo negro diz muito acerca de mulheres preocupadas com suas opressões e envolvidas no enfrentamento às desigualdades, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, cujo discurso político está encorpado nas obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) e *Diário de Bitita* (2014a).

A partir das abordagens de Truth (1851), hooks (2019) e Ribeiro (2019), que reconhecem as vozes femininas negras com esse poder contra-hegemônico, podemos dizer que o arcabouço literário de Jesus é ancorado pelo lugar de fala da mulher negra, representado por um discurso potente e subversivo em reação ao assentamento de estruturas racistas e de injustiças sociais brasileiras, posicionando-se com uma voz, um grito de resistência pela reexistência e pelos direitos violados:

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatorio. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 2014b, p. 108).

Nesse trecho de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), as observações da narradora-protagonista, enquanto sujeito que analisa o mundo, não se furtam em denunciar as estruturas racistas presentes naquele Brasil pós-abolição do século XX. Em sua visão crítica, essas práticas seguem perpetuando ações violentas contra as pessoas negras, desumanizando-as. Dessa forma, a autora costura seu diário com episódios cotidianos da favela, fazendo um recorte em tempo real do nosso país marcado pelos traumas da escravidão, e traz suas reflexões sobre dor e injustiça.

Carolina Maria de Jesus tece sua literatura com a subjetividade de mulher negra e engajada, extrai das experiências cotidianas uma escritura lapidada na resistência, cujo

percurso combate o silenciamento social e transgride o lugar da invisibilidade que lhe é permitido ocupar, como se vê num trecho de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (2014b): “... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais.” (Jesus, 2014b, p. 54). Isso nos permite dizer que sua escrita é política por romper com a estrutura de opressão, buscando representar o lugar dos questionamentos em relação à fome, à miséria e às desigualdades. Esse ato político a autora exercita nos três livros centrados neste trabalho.

De acordo com o que se observa, Jesus escreve a partir do lugar da alteridade de mulher negra e periférica. Ao utilizar uma linguagem própria e enxuta, constrói suas narrativas verdadeiras colhidas de sua experiência como moradora da extinta favela do Canindé, em São Paulo, e atravessadas pela consciência de que está sempre à margem da vida, colocada para o lado de fora, rejeitada como objeto em desuso: “os lugares do lixo e dos marginais”. Este estar de fora é o elemento principal do universo caroliniano que nos é apresentado pela ampliação de suas radiografias críticas. Assim, suas peregrinações, como catadora de papel, materializam-se numa autoridade expressiva para falar das mazelas humanas. Ao esboçar esse quadro de um Brasil portador de desigualdades, descrevendo a favela como o lugar feio, precário, degradado e abandonado por seus governantes, leva-nos a examinar os miseráveis reais que estão à deriva e a sua falta de tudo: moradia digna, educação, saúde pública, comida, infraestrutura e dignidade humana. Ao mesmo tempo, a beleza de sua escrita encontra-se no ato de resistência contra as penúrias sociais:

Quando eu fui catar papel encontrei um homem preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (Jesus, 2014b, p. 54).

Evidenciam-se, nesse relato, as condições deploráveis de vida das “minorias” que residiam na referida favela, em 1950. A fome é enfermidade real que atravessa toda a obra. Carolina Maria de Jesus, a partir do seu universo feminino, desmascarou aspectos da sociedade que estavam ocultos, através da sua linguagem direta, dos seus testemunhos de uma realidade amarga, com seu pensamento aguçado e crítico. Além desses miseráveis, a obra faz um recorte, sobretudo, das mulheres migrantes, pobres, praticamente analfabetas e que exerciam trabalhos

considerados subalternizados na esfera social, tais como empregadas domésticas, cozinheiras, catadoras, lavadeiras e outros.

Cabe dizer que essa escritura produzida por uma mulher independente, trabalhadora e mãe solo, também revela uma consciência crítica sobre a existência da desigualdade de gênero, percebida nas relações sociais. Na visão caroliniana, o homem, inegavelmente, é visto dentro do patriarcado com suas relações de poder intactas em relação à mulher, com a sua voz autorizada na qualificação do falar, do agir e do seu colocar no mundo, como está exemplificado em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (2014b):

... Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar debaixo do arco-íris você vira homem. (Jesus, 2014b, p. 53-54).

Evidentemente, ao expor que queria virar homem, a protagonista está apontando as desvantagens que a mulher tem em relação à simbologia do ser masculino: ele é legitimado historicamente por sua voz hegemônica e por seu pertencimento social. Dessa forma, a literatura caroliniana questiona a “história única”, contada pelo ponto de vista masculino, e aprofunda uma análise sobre a mulher que não pode ocupar os mesmos espaços e que é vista como subalternizada. Esse discurso de insubordinação da autora contra o domínio do patriarcado comprova a existência de uma escrita de combate. Segundo Duarte (2003):

[...] Na maior parte das vezes, entende-se como feminismo apenas o movimento articulado de mulheres em torno de determinadas bandeiras; e tudo o mais é relegado a notas de rodapé. Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. (Duarte, 2003, p. 152)

A partir do que expõe Duarte (2003), constata-se que no trecho de *Quarto de despejo* (2014b) supracitado há uma escritura – enviesada por um “gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher” – que é construída por um corpo que potencializa resistências diante da estrutura desigual da sociedade brasileira, legitima sua voz com veemência e reivindica por direitos e justiça. Além disso, está marcada, conscientemente,

pelo seu ideal como escritora: “[...] um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. [...]” (Jesus, 2014b, p. 49). Carolina Maria de Jesus reiteradamente irá confessar nos diários de sua vivência a vocação para literatura.

Carolina Maria de Jesus analisa criticamente o mundo e não se conforma com as injustiças, o analfabetismo, as desigualdades, o racismo e a misoginia. Ao construir uma literatura engajada, questiona o poder do patriarcado ao propor que lideranças femininas também podem ter o poder de decisão, porque sabe que o poder do mundo está concentrado nas mãos do homem: “Uma mulher havia mandado um rei cortar a cabeça de São João Batista! Pensei: “As mulheres também mandam no mundo! Ah! então eu também vou mandar, só que não consentir que cortem as cabeças dos homens. [...]” (Jesus, 2014a, p.27). Com esse discurso, Jesus ergue a sua voz contra as estruturas sociais arraigadas.

Em uma entrevista à Tayrine Santana, ao ser interpelada sobre a função, a representatividade das histórias construídas por autoria negra, Evaristo (2020) explica que:

É incomodar. É jogar no rosto da casa-grande o que é que nos foi feito e, inclusive, marcar esse presente que ainda tem essa marca do passado, se você pensa na condição em que se encontra a grande maioria da coletividade negra brasileira, e não só a brasileira como a diaspórica. Basta a gente olhar o que acontece com o negro nos Estados Unidos para ter certeza que não é só no Brasil. Tem aí uma escrita ou proposta de escrita – e eu torno a afirmar que não é só no campo literário –, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. (Evaristo, 2020, recurso online)

Com base no que Evaristo (2020) propõe, num contexto diaspórico brasileiro, as histórias de sujeitos negros precisam ser reformuladas por eles para incomodar as estruturas arraigadas que violentam a negritude. Nesse sentido, a *escrevivência* “é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente.” (Evaristo, 2020, recurso online). O termo, cunhado por Evaristo em sua dissertação de mestrado, é usado na literatura para representar experiências e vivências de uma coletividade negra que vem marcada por essas memórias silenciadas, ocultadas e, ao mesmo tempo resistentes, porque não podem apagar ou vitimizar pessoas. Assim, é bastante oportuno dizer que, por trás da escrita do indivíduo negro, principalmente, as mulheres negras, essa

literatura de *escrevivências* coloca o sujeito em lugares que ele pode estar, onde ele se representa, também onde se revela, resiste e resgata a sua voz como o exercício de cidadania.

Concordando com Evaristo (2020), é indispensável pensar as *escrevivências* que estão em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Diário de Bitita* (2014a) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) como espaços de representação das experiências coletivas e nos quais está ancorado o grito de resistência contra as violências estruturais. O processo de escrita de Carolina Maria de Jesus existe como um memorial para a coletividade negra e o povo brasileiro. Essa literatura chacoalha a versão dos fatos da história construída pelo olhar branco, revela as verdades mais profundas, levando-nos a revisar o presente e o passado da nossa história nacional que não nos foi contada pelas memórias da dor, mas vangloriando os feitos de protagonismos brancos.

Podemos perceber, portanto, que os diários de Jesus trazem o corpo da mulher negra constituído de memórias históricas, experiências, lembranças e traumas do passado, porém combatendo as marcas de opressão e as misérias da vida. Além disso, o corpo é o lugar da resistência e da força. Sua escritura insubordinada traz esse espaço de ruídos que perturbam. Ao contrário dos silêncios, os relatos suscitam protestos ou questionamentos em relação a quaisquer formas de violência. Dessa forma, a autora provoca o processo de naturalização das mazelas sociais que gera uma situação de invisibilidade e indiferença.

Na próxima seção, nossa abordagem não só mostrará a atualidade das produções literárias de Carolina Maria de Jesus, como também os espaços de memória, testemunho e resistência que elas configuram. Assim, por meio dessas produções, a escritora debate temáticas que ultrapassam a fronteira do tempo e do espaço.

3 CAROLINA MARIA DE JESUS – A INTÉRPRETE DO BRASIL DE ONTEM E DE HOJE

“Dezenove milhões de brasileiros acordam atualmente sem saber se vão conseguir alguma refeição para o dia. Dois anos atrás, eram 10 milhões.”
(G1.globo.com, 2021, sem página)

Observando os dados desta reportagem, percebemos que o Brasil, sobretudo, nos anos de 2019 a 2022⁸, sob o comando de um governo de extrema direita, se assemelha muito àquela esboçado com toda a verdade e coragem por Carolina Maria de Jesus nos anos 1950, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), que expôs nossas mazelas, inclusive ao exterior. Assistimos a lamentáveis condições de quem está à margem sofrendo violências extremas e sentindo na pele a constatação de não ter como se alimentar. Nesse panorama, constata-se que tal agravante tem como causa a retração de programas que se voltam para o estímulo da agricultura familiar e ao combate à fome: “59% dos domicílios brasileiros passaram por situação de insegurança alimentar durante a pandemia.” (Carranço, 2021). Os problemas não param por aí, porque há um esvaziamento de políticas públicas com pouquíssimo interesse na redução do agravamento das desigualdades.

Na reportagem “ ‘Até o feijão nos esqueceu’: o livro de 1960 que poderia ter sido escrito nas favelas de 2021” (Carranço, 2021), publicada na BBC News, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) ganha realce quando a temática central é a fome e seus miseráveis – uma realidade atual entre milhões de brasileiros. A frase em destaque na manchete está na referida obra, em 23 de maio de 1958: “[...]Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. [...]” (Jesus, 2014b, p.43). Carolina Maria de Jesus expõe a ferida ao analisar que é impossível sobreviver se o alimento não chega às famílias, se a má distribuição de renda é a causa da extrema pobreza alargando a desigualdade entre os mais pobres.

Comparando os dois momentos – 1950 e o período do governo de Jair Messias Bolsonaro –, os contextos sócio-históricos e culturais são bem distintos, no entanto, perceberemos paridades (com diferenças nas percentagens) entre eles em relação ao número de

⁸ Esta dissertação coletou dados de uma época atravessada pela Covid-19, de um governo genocida que negou a gravidade da pandemia e se omitiu em relação à vacinação. Em consequência disso e de uma má gestão política, muitas vidas brasileiras foram ceifadas, enquanto o desemprego e a fome se alastraram vertiginosamente.

habitantes, a concentração da população em áreas urbanas e as taxas de analfabetismo, as quais irão se diferir somente nos dados numéricos:

Por exemplo, naquela época, éramos cerca de 52 milhões de brasileiros e hoje somos mais de 211 milhões. Pouco mais de 36% da população de então era urbana, comparado a 85% hoje. Metade da população de 15 anos ou mais era analfabeta, ante menos de 7% de analfabetos atualmente. (Carranço, 2021).

Vítima também desse Brasil da fome e da miséria, Jesus debate questões cruciais sobre a nossa nação, as quais nos conduzem à busca por justiça e equidade para todos. A força dessa arte atemporal pode ser (re)interpretada à luz do século XXI com o intuito de compreendermos a dimensão dos problemas aos quais o povo brasileiro, desassistido pelo Estado, enfrentou no período recente: alargamento da má distribuição de renda, crescimento desenfreado do número de desempregados (quase 15 milhões em 2021) e de moradores de ruas, além da população carente que enfrenta filas em açougues a fim de receber pedaços de ossos para saciar a fome. No dia 16 de julho de 1958, há um relato em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) que nos leva a pensar sobre o Brasil atual, a partir do olhar de dentro da favela, por alguém habitante daquele espaço: “[..] Passei no Frigorífico. Havia jogado mais linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. (...) Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. Então recorro ao lixo.” (Jesus, 2014b, p. 93), ao realçar as dificuldades de pessoas daquela época que enfrentavam a epidemia da fome. Ademais dessa deflagração dos marginalizados, ainda existem diversas barreiras estruturais que violam a dignidade e os direitos humanos, tais como: a mortandade de sujeitos e suas vozes⁹, o desemprego maciço, o crescimento de moradores de rua, os acentuados discursos de ódio na teia social e nas redes sociais, o custo de vida elevado e a truculência da polícia brasileira contra corpos negros. Obviamente, as consequências para as gerações futuras do país serão bastante drásticas se não houver interesse de políticas públicas em sanar essas complexidades.

A escrita afiada de Carolina Maria de Jesus não se debruça apenas em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2024b), visto que em *Casa de Alvenaria* (2021a; 2021b), a autora, como nova habitante da “sala de visitas”, rememora o fantasma da fome avassaladora, tão insistente e real, além dos problemas estruturais que assombram os moradores da favela do

⁹ Citamos aqui o caso de João Alberto Silveira Freitas, soldador, homem, negro, 40 anos, assassinado em 20 de novembro de 2020 em loja do Carrefour, no Rio Grande do Sul, por dois seguranças brancos. Causa da morte: asfixia. Caso semelhante ocorreu em maio daquele mesmo ano com George Floyd nos Estados Unidos, que desencadeou manifestações pelo lema “Vidas negras importam”. MADUREIRA, Daniele. Racismo: como a educação brasileira acentua desigualdade racial e apaga os heróis negros da história do Brasil. **BBCNEWS**. 21 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55032588>>. Acesso em: 19 de nov. de 2022.

Canindé, de onde saíra, de maneira hostilizada por eles, e acompanhada de seus três filhos, após alcançar o sucesso de sua primeira obra.

Numa passagem do dia 6 de setembro de 1960, referente à sua segunda obra, Jesus visita Canindé para ser fotografada e entrevistada para uma reportagem e registra os seguintes comentários de David Saint Clair, jornalista da Revista *Life*, semanal norte-americana do grupo Time-Life extinta em 2000: “-Este povo passa fome, são subnutrido, é um quadro que eu desconhecia no mundo. Já vi miséria, mas assim... é pungente.” (Jesus, 2021a, p. 41) e complementa: “-Sabe Carolina! Aqui no seu país, o governo é para alguns. E não é para todos. (...). O título do seu livro, está de acordo com este ambiente. (...) Quem reside aqui tem que comêr o que encontra no lixo.” (Jesus, 2021a, p.41). Como podemos perceber, Carolina Maria de Jesus já não reside na favela, mas existe uma necessidade de revisitar os problemas que afligem seus moradores. Dessa forma, *Quarto de despejo* (2014ba) é citado em *Casa de alvenaria* (2021a).

Continuando na referência da mesma data de *Casa de alvenaria*, Jesus dá voz a pessoas de sua convivência transformando-as em personagens, como é o caso de Saint Clair. Ao mesmo tempo, insere no diário os questionamentos à ineficiência do Estado em não sanar estruturas enraizadas que, fatidicamente, operam deixando as massas mais pobres cada vez mais empobrecidas. Em diálogo com o supracitado jornalista, Jesus insere o seguinte comentário: “Olhando isto aqui, a gente tem a impressão que o país não tem governo. O povo aqui, deve ser revoltado e discrente da vida este povo é igual a grama mêsmo, crescendo não galga, espalha-se pelo solo.” (Jesus, 2021a, p.41) e finaliza: “O David St. Clair entrou dentro do meu barracão que está quebrado (...). Percorri o quintal, depois abri as janelas para ver se tinha... comida. O dilema dos favelados.” (Jesus, 2021a, p.42). Logo em seguida, Carolina Maria de Jesus e a imprensa saem da favela e vão a uma churrascaria. Lá, ela, consciente e perplexa da mudança brusca que *Quarto de despejo* havia provocado em sua vida, inclusive a possibilidade de frequentar outros espaços, faz uma análise crítica sobre o que se come na favela e como se vive: “(...) O José Carlos molhava o pão no guaraná, é que eles já comêram limonada com pão, quando eu não tinha café. Comendo aquela comida granfina eu pensava nos favelados que são os pauperrimos do país.” (Jesus, 2021a, p. 42-43) e “-Eu, que comia nas latas do lixo, hoje... almoço nos restaurantes de luxo.” (Jesus, 2021a, p. 43). Nesse mesmo dia, a escritora visita uma faculdade de Direito, cujo nome não é citado, e é muito bem recebida pelos estudantes, que lhe fazem algumas perguntas sobre Canindé, e ela responde: “(...) Disse-lhes que os favelados lutam para alimentar-se devido o custo de vida.” (Jesus, 2021a, p.44) e segue suas observações: “Procurar um lugar enxuto livre das águas na enchente, que os moveis que eles

compram descolam na enchente, perdem os colchões e alguns tem que ficar dentro d'água. Eu fiquei na água um mês por não ter aonde ir.” (Jesus, 2021a, p.45). Embora neste momento da vida Carolina Maria de Jesus não esteja mais atormentada pelo flagelo da fome, devido ao sucesso de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, suas incansáveis indagações pelas dores do *outro* permanecem vivas em seu processo criativo.

Em diversas sociedades do mundo as fomes coletivas aterrorizam e causam desespero, provocando um verdadeiro deslocamento humano a inúmeras partes do planeta. Esse pensamento de Josué de Castro está presente em *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço* (2022), lançado em 1946, que alude às multidões famélicas encontradas, por exemplo, na Índia, no Extremo Oriente, em áreas devastadas pela tirania nazista ou nos imigrantes europeus do século XIX. Na atual conjuntura global, são recorrentes imagens de refugiados que tentam escapar de guerras, de crises alimentares ou de grupos terroristas que afrontam milhares de vidas. Segundo o autor, a fome coletiva é “um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome.” (Castro, 2022, p. 42). Como se sabe, essa calamidade não só afeta a saúde física, como a psicológica, destruindo a dignidade humana.

Ainda sobre a obra de Castro, seu surgimento ocorre no contexto de redemocratização do país após a ditadura do Estado Novo e sua reedição, em 2022, é propícia e atual quando o número de brasileiros que passam fome chega a 33 milhões de pessoas e a desigualdade social se eleva consideravelmente. Para Josué de Castro, a raiz do problema da fome no Brasil tem relação direta a fatores políticos e históricos, como por exemplo a implantação do sistema colonial que empobreceu o país a partir da lapidação dos nossos recursos esbanjados pelos portugueses. Isso conseqüentemente gerou a concentração da economia nas mãos de poucos e elevou a má distribuição de renda.

Em relação à temática da fome, observamos um diálogo entre Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita* (2014a), quando a autora relata no capítulo “A fazenda” a importância que a vida rural teve para sua família que trabalhou plantando e colhendo: “Plantamos arroz, feijão, milho, cana e vassouras. Como é bom ter terras para plantar! [...] E o ventre da terra é fecundo. A terra é feminina, é a mãe da humanidade.” (Jesus, 2014a, p.133) e “Que vida gostosa! Eu ficava deslumbrada com a fartura. Verduras e frutas, para mim aquilo era a terra prometida ao Moisés que eu tive a ventura de encontrar.” (Jesus, 2014a, p. 133). Carolina, a mãe e o padrasto trabalharam tanto que estavam felizes pelo alimento que os saciavam e lhes permitiam viver dignamente, mesmo que por um período

curto, antes de serem expulsos. Conforme exposto por Josué de Castro, criar estratégias políticas para reduzir a fome é uma forma de libertar o povo.

Outra temática bastante lúcida que está na análise de Jesus diz respeito à exploração e à usurpação do trabalhador rural, em condições análogas à da escravidão. A escritora compôs, em 1939, o poema “O colono e o fazendeiro” e o publica no jornal *Folha da Manhã*, em São Paulo, no dia 25 de fevereiro de 1940, retomando-o em *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961, p. 92-93), *Casa de alvenaria* (JESUS, 2021a, p.162-164) e *Antologia Pessoal* (JESUS, 1996, p.147-149). Em *Diário de Bitita* (2014a), a autora-narradora diz: “Foi por sofrer muito nas fazendas que escrevi uma poesia: ‘O colono e o fazendeiro.’” e completa: “O pobre, não tendo condição de viver dentro da cidade, só poderia viver no campo para ser espoliado. [...] os fornecedores de habitantes para as favelas são os ricos e os fazendeiros.” (Jesus, 2014a, p. 141). Seguem os versos em sua íntegra:

Diz o brasileiro!
Que acabou a escravidão
Colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tustão.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar.
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar.

Cinco da madrugada
Toca o fiscal a cornêta
Despertando o camarada
Para ir para a colhêita

Chega a roça. O sol nascer
Cada um, na sua linha
Suando e para comêr
Só feijão, e farinha

Nunca pode melhorar
Esta negra situação
Carne não pode comprar
Pra não dever ao patrão.

Fazendeiro ao fim do mês
Da um vale de cem mil reis
Artigo que custa sêis
Vende ao colono por dez

Colono não tem futuro
 E trabalha todo o dia.
 O pobre não tem seguro
 E nem aposentadoria

Ele perde a mocidade
 A vida inteira no matto
 E não tem sociedade
 Onde está o seu sindicato?

Passa o ano inteiro
 Trabalhando. Que grandêza
 Enriqueçe o fazendeiro
 E termina na pobreza

Se o fazendeiro falar:
 Não fique na minha fazenda
 Colono tem que mudar
 Pôis não ha quem o defenda

Organisa um sindicato
 Para o infausto colono
 Que passa a vida no matto
 Sem recurso no abandono

Colono quer estudar
 Adimira o saber do patrão
 Que deve lhe estimular
 Dando-lhe instrução. (Jesus, 2021a, p. 162-164)

Lamentavelmente, a interrupção dos estudos de Carolina Maria de Jesus deu-se por volta de 1923 desencadeada pelo círculo vicioso da miserabilidade na vida de seus familiares que, desesperançosos com a falta de emprego, não tiveram escolha a não ser trabalhar como colonos em fazendas de Uberaba, Minas Gerais: “Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber o meu diploma.” (Jesus, 2014a, p.131). Com a enxada na mão de sol a sol, em condições inóspitas, Carolina, dona Cota (sua mãe) e o padrasto sofreram com a prepotência e arrogância de fazendeiros, até serem expulsos com dívidas e sem o resguardo de direitos trabalhistas – fato muito similar ao caráter da mão de obra escravizada implantada no macabro capítulo da história do Brasil que transformou seres humanos em objetos.

Como se nota, o poema faz uma denúncia ferrenha à forma como o lavrador era submetido e superexplorado por fazendeiros em condições de trabalho semelhantes ao sistema escravocrata, sem fiscalização ou direitos trabalhistas, contraindo dívidas com os patrões e

mantendo-se à margem da pobreza em prol do enriquecimento destes. É interessante perceber que o sujeito lírico do poema supracitado fala de si, mas também insere um cuidado em relação à coletividade: “O pobre não tem seguro / E nem aposentadoria” (Jesus, 2021a, p.162-164). Isso denota a preocupação com o outro que se encontra, ali, num estado de vulnerabilidade, que não consegue sair do cerco que o impede a buscar um futuro melhor: “Colono quer estudar” (Jesus, 2021a, p.162-164). De fato, esse olhar reconhece que a educação é sinônimo de necessidade para o sujeito empoderar-se e oportunizar condições melhores de sobrevivência.

Para o Ministério Público do Trabalho de São Paulo, tal prática é imposta a crianças ou adultos e “se estabelece quando o trabalhador está submetido a trabalho forçado, jornada exaustiva, situação degradante de trabalho, restrição de locomoção em razão de dívida contraída com empregador, retenção de documentos e objetos pessoais.” (Geledés, 2022). Na mesma reportagem, são fornecidos dados de um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2019: “mais de 6 milhões de brasileiros e brasileiras dedicam-se a serviços domésticos. Desse total, 92% são mulheres – em sua maioria negras, de baixa escolaridade e oriundas de famílias de baixa renda.” (Geledés, 2022). Esse quadro estatístico sinaliza as consequências irreparáveis para esses cidadãos escravizados: a perda de cidadania, infrações graves à liberdade e à saúde. Entendemos que leis mais severas poderiam corrigir e restituir a dignidade humana dessas pessoas.

No relato de 21 de maio de 1961, de *Casa de alvenaria*(2021b), a escritora – naquele momento já havia saído da favela do Canindé – embora seu olhar de mulher periférica permanecesse dentro de si – para tornar-se habitante do bairro Santana, em São Paulo –, há um comentário irônico sobre as classes sociais de maior privilégio que não se importam com a situação dos mais pobres: “Circulei meu olhar pela plateia. Contemplando aquela burguesia bem nutrida, bem vestida. Ouvindo a palavra fome, palavra Abstrata para eles e Concreta para mim que fui aluna da fome por longos anos.” (Jesus, 2021b, p. 338). Observa-se que o uso das palavras “abstrata” e “concreta” com iniciais maiúsculas confere à narradora-protagonista um tom de ironia, descrevendo aquela sociedade como incapaz de conhecer o processo da fome e da miséria, ou de se colocar no lugar de pessoas marginalizadas. Essa aversão ao outro, isto é, ao sujeito periférico é analisada aos olhos de uma mulher negra e pobre que, “aluna da fome por longos anos”, não se esquece de seu passado.

No paratexto “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus”, de *Casa de alvenaria* (2021a), Conceição Evaristo destaca que “[...] A escritora experimentou, desde a infância, todas as dificuldades que marcaram a vida dos descendentes dos ex-

escravizados no período conhecido como pós-abolição.” (Evaristo *apud* Jesus, 2021a, p.13) e complementa: “sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la.” (Evaristo *apud* Jesus, 2021a, p.13). Em concordância com essas assertivas, pode-se dizer que as três obras de sua vivência inserem narrativas reais que ultrapassam as fronteiras da favela e vão ao encontro do mundo e dos invisíveis travestidos de farrapos e espoliados por um sistema que os deixa cada vez na base da pirâmide social, expostos ao estado de indignância.

Considera-se importante mencionar que a pergunta feita pela narradora-protagonista, em *Diário de Bitita* (2014a), ecoa em nosso imaginário buscando uma resposta: “– Será que vamos ter um governo que preparará um Brasil para os brasileiros?” (Jesus, 2014a, p. 39). Leia-se: um Brasil no qual pessoas pobres, periféricas, negras, indígenas, trans e mulheres possam usufruir de itens básicos da Constituição, como o direito à educação, à moradia, à renda, ao respeito e à dignidade. É esta reivindicação que constitui a espinha dorsal da obra e que nos provoca uma reflexão e revisão críticas desta *terra brasilis*. Como se constata, a escritora não nasce no círculo oficial de nossas Letras Brasileiras, mas funda uma poética¹⁰ atravessada pelo sujeito periférico e sua cultura.

De acordo com Glissant (2005), somos atravessados por culturas, línguas, diferentes paisagens, mortes e os problemas da mundanidade. Essa dor e essa imagem atravessam a escrita do poeta e sua criação: “Falo e escrevo na presença de todas as línguas” (Glissant, 2005, p. 49), tal qual acontece na produção literária caroliniana que fala diante das complexidades humanas: “Os poetas sensatos/Não tiveram filhos/Não deixaram sementes/porque o mundo é ingrato/sofre-se, diariamente.” (Jesus, 2021a, p. 226) e “[...] Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. [...] Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.” (JESUS, 2014b, p. 61). É através dessa escrita consciente e testemunhal que conhecemos essa opacidade do outro, do sujeito marginalizado, suas cicatrizes não cauterizadas e a luta diária para resistir à fome.

Partindo dessa análise, pode-se dizer que as três obras de Jesus são ferramentas legítimas, atuais e atemporais que fortalecem o grito de resistência da mulher negra contra a forte estrutura que sustenta os privilégios de quem está nas relações de poder. Assim, seu

¹⁰ O uso da expressão foi inspirado no próprio crítico Édouard Glissant (2005) que faz sua análise sobre o fazer literário que tenta entender o outro. Nesta pesquisa, o reconhecimento pela voz do outro – o sujeito periférico – é primazia para nossas abordagens. Portanto, referir-se ao trabalho literário de Jesus como poética é uma forma de reconhecer seu estilo e respeitá-lo.

discurso constitui uma potência política contra o discurso dominante: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.” (Jesus, 2014b, p. 29) e “Porque só os homens ricos é que podiam dizer: “Sabe com quem você está falando?”, para mostrar a sua superioridade.” (Jesus, 2014a, p. 38). Ademais, apresenta uma dimensão real e profunda sobre as camadas mais baixas da população – e o que é viver em estado de miséria absoluta:

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. Ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres. (Jesus, 2014b, p. 42).

Com base no que que foi exposto aqui, Jesus produz uma literatura que se relaciona com a sociedade, refletindo as complexidades do passado e do presente do Brasil, por meio do seu grito de resistência. Suas narrativas representam não só suas travessias de dor, mas também as de uma coletividade. É a partir dessas perspectivas que sua escrita política alcança os problemas que destituem os cidadãos brasileiros. Portanto, essa escritura é uma chave para ler e compreender o sujeito subalterno de sua época e de agora. Essa riqueza literária nos ensina sobre a consciência histórica da formação da nossa cultura brasileira e é testemunho da exclusão social e do abandono do Estado em relação aos menos privilegiados.

Nas subseções seguintes, abordaremos sobre a importância da memória e do testemunho – contribuições das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Diário de Bitita* (2014a) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) – para o legado da cultura brasileira. Além disso, são representações de resistência diante da nossa História com narrativas para lembrar, escrever, incomodar e registrar.

3.1 MEMÓRIA, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA

Como se sabe, os museus que abrigam a nossa História, em sua maioria, guardam a memória de personalidades que ocupam o patriarcado branco e, também, são lugares de preservação da memória colonial, ressaltando o “heroísmo” das monarquias europeias e da elite luso-brasileira. Fala-se em barões, imperadores, mártires, mas pouco se conhece acerca de

Zumbi dos Palmares e sua resistência contra os domínios do sistema escravagista ou, ainda, João Cândido Felisberto, que liderou a Revolta da Chibata, em 1910, na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro, combatendo os maus-tratos e a má alimentação na Marinha. É estarrecedor constatar que o nosso povo desconhece ou nega a história de africanos e africanas arrancados de seu berço, escravizados e trazidos ao território brasileiro para sustentar a economia deste país, com o ocultamento de suas narrativas e trajetórias. Isso significa que estamos diante de um apagamento histórico, um silenciamento de vozes que permanece intacto há anos.

A transmissão dessa memória que massacra e oculta a participação negra é proveniente do regime escravocrata implantado no Brasil – uma enfermidade que se beneficiou de corpos negros por não haver no país legislação que proibisse tal prática, ou seja, havia uma “legalidade” que a sustentasse. A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz afirma que “Imperou no nosso território uma grande bastardia jurídica, a total falta de direitos de alguns ante a imensa concentração de poderes nas mãos de outros.” (Schwarcz, 2019, sem página). Isso acarretou uma série de problemas que enfrentamos ainda nos dias de hoje: o racismo estrutural e a violência contra a negritude e, em contrapartida, a completa apropriação de privilégios da branquitude. Na prática, nossa população tem dificuldades para aceitar, por exemplo, que a Lei de Cotas/12.711/2012 não é esmola para sujeitos negros espoliados há mais de quinhentos anos, mas sim uma restituição da dignidade dilacerada. Essa Lei foi criada com o intuito de garantir a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a estudantes provenientes integralmente de ensino médio público. Nesse painel de 50%, também são oferecidas vagas para pretos, pardos e indígenas. Diante disso, é urgente que as lutas e a resistência se fortaleçam cada vez mais por políticas de ações afirmativas e antirracistas.

É importante destacar que, na entrevista que se encontra no *Anexo A*, Vera Eunice de Jesus, ao afirmar que mesmo tendo sofrido o racismo, Carolina Maria de Jesus era uma mulher inteligente e empoderada, que sabia falar. Além disso, ela realça a importância de sujeitos negros terem o conhecimento das cotas: “Para nós hoje vencermos o racismo e nos prepararmos para ele, nós temos que vencer através do estudo. Temos que saber falar, questionar, ver os nossos direitos, conhecer as nossas leis que nos favorecem.” (Eunice, p. 85) e completa: “Então eu tinha tudo para não dar certo, criada na favela, comia do lixo. E eu fui pelo caminho do estudo. Eu acho que estou num patamar até favorável pela história de vida que tive com a Carolina.” (Eunice, p. 85). Esses depoimentos da professora mostram como há impactos na vida de cidadãos o acesso à educação, agregando direitos da população que foi historicamente marginalizada.

As recentes “comemorações” do Bicentenário da Independência do Brasil, no último ano de mandato do então presidente Bolsonaro, deflagraram o escandaloso poder das elites e sua visão conservadora do passado colonial, a qual vangloria as narrativas dos “vencedores” da história e blindam essas forças estruturais. O coração de Dom Pedro I, conservado em formol desde 1834, foi recebido por uma horda de militares bajuladores, como se o ex-imperador ainda estivesse vivo. Essa memória distorcida, amparada por discursos “ufanistas” e pela comunicação da mídia, revela-nos como o autoritarismo se envergou contra a democracia brasileira e se omitiu das reais necessidades de nossos cidadãos. De um lado estava uma parcela da população desfilando confortavelmente em seus veículos com a bandeira nacional tremulando pelas ruas do País, exibindo cenas de “patriotismo”. Do outro, a grande maioria abalava-se com os colapsos: inflação corrosiva, desemprego, insegurança alimentar, as consequências de uma ausência de plano governamental para conter o avanço da Covid-19 que passou de 620 mil casos desde o início da pandemia (Correio Braziliense, 2022), as desigualdades, uma violência extrema embasada em discursos de ódio e a destruição da Amazônia. Além disso, opressões se impuseram às mulheres – principalmente, às negras –, aos indígenas, à população trans e aos periféricos. Definitivamente, essa não é a independência que o povo desta nação espera, tampouco a memória que queremos ter para as futuras gerações. Precisamos, portanto, de uma independência legítima pautada em reformas política, social e cultural e de uma educação em prol da cidadania e do progresso brasileiro.

Num país multicultural formado historicamente por indígenas, africanos e europeus, é inegável o patrimônio cultural desses povos e a presença da africanização que ocorre através de alguns elementos como a linguagem, a culinária, a capoeira, o frevo, o maracatu e o samba. Gonzalez (2020) diz que o Brasil é uma “América Africana” ou uma *América Ladina* para definir a cultura brasileira tão bem representada por vocábulos oriundos de línguas africanas e pela presença negra que se faz em nosso território nacional, no carnaval, no samba, na umbanda e no candomblé. No entanto, a nossa verdadeira história está impregnada de violência e de uma memória ocultada e negada: a diáspora africana motivada pela explosão do tráfico entre os séculos XV e XVIII, que resultou em um fenômeno muito além de um gigantesco deslocamento geográfico. Trata-se da separação brutal de inúmeras famílias as quais, transformadas em objetos e desumanizadas, perderam sua identidade em substituição a um rastro de dor que não se apagou jamais. O estupro contra a mulher negra forjou a nossa miscigenação e o racismo, um dos legados do macabro capítulo da história do Brasil, continua perseguindo inúmeras vidas. Soma-se a isso o assombroso apagamento – imposto pelas monarquias europeias – de diversas línguas, religiões e manifestações artístico-culturais.

Vale salientar que, para a população negra, a memória é o registro desse vazio e dessas lacunas, dessas narrativas que nunca param de ser escritas, como testemunho daquilo que não se apaga, de vozes que devem ser ouvidas e de ensurdecimentos que devem ser rompidos. Kilomba (2019, p. 224) afirma que escrever é uma forma de “ressuscitar uma experiência traumática e enterrá-la adequadamente”. Isso significa que essa memória é perturbadora porque registra os traumas do passado atravessados pelo tempo e pelo espaço, não de forma linear, mas de forma espiralar, abrindo o debate sobre a importância das vidas negras.

Rosane da Silva Borges, em *Sueli Carneiro* (2009), ressalta: “Não é de hoje que se reivindica a devida e justa escritura da contribuição do negro em diversos setores e áreas da atividade humana, para além daquilo que foi pré-fixado pela oficialidade discursiva.” (Borges, 2009, p. 12). É um déficit documental, sobretudo para as mulheres negras, cujas camadas de opressão são nitidamente mais profundas, como é o caso de Carolina Maria de Jesus – rechaçada pela historiografia literária, sem o estatuto de escritora. Opondo-se aos discursos vazios construídos sobre a identidade negra, Jesus revoluciona as Letras Nacionais resgatando memórias não só individuais, mas que fazem parte de uma coletividade. Assim, as obras desta pesquisa têm um caráter de resistência, ao analisar e documentar as atrocidades contra a mulher, a população negra e periférica, revolucionando a história da literatura brasileira e a nossa História, contando-nos uma outra versão cercada de omissões, apagamentos e silenciamentos que não está impressa no discurso único.

A filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez no ensaio “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (2020, p. 78)), considera relevante destacar dois conceitos: *consciência e memória*, ao abordar a maciça presença negra no nosso território. Em relação ao primeiro, a autora enfatiza que ter consciência significa estar em um lugar de exclusão e de esquecimento do patrimônio cultural e da memória, ocultando-a a partir de uma verdade do discurso dominante que se impõe sobre vozes silenciadas. Por outro lado, a memória é “o lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade” (Gonzalez, 2020, p. 78), ou seja, ela é importante para que o sujeito negro possa emitir sua voz de resistência contra o discurso do dominador e possa lutar contra o reducionismo. Por isso, no caso da mulher negra, urge o empreendimento coletivo de se buscar o seu pensamento, retirando-o das bordas e colocá-lo no centro do debate.

Reforçando essas discussões, Florentina Souza afirma que as escritoras negras “ao assumirem a posição de sujeitos da escrita, elas rompem com o determinismo instaurado por séculos que aponta para as mesmas exclusivamente o lugar de serviçais e objetos.” (Souza,

2017, p.22). No caso de Jesus, nas três obras em análise, percebemos essa busca constante pelo direito intelectual e pela defesa de sua identidade cultural, através de seu discurso de resistência frente às adversidades de seu cotidiano. A escritora tem consciência crítica de que a literatura pode excluir indivíduos que não fazem parte de um lugar de elite: “Alguns criticos dizem que sou pernóstica quando escrevo – os filhos abluiram-se – sera que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o classico?” (Jesus, 2021a, p.69) e “Tem pessôas que saem da universidades para ser escritora. E eu sai da favela. Sai do lixo. Sai do quarto de despejo. [...] E fui prejudicada por uma classe de brancos...” (Jesus, 2021b, p. 423).

Partindo desses exemplos, constatamos que Carolina Maria de Jesus, em seu processo de criação literária legitimado por seu corpo, resgata suas memórias, por meio das quais denuncia a invisibilidade de grupos subalternizados, o racismo estrutural e a opressão: “Porque quem predomina no pais são os brancos. E os pretos são predominados.” (Jesus, 2021b, p. 425), “E eu cheguei a conclusão que tudo que êxiste no mundo, é imposto pelos brancos. Êles é que cultivam o preconceito.” (Jesus, 2021b, p. 423) e “Dia 19 eu fui na festa da escritora Clariçe Lespector que ganhou o premio de melhor escritora do ano com seu romance Maçã no escuro. [...] Tive a impressão que a Dona Carmem não apreciou a minha presença.” (Jesus, 2021b, p.424). É uma escrita como registro de existir, que interpreta o Brasil do nosso passado e do nosso presente, sempre se colocando em lugar de combate.

Essa organização foi pensada para podermos compreender a dimensão que a voz de Carolina Maria de Jesus tem para a literatura brasileira e para nossa formação cultural. Percebemos, por exemplo, nos relatos do *Diário de Bitita* (2014a) uma voz discursiva discriminada, oprimida e marginalizada socialmente, mas que ao mesmo tempo reconhece, conscientemente, o sistema patriarcal brasileiro que estrutura a divisão de raça, gênero e de classe e critica-o. Nesta escrita de Jesus está insistentemente presente uma consciência histórica em relação à escravidão negra e seus rastros deixados na condição social de sua família e uma voz inconformada e questionadora:

O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente, se encostássemos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. Quando alguém nos amparava, nós já sabíamos que aquela alma era brasileira. E nós tínhamos fé: os homens que lutaram para nos libertar hão de nos acomodar, o que nos favorece é que vamos morrer um dia, e do outro lado não existe a cor como divisa, lá predominarão as boas obras que praticamos. (Jesus, 2014a, p.60).

Esse relato mostra-nos, portanto, uma visão social e política de um Brasil cujo berço é a escravidão. As injustiças e as relações de poder nascem a partir desse berço. Identificamos uma voz, que recupera, por meio das memórias, os segredos, os silêncios e os não-ditos. Reiterando o pensamento de Anzaldúa (2000) citado no início desta introdução: “uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.”, reconhecemos o poder da escrita de Jesus que, ao invés de se calar numa postura passiva, grita alto incomodando e questionando as marcas das feridas abertas, permitindo-nos fazer uma análise desta nação tanto no passado, quanto na dissecação dos fatos recentes. Dessa forma, faz-se cada vez mais necessário e urgente o reconhecimento das obras da autora para que o sistema que fortalece traumas e preconceitos possa ser quebrado.

Na subseção seguinte, nosso enfoque será a análise da obra *Diário de Bitita* (2014a), a qual foi escrita em 1972, bem próximo ao ano de falecimento da escritora. No momento em que a escreve, Jesus havia retornado ao empobrecimento e ao estado de esquecimento, vivendo em um sítio em Parelheiros – SP. Como nos conta Vera Eunice de Jesus em *Anexo A*, Carolina Maria de Jesus voltou a passar fome: “Nós caímos num retrocesso [...] E lá nós voltamos a passar fome, mas não era uma fome como da favela. Lá nós tínhamos o feijão, mas não tínhamos o arroz [...]” (Eunice, p. 91). Esses acontecimentos mostram um retrocesso na vida de Jesus e os filhos que está registrado em *Casa de alvenaria* (2021b).

3.2 DIÁRIO DE BITITA: AS MEMÓRIAS DE SI E AS MEMÓRIAS DO BRASIL

Os três mastros analisados nesta dissertação pertencem à mesma embarcação que nos ajuda a navegar na massa política da escritura de Carolina Maria de Jesus. A partir dessa escrita – testemunho de um sujeito subjugado pelas instâncias do poder e ocupante dos mais baixos degraus da sociedade brasileira – instaura-se uma literatura que ergue a sua voz de resistência, não somente como antídoto às memórias históricas erroneamente construídas, mas também como potencial para reconstruir nosso imaginário deixando-nos um legado de libertação.

Nesta subseção, nos dedicaremos à análise da obra póstuma, de cunho autobiográfico, *Diário de Bitita* (2014a), publicada primeiro na França como *Journal de Bitita* (1982) e, posteriormente, é concebida no Brasil, em 1986, a partir da tradução do francês para o português. Em vida, o título almejado por Jesus foi *Um Brasil para os brasileiros* – muito pertinente, uma vez que em diversas passagens do livro a tese é recorrente: “- Será que vamos ter um governo que preparará um Brasil para os brasileiros?” (Jesus, 2014a, p.39). No bojo

desse questionamento, a autora faz crítica a lideranças políticas as quais, incompetentemente, não asseguram a prevalência dos direitos humanos a grupos historicamente marginalizados e não cumprem com o desenvolvimento do país pelo viés da educação, com justiça social e combate ao racismo e à violência. O livro mostra como Carolina Maria de Jesus era impedida de exercer sua própria voz tanto dentro de sua família como fora dela.

É importante advertir que, embora *Diário de Bitita* esteja intitulado como diário, não se pode reconhecer tal gênero porque não há datas e os relatos não são registrados diariamente tal como ocorre em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) e, por haver um distanciamento entre o “eu” adulto e o “eu” criança, ou seja, entre o que se escreve de suas memórias e o que está ocorrendo no momento de vida da escritora, no ato de voltar-se às lembranças, muitas ficam no esquecimento, outras são resgatadas ou reelaboradas. Cumpre dizer, portanto, que tal obra configura-se como uma escrita de si ou autobiografia, uma escrita memorialística na qual se fundem o autor, o narrador e o personagem.

Considera-se relevante mencionar que Philippe Lejeune foi um dos primeiros estudiosos da autobiografia, identificando-a como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.” (Lejeune, 2014, p. 16). Para o autor, em textos autobiográficos há um vínculo entre autor-narrador-personagem, ou seja, há um “pacto autobiográfico”. Em *Diário de Bitita* (2014a), Carolina Maria de Jesus é autora, narradora e personagem ao mesmo tempo, confirmando o pacto autobiográfico proposto por Lejeune e legitimando seu lugar no discurso da história, da memória e do sujeito.

Historicamente as mulheres escreviam diários e autobiografias de forma muito secreta e cerceada em seus lares, sem participação social como ocorria com os homens, e nem sempre tais gêneros receberam reconhecimento devido ao patriarcalismo, que os tornou uma literatura “menor”. Já nos dias de hoje, o que se vê é que o valor literário dessas produções tem crescido significativamente.

Lúcia Castello Branco em seu livro *O que é escrita feminina* (1991) esclarece que a escrita feminina – a qual não deve se confundir com produções feitas exclusivamente por mulheres, mas de uma enunciação feminina, marcada pela inflexão da voz, por um tom próprio de certos textos e pela “tradição” da linguagem de causar incômodo na forma como nos fala e do lugar de onde fala – também é uma escrita da memória, que pode quebrar o lugar dos silêncios e da exclusão. Por exemplo, as mulheres do século XIX que escreviam para romper com o silenciamento da sociedade patriarcal. Para finalizar, Branco, embasada em teorias de

base histórico-sociológica, afirma que há uma preferência das mulheres por narrativas de gênero memorialístico, tais como autobiografias, escritas da memória e do feminino que se relacionam ao retorno do passado “à tentativa de resgatar o vivido, a experiência original (ou a própria origem), que residiria na base dessas modalidades de escrita.” (Branco, 1991, p.31). Nessa tentativa de retorno, está a perda ou a incompletude da memória. No caso de *Diário de Bitita* (2014a), pode-se pensar nesse contínuo e descontínuo das memórias que vão se constituindo a partir de uma escrita que se calca no vazio, na falta e no silêncio.

Como uma costureira que encontra nos pedaços de tecidos puídos inspiração para criar uma peça nova, Carolina Maria de Jesus recorta de suas memórias os velhos acontecimentos – jamais ultrapassados –, que se distanciam do tempo em que ela escreve *Diário de Bitita*, em 1972, “recosturando-os” e revisitando-os através de remendos de suas lembranças e cicatrizes mais profundas. As principais temáticas são a fome, o racismo, a vida difícil nas fazendas, o trabalho mal remunerado, a humilhação e os maus-tratos, as desigualdades sociais, a violência de gênero e as injustiças imperando nos espaços sociais: “[...] Para mim, o mundo era semelhante a uma prateleira cheia de garrafas, onde é difícil arranjar um lugar para colocar outras.” (Jesus, 2014a, p.52) e “[...] O que eu notava é que, se os ordenados eram elevados, os pobres continuavam sempre pobres.” (Jesus, 2014a, p.52). Daí, é importante sinalizar que todo esse exame é feito por uma mulher negra, a partir de sua voz.

Logo no primeiro capítulo do livro, “Infância”, a narradora-protagonista, ao recordar fatos de sua infância, descreve o ambiente e o contexto em que viveu com sua família materna:

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “o Patrimônio”.

Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento.

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar. (Jesus, 2014a, p.13)

Como se observa, a estrutura habitacional onde a família vivia era muito simples, com poucos recursos, além disso havia problemas como a falta de água e as enchentes. Em diversos trechos da obra, Carolina voltará a esse assunto, dizendo: “Que vontade de ter uma casa, uma vida ajustada!” (Jesus, 2014a, p. 193) e “Que vontade de residir numa casa bonita e ser dona

dessa casa. Era sonhar com o impossível. Eu tinha a impressão de que estava sobrando neste mundo.” (Jesus, 2014a, p. 197). Esse sonho somente se tornará real após o sucesso editorial de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada – fato que será narrado em *Casa de alvenaria* –, e que levará Jesus e os filhos a residirem na “sala de visitas”. Conforme afirma Farias (2018), um dado importante é que Patrimônio era um terreno público da Câmara Municipal de Sacramento – MG, lugar que recebeu muitos ex-escravizados.

Em “A morte do avô”, Bitita guia-nos para dentro da atmosfera que irá prepará-la juntamente com seus parentes para a morte do avô: “O vovô foi desenganado pelos médicos. Era infecção nos rins.” (Jesus, 2014a, p. 116). Ao longo do capítulo, a narradora relata o vínculo afetivo e o respeito por Benedito José da Silva – homem trabalhador, de origem banto e de cultura afro-cristã, uma referência em autoridade familiar e cujo sobrenome indica o sobrenome do seu antigo senhor. Mesmo não sabendo ler – condição de cidadãos que foram escravizados no terrível período da nossa História – destacava-se não só como um grande orador que se reunia diante da numerosa família para contar histórias do passado, como também um transmissor de conhecimento. Essa marca da oralidade é um legado para que a menina se tornasse escritora: “Eu olhava aquelas mãos, pele e ossos, cadavéricas, que outrora foram vigorosas. Que haviam trabalhado para enriquecer os portugueses e trabalhado para criar os filhos e os netos.” (Jesus, 2014a, p. 121-122). Em outros momentos, Jesus se conecta às raízes históricas de seu avô, conhecido como “Sócrates Africano”, para compreender sua ancestralidade: “O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas [...]” (Jesus, 2014a, p. 117), valorizando as experiências transmitidas pelos ancestrais que não podem ser apagadas, resguardando, assim, as memórias dolorosas da população que descende do continente africano e foi transformada em mão de obra escrava no Brasil.

Para Cuti (2010), as memórias do sujeito étnico negro do discurso existem para nos oferecer “não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais.” (Cuti, 2010, p.89). Dessa forma, no precioso ateliê literário de Jesus, a agulha é a caneta com a qual borda a sua arte em altos relevos, mostrando-nos a força, o poder e a lucidez da voz de resistência da mulher negra; a linha são as palavras que não se pode apagar, mas contestar a ordem operante. A leitura da obra – testemunho de árduas lutas cotidianas da família da escritora nas primeiras décadas do século XX após a Abolição da Escravatura – joga luz sobre esses escombros para também nos fazer pensar nesta nação bicentenária. Portanto, trata-se de narrativas entrelaçadas entre escrita de si e escrita da História, ao todo são vinte e dois capítulos que resgatam as memórias da infância e da juventude da autora, que perpassam

os acontecimentos em sua cidade natal, também nos arredores de cidades mineiras, até sua entrada em São Paulo, em 1937.

Como analisado na seção 2 desta investigação, o conceito de *escrevivência*, de Evaristo (2020), e sua aplicação para sujeitos negros é muito importante para que possam resgatar suas trajetórias contando-as a partir de suas vivências. Utilizando-se desses instrumentos, Carolina Maria de Jesus costura no *Diário de Bitita* (2014a) as suas *escrevivências* e as memórias da História que não podem ser desfeitas, em uma colcha de retalhos, tecendo uma análise crítica sobre o pensamento colonial brasileiro que se perpetua e se impõe a grupos marginalizados. Assim, ao puxar os fios de sua memória, revela-nos as travessias de uma escrita calcada na dor e, ao mesmo tempo, alinhavada por resistência. Retomamos, aqui, a frase “Muito bem, Carolina!” que, proclamada por ela diversas vezes em suas obras, traduz a potência da escrita caroliniana, a qual legitima seu estatuto de literata, além de inspirar lutas sociais pelo direito da representatividade. Em outras palavras, Carolina é militância.

Neste trabalho, utilizamos a edição de 2014, pela SESI-SP Editora, a qual se vale pela comemoração do seu centenário de vida. O título da obra tem relação com o apelido de infância da escritora: Bitita. Antes de morrer, a escritora entrega dois cadernos dos originais do livro a uma jornalista brasileira. Como se sabe, esses dois manuscritos e o disco *Quarto de despejo* com composições autorais de Jesus estão sob os cuidados do Instituto Moreira Salles¹¹, o qual tem prestado homenagens ao protagonismo histórico da escritora. Além disso, Vera Eunice, professora e filha da literata, em entrevista concedida para esta pesquisa afirma: “Ela deixou uma carta, a qual me foi entregue um dia após o seu enterro, com vários pedidos e um deles era que eu não deixasse sua memória morrer.” (Eunice, p.82) e completa: “O que eu desejo é que se multiplique a memória de Carolina” (Eunice, p.82).

Esta obra pós-abolição traz uma abordagem sócio-histórica e cultural do Brasil muito crítica e alicerçada no combate às raízes do colonialismo. Ao dizer “O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.” (Jesus, 2014a, p.30), a autora expõe analiticamente os retrocessos do país assentados no projeto de escravidão e reitera a natureza indelével desse episódio que deixou rastros que

¹¹ O IMS Paulista, entre 25/09/2021 a 03/04/2022, foi cenário da exposição “Carolina Maria de Jesus – Um Brasil para os brasileiros” de curadoria do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto. O projeto inclui a pesquisa literária nos manuscritos da escritora realizada pela doutora em Letras Fernanda Miranda. Esse trabalho abrigou um dos tesouros literários mais representativos para a Literatura Brasileira e a cultura deste país. A exposição itinerante seguiu por Sorocaba-SP, Rio de Janeiro-RJ, São José do Rio Preto-SP e culminará com o Rio de Janeiro-RJ em 26/11/2023. Disponível em: < <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista>> Acesso em: 18 de out.2023.

incidiram sobre a população negra. Jesus irá voltar à temática várias vezes em suas memórias, não só pelo fato de isso fazer parte da nossa história, gerando pessoas sem dignidade, como também estar inserido em sua família: “Quando o negro envelhecia ia pedir esmola.” (Jesus, 2014a, p.31) e “[...] O pai da minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão.” (JESUS, 2014a, p.13). Assim, a sua escrita é questionadora desses resquícios, ressaltando que a população negra foi a mão de obra barata para a exploração e fortalecimento dos ocupantes do poder. Para Schwarcz (2019): “Escravizados e escravizadas enfrentavam jornadas de trabalho de até dezoito horas, recebiam apenas uma muda de roupa por ano, acostumavam-se com comida e água pouca e nenhuma posse.” (Schwarcz, 2019, sem página), afirmando que o trabalho escravocrata era exaustivo e desumano. Esse quadro deixou sequelas na sociedade do século XX e, também, nos dias atuais, no que diz respeito à má distribuição de renda, aos poderes econômico e político concentrados nas mãos de uma elite branca que se beneficia do sistema capitalista.

Esse controle nas mãos de quem têm o poder impõe desafios e entraves a grupos menos privilegiados socialmente, resultando pouco acesso à educação e o enfrentamento de trabalhos considerados subalternizados. Assim, há uma sombra do passado que explica o nosso presente. No capítulo “Ser pobre” de *Diário de Bitita* (2014a), Carolina Maria de Jesus examina de forma contundente o Brasil forjado na escravidão e suas consequências drásticas:

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares. As empregadas eram obrigadas a cozinhar, lavar e passar. [...]

Quanta louça e talheres e panelas para serem lavados! E tinha que arear os talheres. Lavar os ladrilhos, enxugá-los com panos. Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:

- Meus Deus! Estou tão cansada!

A comida que sobrava, elas podiam levar para as suas casas. E nas suas casas, os seus filhos, que elas chamavam de negrinhos, ficavam acordados esperando mamãe chegar com a comida gostava das casas ricas. No jantar, as cozinheiras faziam mais comida, pra sobrar. A comida que os patrões comiam no almoço, não comiam no jantar.

[...] Era comum ouvir os ricos dizerem:

- Sabe com quem você está falando? Eu sou o mandachuva!

(Jesus, 2014a, p.36-37)¹²

¹² Notam-se nesse trecho intervenções na escrita e, conseqüentemente, na subjetividade da escritora. Na última seção desta análise investigativa, analisaremos o impacto dessas intervenções nos outros dois diários. Cabe dizer

Nesse relato fica evidente a análise crítica construída por Carolina Maria de Jesus acerca da relação entre mulher e trabalho e entre ricos e pobres. Situações como essas narradas são representativas de milhares de mulheres negras que exercem diariamente o extenuante trabalho de empregada doméstica, tendo que deixar seus filhos com outras pessoas. Esse quadro resgata cenas do passado escravocrata, denunciando cenas das quais que ela vivencia. A escrita de Carolina Maria de Jesus conduz o leitor a ver com lucidez como funciona a relação entre patroas e empregadas, sendo estas submissas àquelas. Para fechar esse quadro analítico, a frase “- Sabe com quem você está falando?”, apresentada no final da citação supracitada, mostra claramente quem tem o poder nas mãos e o que pode ser feito com esse poder, inclusive usar a violência através da linguagem para oprimir o outro que, no caso do contexto aqui analisado, é a empregada doméstica. Dessa forma, a autora faz um recorte interessante para pensarmos quem são os brasileiros ricos e o monopólio que possuem em relação à classe trabalhadora.

Apercebendo-se de uma consciência crítica, Carolina Maria de Jesus assume, em suas narrativas, a postura de um sujeito questionador, perceptivo de que existem indivíduos que são excluídos e apagados nas relações sociais, profissionais e, de outro lado, uma parcela se beneficia desse sistema opressor que “legítima” suas ações.

Continuando no mesmo capítulo “Ser pobre”, há um relato muito significativo:

Um dia, eu andava pelas ruas, ia contente. Ganhei uma lima, ia oferecer à minha mãe quando apareceu o Humbertinho e me tomou a lima. Ele era branco. Tinha servido no exército. [...] Quando eu encontrava-o, xingava:

- Me dá a lima! Me dá a lima.

Todos temiam-no, ele era filho do juiz. E o juiz manda prender. Ele dava vazão ao seu instinto satânico.

Uma tarde, quando eu passava na frente de sua casa, ele abordou-me e me jogou várias limas no rosto, nas pernas. Que dor! Então eu xinguei:

- Cachorro ordinário, ninguém aqui gosto de você! Vai embora, você é um sujo.

Foram contar ao doutor Brand, que foi ver a nossa discussão. Ele não compreendia por que aquelas limas estavam no chão espalhadas. Eu xingava:

- Esse ordinário vive pegando no seio das meninas pobres, aperta-os e as deixa chorando, mas em mim você não vai encostar suas mãos.

O doutor Brand interferiu:

- Você não tem educação?

- Eu tenho. O teu filho é que não tem.

- Cale a boca. Eu posso te internar.

que, em entrevista para esta pesquisa, Vera Eunice confirma: “Então, o *Diário Bitita* ele também está incompleto. A Companhia das Letras vai editar o *Diário Bitita*, mais completo, do jeito que ela escreveu.” (Eunice, p.104).

- [...] Doutor Brand, aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor. Os grandes não têm coragem de chegar e falar! O seu filho entra nos quintais dos pobres e rouba as frutas.

[...]

- Cale a boa, negrinha atrevida.

[...]

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe:

- O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao maestro na orquestra. O branco tem que andar na linha.

O doutor Brand disse:

- Vamos parar, eu vou deixar a sua cidade. (Jesus, 2014a, p.32-33)

E completa:

Quando me viam nas ruas, as pessoas sorriam para mim dizendo:

- Que menina inteligente, nos defendeu! Limpou a cidade.

Todos me davam presentes. Ganhei vestidos novos e usados. As filhas do farmacêutico José Neto me deram dois vestidos de laise e me perguntavam:

- Você sabe ler?

- Não senhora.

- Puxa, quando souber então! Você promete, menina.

Diziam que foram as palavras de Rui Barbosa, que mencionei, que fizeram o juiz retroceder. Que eu falava por intermédio de um espírito. É que eu ouvia o senhor Nogueira ler *O Estado de S. Paulo*. (Jesus, 2014a, p. 34)

É notório que, pelas memórias apresentadas, a protagonista-menina não se cala diante da violência de gênero que está “autorizada” no contexto do patriarcado, tampouco diante do racismo. Ela se defende de dois homens, ao se apossar do argumento de Rui Barbosa de que o branco deve ter respeito e agir com coerência por ter tudo a seu alcance, por estar nas relações de poder. Obviamente, com sua inteligência e conhecimento cultural adquirido através de suas leituras que ela ouvia antes de ser levada à escola, que ela traz em sua defesa o nome de Rui Barbosa – político, abolicionista, pedagogo e defensor da educação. Assim, é reverenciada pelos moradores e desafia o poder que se encontra intacto nas mãos do temível juiz Dr. Brand. A informação de que Carolina Maria de Jesus toma o primeiro contato leituras através de histórias que ouvia é verdadeira. Entrevista para esta pesquisa, Vera Eunice afirma que nos tempos da infância de sua mãe, era comum pessoas brancas lerem jornais para pessoas negras, as quais eram em sua maioria analfabetas (Eunice, p.88). Lamentavelmente, essa é uma “herança” do passado colonial que se impôs aos escravizados, os quais não tinham sequer o direito de educar-se. Daí, o fato de Jesus comentar diversas vezes que seu avô e seus familiares eram analfabetos e ela, incisivamente, refuta essa condição que foi lhes foi dada.

Através da leitura de *Diário de Bitita* (2014a), o receptor de sua obra recupera a informação de que Manoel Nogueira era filho de um casamento interracial, lia muitos jornais para a menina e o avô, incentivando-os a tomarem conhecimento das leis e a valorizarem a educação, o acesso à leitura e à escrita como formas de empoderamento social e construção da identidade negra. Ele também conversava sobre a figura de abolicionistas como Rui Barbosa. Foi dessa forma que, desde criança, Jesus foi tomando contato com ideias abolicionistas. É importante destacar que, o conhecimento de leitura e de mundo que a autora traz consigo desde pequena, ela o foi aprimorando depois que aprendeu a ler. Primeiramente, ela adquire o conhecimento sobre os fatos históricos, as personalidades representativas do abolicionismo, figuras políticas, a partir da sua prática de escuta. Um exemplo disso, diversas vezes ela relata sobre a escravidão e o tráfico negreiro e os relaciona com a própria existência, ora expondo que o avô “era resignado com o soldo da escravidão”, ora questionando a prisão injusta da mãe por ela ser negra. Depois, ao aprender a ler e a escrever, ela vai usar isso como uma ferramenta que registra sua imaginação para desmascarar o que não escaparia a seus olhos. Em *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), ela deixa claro como gostava de ler jornais e revistas para ter conhecimento do que circula no mundo, como uma necessidade básica de uma mente inquieta que está dentro e além de seu tempo.

Lilia Schwarcz (2019) analisa o sistema escravocrata e a falta de acesso da população escravizada à educação:

Se a alfabetização não era formalmente proibida, foram, porém, raros os casos de proprietários que concederam a seus cativos o direito de frequentar escolas, criando-se assim uma sociabilidade partida pelo costume e pela realidade. Nas sociedades ocidentais, sem estudo formal não há possibilidade de mudança social, com as classes se comportando como estamentos congelados e destituídos da capacidade de romper ciclos de pobreza herdados do passado. (Schwarcz, 2019, sem página)

O fato de os negros não poderem frequentar escolas, não poderem se alfabetizar é uma dívida grande que o país carrega e que continuará latente em forma de retrocessos e desumanização. Pela crueldade, do tráfico para a escravização, cidadãos negros foram arrancados do berço África juntamente com a sua dignidade, a sua história, os vínculos familiares, a sua cultura e trazidos ao nosso país transformados em objetos pelo colonizador, perdendo cidadania, o direito à própria voz e o respeito por seus elementos culturais. Dentro desse quadro de violência, ficaram impedidos por séculos de terem acesso à educação. O

resultado disso, foi e é um Brasil afundado em camadas de defasagem. É o que Carolina Maria de Jesus reflete: “[...] O negro inculto será nômade, indolente, e imiscível. [...] O analfabeto não tem forças para evoluir na vida.” (Jesus, 2014a, p. 39). Dessa forma, ela enfrenta o atraso educacional e o analfabetismo dos pais e reconhece o poder da educação.

Alicerçando as discussões, pode-se afirmar que a escrita caroliniana – afiada como um punhal – tem esse poder para impor instabilidade entre as classes favorecidas e dominantes, conduzindo-nos a uma educação antirracista. Nesse sentido, pode-se dizer que a caneta nas mãos de uma mulher como Carolina Maria de Jesus é uma arma muito poderosa, que corrói as disparidades cometidas em relação ao pobre, à mulher e aos negros. A autora adverte que a nossa nação descendente das senzalas ainda precisa de uma verdadeira abolição. No paratexto “Carolina Maria de Jesus, uma escritora atlântica!” do livro *Onde estaes felicidade?* (Cobra *apud* Jesus, 2014, sem página), Hilton Cobra afirma que “Carolina é referência da Diáspora Negra e assim merece ser tratada.” e “merece também ser descoberta pela América Latina”. Isso significa afirmar que é necessário e urgente abriremos diversos espaços do saber para vivificarmos a memória dessa intelectual que viveu a maior parte de sua vida soterrada pela linha da pobreza e do apagamento. Portanto, a dimensão desta escritura é levar-nos a uma reflexão profunda da revisão da nossa História, dos padrões hegemônicos que se impuseram na sociedade brasileira causando o emudecimento de vozes e o ocultamento da cultura e dos saberes afro-brasileiros.

Na seção 4, analisaremos a relação entre o poder da escrita e a escrita contra o poder, por uma perspectiva de desconstrução do silenciamento e do apagamento nas obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b). Realçamos que a natureza dessa escritura política, engajada é gritar por liberdade e por justiça. Carolina Maria de Jesus problematiza, com excelência, as questões da desigualdade, da exclusão e da dor de toda a comunidade negra e periférica.

4 O PODER DA ESCRITA, A ESCRITA CONTRA O PODER

“[...] uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.” (Anzaldúa, 2000, p. 234)

Propomos pensar nesta seção que a escrita dá poder à mulher contra forças que se objetam a ela, sobretudo o silenciamento. Reiterando o que analisamos na segunda seção, consideramos que a escrita para a mulher negra é um método de trabalho de empoderamento e representa perigo porque serve para estilhaçar a maquinaria do silenciamento. Significativamente, por trás da palavra escrita está o sujeito e sua resistência.

No artigo “Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio” (1998), o professor e pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy faz uma discussão em torno da história da leitura no Brasil, criticando o encastelamento de produções estéticas que ficam restritas a determinados grupos que escrevem para si e seus pares. No cerne desse debate, Meihy completa sua análise enfatizando que esse exílio exclui o aspecto social da literatura e leva o destinatário desta a ser o próprio emissor. Além disso, endossa que a crítica literária ao falar só por si “extraí de sua responsabilidade a comunicação com o público geral.” (Meihy, 1998, p. 84). Logo, a ruptura com essa restrição é necessária para colocar a leitura à disposição de outros leitores que não seja única e exclusivamente a academia.

Seguindo a trilha dessa discussão, Meihy afirma que a história da leitura sempre esteve associada à história do silêncio, como é o caso de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (2014b) que, publicada pela primeira vez pela editora Francisco Alves, em 1960, destacou-se pela vendagem de mais de um milhão de cópias nos mercados nacional e estrangeiro e irrompeu no cenário literário brasileiro num contexto político e cultural de crescimento para a democracia e a contracultura. Estas “implicavam, em conjunto, a definição das minorias e com elas a expressão política dos grupos envolvidos.” (Meihy, 1998, p. 88). Além disso, as mídias daquela época (rádio e televisão) demonstravam interesse pelas denúncias sociais apontadas pela escritora. Sem contar a preparação do lançamento da obra que perdurou cerca de dois anos, com direito a sessões de fotografia, encontros da escritora na livraria de mesmo nome da editora e cartazes da pré-divulgação que ficavam à porta deste estabelecimento. Paradoxalmente, logo depois dessa “descoberta”, tornou-se uma obra esquecida. Esse esquecimento tem relação com “o tipo de emissor e o lugar da emissão.” (Meihy, 1998, p. 85), já que uma mulher negra, pobre e favelada causaria uma estrondosa revelação das camadas populares imersas em condições inóspitas. Consta na matéria publicada “Escritores boicotaram

mas Carolina (favelada) autografou 600 livros”, do jornal “Última hora”, São Paulo, na edição de 20 de agosto de 1960, que, mesmo sob ameaça dos boicotes por parte da elite literária daquele momento, a produção de Jesus sobreviveu.

Continuando na análise de Meihy, o autor afirma que há dois tipos de livros: os "comportados" e os "perigosos" (Meihy, 1998, p.84). Se os primeiros não causam incômodo, os segundos atuam desestabilizando a ordem e os poderes existentes, como é o caso de um vasto acervo presente na Literatura Brasileira. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) é uma obra perigosa porque vem embalada por uma voz de resistência que ameaça o cenário nacional daquela época – o golpe militar de 1964: "O livro de Carolina foi evitado pelos editores que o viam como perigoso e passível de uma censura que seria, no mínimo, economicamente prejudicial." (Meihy, 1998, p. 89) e “Carolina emblemava a luta de classes segundo o modelo cabível naquele instante.” (Meihy, 1998, p. 88). Tudo isso junto contribuiu para o esquecimento da obra.

Corroborando com essa análise, a crítica indiana Gayatri Spivak, na obra intitulada *Pode o subalterno falar?* (2010),¹³ levanta uma série de reflexões que buscam compreender as condições de subalternidade na vida social. Para a autora, subalterno é o sujeito que está sob várias camadas sobrepostas de exclusão e sua voz não pode sequer ser ouvida. Partindo da ideia de que não há uma história única e verdadeira, Spivak considera um equívoco e uma violência epistêmica permitir somente a versão dos vencedores, visto que esse olhar preconceituoso desconstrói trajetórias que existiram e existem concomitantes a essa história singular. Assim, enfatiza, com uma visão sensível da multiplicidade, a importância de analisar de forma mais profunda o sujeito subalterno, isto é, aquele que não tem escuta, nem espaço de fala e tampouco é levado a sério. A contextualização desse texto abarca o questionamento do encarceramento da viúva indiana – a qual é queimada juntamente com o marido numa pira funerária – que constata a subalternidade feminina dentro do colonialismo e do patriarcado como forma de anulá-la enquanto sujeito. Para a autora, esse fato ilustra bem o modelo de supremacia masculina no qual a mulher, a subalterna, não tem voz. Logo, se ela não tem voz, não tem fala e não pode sequer ser ouvida.

Partindo desse pensamento, é relevante pensar na problematização do apagamento da mulher negra do mercado de trabalho, da sociedade de consumo, dos meios acadêmicos e, no

¹³ Spivak analisa as consequências da pós-colonização na forma de pensar e organizar a vida dos países colonizados e onde ainda permanecem os resquícios dessa herança. Assim, a divisão internacional do trabalho e os pilares do capitalismo global implicam diretamente no modo de vida dos trabalhadores do terceiro mundo em relação aos do primeiro mundo. Com menor participação democrática daqueles, o resultado seria o movimento de lutas e de práticas ideológicas do sujeito colonizado – signo de resistência às formas de dominação.

caso da análise deste trabalho, da literatura brasileira. Para a autora “Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (Spivak, 2010, p. 66-67), isso mostra como não há representação política e suas questões identitárias e culturais não são respeitadas.

É importante destacar que no texto original “Can the subaltern speak?”, o verbo *can* – que possui várias acepções dependendo do contexto – assume o sentido de possibilidade, permissão para algo. Na situação abordada por Spivak, esse verbo significa, no contexto da mulher subalterna, não ter permissão para ser sujeito cultural e estar submetida à autoridade do regime repressivo. Logo, “É impossível para a subalterna falar ou recuperar sua voz [...]” (Spivak, 2010, p.47), ela não dá conta de falar. Em relação à escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra, subalternizada e periférica, na estética de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), num contexto de opressão e violência, ela não podia falar por não estar “autorizada” pelas relações de poder, tampouco ser ouvida naquela época. Contudo, a contrapelo de todos, sua voz foi gritada e ouvida – e ainda continua gritando e ganhando um espaço de escuta –, através de sua literatura de resistência, mostrando a escrita contra o poder e o poder da escrita.

Interessa-nos, ainda, trazer para nossa abordagem a obra *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino* (2021), da professora Elódia Xavier que, baseada em um estudo sociológico proposto por Arthur Frank, estabelece onze categorias sobre o corpo em textos de autoria feminina: invisível, subalterno, disciplinado, envelhecido, imobilizado, refletido, violento, degradado, erotizado, liberado e caluniado. Para a pesquisadora, essas categorias são detectáveis em muitos romances e contos, do início do século XX até a contemporaneidade, mostrando a representação do corpo como local de inscrições culturais, políticas e sociais.

Xavier (2021), analisando o contexto de produção e publicação de *Quarto de despejo* (2014b), relaciona Carolina Maria de Jesus ao corpo subalterno, visto que a tônica do diário é narrar/relatar uma vida subalterna e subumana que se depara com um “mercado editorial gendrado, racista e hegemônico” (Xavier, 2021, p. 38) que, ao invés de permitir a circulação de sua obra, cria barreiras pautadas em suas “incorrekções gramaticais”. Assim, esse lugar de subalternidade demarca o lugar econômico e da indigência social: “Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (Jesus, 2014b, p. 167). O corpo subalterno de *Quarto de despejo* (2014b) é, portanto, um instrumento de denúncia de uma mulher negra, oprimida que afronta o modelo canônico utilizando sua linguagem que se afasta do registro formal.

Retomando Meihy (1998), Jesus escreveu uma obra perigosa e trouxe a possibilidade de uma reciclagem na literatura brasileira, como uma forma de renovar o cânone, as pesquisas acadêmicas. Podemos dizer que ela luta por seu lugar de fala, por seu direito à voz, por sua visibilidade intelectual, através da escrita que é seu espaço de denúncia: “A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra” (Jesus, 2014b, p.54) e “Alguns criticos dizem que sou pernóstica quando escrevo [...] será que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o clássico?” (Jesus, 2021a, p.69). Ela inaugura uma nova forma de ver a literatura, de falar pelos menos privilegiados: “Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade.” (Jesus, 2014b, p. 92) e “... Saí e fui catar papel. Ouvia as mulheres lamentando com lagrimas nos olhos que não mais aguenta o custo de vida.” (Jesus, 2014b, p. 94). Por isso, devemos pensar que a escrita nas mãos de uma mulher negra é instrumento que reivindica justiça, igualdade e direito de expressão.

É oportuno dizer que o primeiro encontro entre Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas (1929-2018) – jornalista alagoano radicado na cidade de São Paulo – data de 1958, quando este visitou a favela do Canindé com o objetivo de coletar dados para uma reportagem. Naquele momento, ela se apresentou a ele, mostrando-lhe os papéis rotos que continham as narrativas de *Quarto de despejo*. Dantas, ao ler os manuscritos produzidos nos anos 1950, detectou a riqueza em potencial e tratou de editar a obra, que foi traduzida em mais de quatorze idiomas já naquele contexto.

Ao assinar o contrato com a Francisco Alves, Jesus tornou-se famosa e perdeu a privacidade. Em diversos momentos de sua vida, quando estava sendo fotografada, em entrevistas de programas de televisão, na rádio e em jornais impressos, chegou a sentir-se desiludida, conforme afirma em *Casa de alvenaria*: “Não tenho tempo para escrever o meu Diário devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros.” (Jesus, 2021a, p. 52). Além disso, o sossego doméstico era, recorrentemente, interrompido por visitas: “Eu pensava que escrever era cerviço leve – Enganei. É pior do que catar papel e trabalhar na lavoura. Eu tenho que ir nas festas televisão, cuidar dos filhos, ler, e escrever o Diário. [...]” (Jesus, 2021a, p. 81). Meihy afirma que “Carolina se fez famosa do dia para a noite, sem, contudo, perder seu lastro de miserabilidade.” (Meihy, 1998, p. 88). Embora o livro permitisse à autora realizar o grande sonho de sair da favela e residir numa casa própria na “sala de visitas”, por ironia do destino, no dia do lançamento ela saiu para catar papel e, com o dinheiro, alimentou seus três filhos.

Ainda sobre *Quarto de despejo* (2014b), é perceptível a necessidade incansável e insaciável pela escrita diária que Carolina Maria de Jesus ia constituindo em meio a suas vivências, andanças, ao exercício da maternidade, dentro e fora de seu barraco na favela do Canindé, passando a maior parte de seu tempo sem saber se iria se alimentar e se seus filhos estariam nutridos, conciliando a dupla condição de catadora e de literata: “(...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (Jesus, 2024b, p.22). Essa necessidade sem limites invade sua imaginação desde que aprendera a escrever: “Eu gosto imensamente de livros, agora estão concretizando o meu desejo.” (Jesus, 2021a, p.82) e “As coisas que me faz falta: livros, tintas e papeis.” (Jesus, 2021a, p. 117). Carolina Maria de Jesus estudou dois anos na escola Alan Kardec¹⁴ em sua cidade natal, o suficiente para embrenhar-se nos caminhos da leitura e da escrita sem desviar-se desse talento. Nessa estética, a autora fala demasiadamente da fome, colocando-a destaque: “... Já emagreci 8 quilos. Eu não tenho carne, e o pouco que tenho desaparece. Peguei os papeis e saí. Quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo: Desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma.” (Jesus, 2014b, p. 182). Outros temas também estão presentes: os problemas estruturais da favela, as dificuldades dos habitantes para sobreviver diariamente, os conflitos entre os moradores, as relações familiares de Carolina Maria de Jesus, os amores, críticas a políticos da época, dentre outros.

Ao ser publicado em 1961, também pela Francisco Alves, *Casa de alvenaria* não teve, lamentavelmente, o holofote de *Quarto de despejo* e caiu no ostracismo, em parte por não receber as mesmas honrarias de divulgação da primeira obra. O diário foi escrito por recomendação de Dantas que impunha à escritora esse modelo de produção “Mas o Audalio diz que eu devo escrever Diário” (Jesus, 2021ab, p. 144), embora ela transitasse entre outros gêneros: “[...] Comprimentei-as e fui escrever a poesia “Noiva de maio”,¹⁵ para ler na televisão do Rio.” (Jesus, 2021a, p. 115). Conforme dissemos na introdução deste trabalho, a escritora mesclava outras modalidades textuais em meio a seus registros nos diários.

No prefácio “Casa de alvenaria – história de uma ascensão social” dessa primeira edição, Audálio Dantas apresenta a literata ora como “revolucionária que saiu do monturo” (Dantas *apud* Jesus, 1961, p. 9), ora introjeta um olhar que silencia a sua capacidade literária para escrever além do gênero diário, como se nota em “Guarda aquelas “poesias”, aquêles

¹⁴ É importante destacar que “A escola praticava uma metodologia muito diferente das outras escolas existentes, até mesmo no Brasil. A começar por misturar meninos e meninas, pobres e ricos, pretos e brancos, crianças e adolescentes. [...] só havia uma única sala de aula.” (Farias, 2018, p.47)

¹⁵ Também citada em *Antologia pessoal* (1996, p.132-134).

“contos” e aqueles “romances” que você escreveu” (Dantas *apud* Jesus, 1961, p.10, grifos do autor), subalternizando seu poder literário. No entanto, Carolina Maria de Jesus relata com angústia: “[...] Eu não gosto de escrever Diário. É uma leitura rude. Mas o Audalio obriga-me. Preterindo o que escrevo ao natural. [...] Quero escrever romances dramas e tenho que escrever Diário. Não gosto deste tipo literário.” (Jesus, 2021b, p. 218). Ela tem consciência das interferências do “tutor” em sua vida, mesmo assim usa a escrita como um poder, um recurso de resistência contra esse gesto de “comando”.

Ainda cabe dizer que Dantas também tentou interferir na forma que a escritora queria vestir-se, segundo afirma Vera Eunice de Jesus (Eunice, p. 103), no entanto Carolina Maria de Jesus não aceitava tais imposições: “Então ela não queria ser mandada por ele, queria colocar o lenço na hora que ela quisesse, não como ele queria impor, por isso esse problema do lenço.” (Eunice, p. 103), resistindo a toda forma autoritária do jornalista.

Com o sucesso editorial de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, Carolina Maria de Jesus concretiza o sonho de ter uma casa própria e irá residir com os filhos em dois bairros paulistanos: Osasco e Santana. No contexto de *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), o leitor capta Carolina Maria de Jesus transitando pela “sala de visitas” como escritora conhecida que autografa, participa de diversas entrevistas, viaja com os filhos para dentro e fora do país, frequenta restaurantes e eventos culturais e toma contato com a elite literária e com ativistas do movimento negro de São Paulo. Mulher culta, ela ouve a rádio, tangos e valsas vienenses: “Ouvi o Amanhecer do Tango e recordei quando eu estava na favela. Ouvia tangos porque não conseguia dormir com as brigas dos favelados.” (Jesus, 2021a, p. 81). Dentro desse espaço, Jesus nos relata uma série de eventos: a relação com os filhos, suas indagações diante de uma vida “nova” que se inicia e as lembranças de uma vida escassa do quarto de despejo e o cansaço pelo intempestivo momento instaurado, ali, fora da favela com o entra-e-sai de visitantes.

Dentro desse contexto, as relações ambíguas com Dantas, ficam expostas: “Ao Audálio meu agradecimento pelo carinho que dispensa aos meus filhos. [...]” (Jesus, 2021a, p.141) e “[...] Ele é enigmático, gosta de ser bajulado, mas eu é que não vou bajula-lo. Ele auxiliou-me porisso eu tenho que ficar por baixo dele igual as raizes no solo?” (Jesus, 2021a, p.31). Além disso, a escritora resgata as memórias dos habitantes do Canindé com a mesma agudeza: “Procurar um lugar enxuto livre das aguas na enchente, que os moveis que eles compram descolam na enchente, [...] Eu fiquei na agua um mês por não ter onde ir.” (Jesus, 2021a, p. 45) e trata de temas sociais e do mundo do trabalho: “[...] Fui de onibus. Fico horrorizada vendo o sacrificio do operário para pegar condução de manhã para ir trabalhar. Uns vão de pé, outros,

vão sentados. Penso, quando eles chegam ao trabalho já estão exaustos.” (Jesus, 2021a, p. 48). Fico nítido que, na mente da escritora, os problemas da favela e de seus moradores não podem ser soterrados.

Continuando nessa rota de *Casa de alvenaria*, Jesus tece suas reflexões críticas sobre a “sala de visitas” mostrando-nos a sua percepção de que a sua presença, o seu corpo negro que transita nesse espaço causa desconforto e incômodo naquele grupo seletivo de pessoas: “Despedi da Dona Adelia e fomos almoçar no restaurante anexo a livraria. Almoçamos lasanha e saímos do restaurante com os olhares dos paulistanos fixos no meu rosto.” (Jesus, 2021a, p. 107). É perceptível a análise da autora de que ela e os filhos, diante dos olhares preconceituosos dentro daquele bairro, são o objeto estranho à alta sociedade. Audre Lorde (1934-1992) no ensaio “A transformação do silêncio em linguagem”, da obra *Irmã outsider* (2021), analisa sobre os silêncios impostos às mulheres negras estadunidenses defendendo que permanecer no silêncio é uma forma de permanecer no medo e que isso não contribui para que essas mulheres negras continuem existindo. Desse modo, a pensadora acredita que, numa sociedade marcada pelas diferenças raciais e pela distorção de visões, como os Estados Unidos, é urgente usar o poder da linguagem para transformá-la em ação. Retomando *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), concluímos que a escrita de Jesus é o poder contra essa sociedade de poderes e que o exercício da linguagem é posto em ação quando ela retrata os vizinhos da “sala de visitas”.

Convém destacar que, em *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), a escritora não se esquece do lugar de onde veio, da profissão que vinha do lixo para sustentar sua família, dos atravessamentos da fome, das misérias cotidianas, do racismo, do custo de vida, e, sobretudo, não perde a principal característica da sua escrita que é a resistência como arma de combate: “[...] Faz dois anos que deixei de ser lixeira para ser escritora. E eu sai da favela. [...] Sai do quarto de despejo. Sai do lixo. E fui prejudicada por uma classe de brancos incultos, medíocres e oportunistas. Que pensaram que Carolina Maria de Jesus, é idiota.” (Jesus, 2021b, p.423). Além disso, a escritora descreve em seu diário vários acontecimentos de um único dia (a venda de recicláveis, a falta de dinheiro para comprar comida para as crianças, a ida ao juiz para pegar dinheiro da pensão de Vera, o sumiço de Vera, a assinatura do contrato na livraria Francisco Alves, etc.).

Vera Eunice, durante a entrevista feita para esta pesquisa, afirmou: “Carolina era cultíssima. [...] A Conceição Evaristo achou as palavras em dicionários gregos. Então existem as palavras.” (Eunice, p.86) e “Às vezes ela falava em versos. Você percebia os versos.” (Eunice, p. 86). No entanto, as obras desta análise comprovam a existência de um preconceito avassalador contra a intelectualidade de Jesus, já que era inadmissível para aquela sociedade

uma mulher negra advinda das margens integrar-se à vizinhança, ser portadora de saberes, acessar os meios culturais e ser escritora:

[...] Quando os jornais começou a relatar que eu sou escritora. A Dona Nene começou a dizer ao meu filho na classe, que eu sou doméstica e não escritora, e as outras crianças criticava-me para o meu filho que eu sou doméstica e não ia escrever coisa alguma. Ele ficou ressentido com as críticas das outras crianças e pediu-me para sair da escola. (Jesus, 2021a, p.46)

Para uma nação como a nossa, que descende do processo de escravização, carregamos como “herança” o racismo que objetifica corpos negros e os coloca em papéis de empregada doméstica – de trabalhos inferiorizados socialmente. Lélia Gonzalez (2020), em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, aborda sobre os estereótipos que estão arraigados na sociedade brasileira acerca da mulher negra que serão reproduzidos e “naturalizados”:

Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam “lidar com o público”? Ou seja, atividades onde não pode ser *vista*? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira, e raramente copeira? Por que é “natural” que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais etc. e tal? (Gonzalez, 2020, p.85, grifos da autora)

Relacionando essa abordagem de Gonzalez à estética de *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) é possível concluirmos que Carolina Maria de Jesus tem consciência do lugar que ela ocupa, nesta obra, o lugar de autora, de produtora de conhecimento que observa e analisa os olhares que a cercam, consciente de que é um “objeto” estranho nesses espaços onde reside a burguesia. Por isso, a sua escrita vem para fortalecer o seu lugar de fala e refutar o preconceito contra sua intelectualidade, subvertendo o destino que a sociedade lhe reserva.

Realçamos que, além do sonho de ser escritora, Jesus tinha outros, como ser cantora e dramaturga de rádio, queria escrever as novelas radiofônicas, porém o jornalista Audálio Dantas tentou impedi-la de trilhar entre outros gêneros, e isso fica explícito na relação de amor e ódio registrada em seus relatos. Mesmo sob constantes ameaças e violência à sua voz, a autora contraria esses domínios de Dantas e segue escrevendo: “Eu sou igual a água, se faz um dique impedindo o seu curso, ela vai evoluindo-se e transpõe” (Jesus, 2021a, p.119). Tais palavras traduzem bem a insubordinação literária de Jesus à intervenção de Dantas. De fato, o que se percebe é que a autora produz poemas, canções, trechos de entrevistas, entre outros, dentro de seus diários. Como se vê no poema “Misterio” que ela cita em *Casa de alvenaria* (2021b):

Quantas vezes dedica-se amizade
A um tipo reles, sem qualidade.
Destituído de valôr.

Que nos faz chorar, e sofrer.
Mas, quem pode compreender,
O mistério do amôr.

As vezes um homem correto
Não é o nosso predileto.
Não lhe temos simpatia
E amamos um cafajeste

Que não honra a calça que veste.
Uma porcaria (Jesus, 2021b, p. 394-395)

Além disso, observa-se que Dantas, ao afirmar que “No trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação” (Dantas *apud* Jesus, 1961, p.10), violenta a escrita de Carolina Maria de Jesus, de modo a introduzir lacunas e rasuras, arbitrariamente, que invisibilizaram trechos e traços de grande significação. Essa tutelagem asfixiou o processo de escrita e a subjetividade artística desse sujeito. Como se sabe, em muitos relatos de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), sua escrita “desobedece” às normas gramaticais da língua portuguesa. Entretanto, essas ocorrências não configuram agramaticalidade, ao contrário, Carolina Maria de Jesus, com sua originalidade poética, escreve observando o mundo de fora e transforma-o em riqueza literária a partir de seu *pretuguês* – termo cunhado por Lélia Gonzalez em “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (Gonzalez, 2020), que representa seus traços autorais.

Sobre isso, Vera Eunice reconhece a tutelagem de Dantas na escrita de Carolina Maria de Jesus. Contudo, ao fazer parte do grupo das conselheiras que reeditam *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), ela afirma que não poderiam retirá-lo da obra pelo fato de o jornalista ter acompanhado a vida da escritora desde o lançamento de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), e os relatos ficariam incompletos: Se a gente não colocasse o nome do Audálio Dantas no livro, a gente ia mexer muito no livro, não podia, ali ela fala o tempo todo dele. [...]” (Eunice, p. 94). De fato, esse cuidado com os dados autorais do diário mostram a recuperação de um sujeito enunciativo e sua voz.

Em relação ao uso de uma escrita tão próxima da oralidade, em que Carolina Maria de Jesus lança mão de seu *pretuguês*, compreende-se que esse ato é uma forma de desafiar o poder da escrita, como se Jesus enfrentasse o autoritarismo da linguagem, que tem servido a um grupo

privilegiado de pessoas. Em outras passagens, ela usa termos formais e domina os vocábulos. É importante destacar que todas as citações transpostas nesta dissertação respeitam a escrita da autora, mantendo o cuidado para não subalternizar sua linguagem e sua subjetividade.

Em face do exposto, considera-se relevante afirmar que *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), reeditada pela Companhia das Letras, endossa a perspectiva de valorizar os manuscritos de Carolina Maria de Jesus e restitui a sua voz. No paratexto “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus”, Conceição Evaristo destaca:

Ao longo do tempo, as injunções da história brasileira sempre favoreceram às classes dominantes o acesso à escola e ao estudo em todos os níveis. Nesse sentido, grupos minorizados pelo poder se apossam da leitura e da escrita como parte de sua luta pelo direito de autorrepresentação, autorizando assim os textos de suas histórias, na medida em que agenciam uma autoria própria. No caso de Carolina Maria de Jesus, o ato de escrever empreendido pela escritora amplia seu gesto para o de se *inscrever* no sistema literário brasileiro. (Evaristo, 2021a, p. 13).

Essa proposta de Evaristo coaduna com os objetivos desta pesquisa, reconhecendo o sujeito por trás do processo criativo da escrita, que enfrenta o formalismo gramatical e, sobretudo, enfrenta um sistema educacional falho, desigual e excludente. Nesse sentido, os diários desta pensadora e intérprete brasileira nos permitem reconhecer uma voz que brada forte em direção à liberdade contra a fome, a miséria, o racismo, as injustiças, o silenciamento e outras problemáticas. Como o intuito deste capítulo é vislumbrar o poder da escrita de Carolina Maria de Jesus que reage ao silenciamento e ao esquecimento, achamos interessante analisar a reedição de *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b) que resgata o título original, mas o refaz ampliando-o, respeitando a linguagem da autora e sua voz cultural. Na época em que a autora foi “descoberta”, havia muito preconceito contra uma mulher de meia instrução poder escrever e ainda mais em se tratando de quem vinha das margens.

A feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em *O perigo de uma história única* (2019), enfatiza que dependendo da forma como são contadas narrativas dos povos, corre-se o risco de formular estereótipos, ao invés de humanizar e reparar a dignidade perdida. Tais estereótipos são nocivos porque tratam de comportamentos que limitam nosso pensamento, levando-nos a emitir um único ponto de vista completamente destituído de cuidado e respeito em relação a culturas e identidades. Isso tem relação com poder, que “é a habilidade não apenas de contar história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (Adichie, 2019, p. 23), como, por exemplo, acontece com o Brasil, país colonizado por europeus, atravessado por quase 400 anos de escravidão e dominado, ainda em tempos atuais, por pensamentos eurocêntricos que deceparam as visões de mundo dos povos indígenas e negros.

Kilomba (2019) afirma que “[...] nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente.” (Kilomba, 2019, p. 224). O diálogo entre Adichie e Kilomba permite-nos dizer que se trata de reinventar a própria história através de sua voz, a partir de suas dores, como um ato de descolonização. Dessa forma, o sujeito da escrita escreve a partir de uma língua que representa o seu lugar de identidade marginalizada desconstruindo os discursos de visões preconceituosas. Dessa forma, ele tem o poder da escrita e a escrita contra o poder, ao quebrar os silêncios históricos, as lacunas, trazendo a dimensão da atemporalidade persistente na violência que assombra o ser negro e fortalecendo a sua voz.

Diante dessa análise, a obra *Casa de alvenaria*, publicada em 1961 e sem sucesso de vendagem, reeditada em 2021, mostra-nos a consciência de Carolina Maria de Jesus acerca do perigo que sua escritura representava para ela:

“Citei-lhes que estou com medo de escrever o Diário da vida atual. O Audálio diz que não dêvo temer. Mas, ha varios tipos de profissão que posso exercer. Estava com a cabeça confusa. Citei-lhe que na favela eu fui apedrejada. Se escrever citando o que acho horroroso na sociedade posso tomar um tiro.” (Jesus, 2021b, p. 226)

Não há dúvida de que essa voz discursiva escancara para contar não só sobre si, mas também sobre uma coletividade naufraga que não existe na história “oficial”. Aí está o grande desafio da escrita caroliniana: não apagar de novo as experiências que já foram apagadas no percurso histórico. Portanto, a dimensão dessa escritura permite deixar existir uma outra visão cultural na qual se ancoram a identidade e a alteridade do sujeito negro. Com a caneta na mão, Carolina Maria de Jesus escreve e inscreve a sua intelectualidade.

Retomando a epígrafe “O meu sonho é escrever” (Jesus *apud* Meihy, 1996, p.201), que abre o capítulo 2, fica explícito que as lutas de Carolina Maria de Jesus foram condizentes para que ela ocupasse o lugar da literatura. Assim, diante de constantes insistências, persistências e resistências, ela exercita a imortalidade da palavra-punhal, recusando o silêncio e o esquecimento.

Para dar realce às análises, pode-se dizer que, hoje, a voz que encorpa as obras desta investigação tem sido ouvida cada vez mais, inspirando a população de baixa renda, as pessoas vítimas de racismo, os catadores de papel, mulheres em situação de subalternidade, mulheres que se encorajam pela literatura, dentre outros exemplos. Como é perceptível em *Cartas a uma negra: narrativa antilhana* (2021), obra póstuma de Françoise Ega (1920-1976), escritora

originária das Antilhas que trabalhava em casas de família na França e que, ao ler a revista *Paris Match*, tomou contato com *Quarto de despejo*, identificando-se com Carolina Maria de Jesus. Ega escreveu “cartas”, entre 1962 e 1964, que nunca foram entregues a Jesus, mas que relatavam o cotidiano de trabalho e exploração, as dificuldades, a injustiça nas relações sociais e a posição subalternizada a que eram relegadas mulheres pertencentes à colônia francesa no Caribe: “As jovens faxineiras eram cada vez mais numerosas e, amiga Carolina, fiquei feliz em vê-las enfim longe da opressão do dia a dia. [...]” (Ega, 2021, p.141). Esse relato mostra como as duas autoras – advindas das margens – lutaram por sobrevivência e por visibilidade literária e que Carolina Maria de Jesus representou inspiração à escritora antilhana.

Em *Carolina: uma biografia* (2018), um poema de Carolina Maria de Jesus é citado:

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos
ao meu país Se é que
temos o direito de
renascer Quero um
lugar, onde o preto é
feliz.
(Jesus *apud* Farias,
2018, p.186

É interessante recortá-lo porque ele traz uma consciência de um eu poético que sabe o que é ser negro e não fazer parte da nação brasileira. Além do preconceito racial, há o preconceito social do indivíduo pobre, periférico, catador de recicláveis que se torna invisível nos centros urbanos. Outro dado interessante do texto é que catar papel traz a sobrevivência, mas também traz o contato com o letramento, com o acesso ao conhecimento. Para muitos, o livro é descartável. Para outros, como Carolina Maria de Jesus, ele é a possibilidade de acessar o mundo da leitura e da escrita. Assim, o conhecimento da autora é desenvolvido onde está o

lixo, é neste lugar que ela busca meios para desenvolver sua intelectualidade. Esse poema também deixa evidente a transformação, ou melhor, a reciclagem na vida da autora, ela cata papéis e os recicla, construindo a sua leitura e a sua escrita literária e encorpando seu discurso de resistência através de seu grito poético. Dessa forma, *Casa de alvenaria* (2021ab; 2021ba) é uma obra também perigosa, já que Jesus se move pela intelectualidade com o poder contra o emudecimento e o apagamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos anos a trajetória da mulher foi sinônimo de percalços, opressão, restrições, emudecimento e submissão, conforme analisamos na segunda seção desta pesquisa. Acrescenta-se a isso a violação do direito básico de aprender a ler e a escrever que contribuiu para sua condição inferiorizada. Os homens, por sua vez, receberam as benesses do patriarcado, o qual lhes permitiu terem voz – tanto para emitir a fala, quanto para serem ouvidos – quer seja no ambiente familiar ou nos contextos sociais mais amplos, que envolvam decisões políticas, econômicas e profissionais. Ao falarem por elas, furtando-lhes sua própria enunciação, julgaram-nas e criaram estereótipos não condizentes à sua identidade.

Por mais significativos que sejam os avanços, a mulher ainda ocupa uma posição de subalternidade no âmbito da nossa sociedade forjada no patriarcalismo. Isso, conseqüentemente, a priva de exercer cidadania e de emitir a própria voz. Contudo, no caso da mulher negra, essa negação é constituída por diversas camadas sobre as quais estão as questões de classe e raça, já que, dentro do processo histórico, o discurso hegemônico a tem invisibilizado e marginalizado. Daí a importância da escrita, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, nas três obras que encorpam esta pesquisa, que simboliza as lutas contra a lógica dominante.

No meio dessa cultura fundada no patriarcado, a escrita para a mulher representa o poder nas mãos, a reformulação de histórias mal contadas, a fragmentação de silenciamentos e a presença viva de uma forma de se manifestar no mundo. Para as mulheres atravessadas pelas marcas de raça e classe – como é o caso da escritora Carolina Maria de Jesus – a escrita vem como uma aliada, um grito político diante da dor para restituir as suas vozes. Desse modo, o ato provoca medo em quem ocupa os lugares de privilégios sociais porque, quando se escreve, se revela, desmascara, conta-se a verdadeira história que não pode ser apagada.

No que tange ao nosso imaginário social, a história que se construiu acerca da mulher negra está profundamente coberta de camadas de atrocidades impostas a ela pelo colonialismo e suas drásticas conseqüências que ainda perduram. Tratada sem humanidade, impregnada de rótulos e desrespeitada ao que se refere às suas crenças religiosas, cultura, língua e corpo, a imagem construída, contrária à sua verdadeira subjetividade, é simplesmente a de um corpo objetificado, violentado e silenciado até nos dias de hoje.

Para combater com resistência esse lugar que ameaça diariamente corpos negros, os gritos de Carolina Maria de Jesus – mulher de grande voz cultural – ainda pedem liberdade e

abolição para esta nação bicentenária que se orgulha em dizer ordem e progresso. Cabe afirmar, desordem e regresso, para uma pátria que pratica violências extremas a grupos marginalizados.

Carolina Maria de Jesus, mulher de origem rural, negra, pobre, marginalizada, invisibilizada e favelada, que luta por seu lugar de fala, pelo direito de ser cidadã e que almeja ser escritora. Apresenta-nos uma trajetória de vida permeada de deslocamentos, mazelas, perdas e todo tipo de discriminação. Tornou-se a primeira mulher negra brasileira a vender 1 milhão de livros no mundo para falar de forma afiada sobre a fome, o racismo, as desigualdades do Brasil, entre outras problemáticas. Ao deixar seu barraco na favela do Canindé, foi literalmente apedrejada pelos próprios vizinhos com quem dividia um estrato social desprovido de dignidade. Em seguida, entrou na “sala de visitas” após o efeito bombástico de vendas de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, e continuou criticada pela sociedade burguesa daquele espaço, pela elite literária e os veículos de comunicação. A trilogia com a qual trabalhamos nesta pesquisa constata o tamanho incômodo que Jesus causava nas interações sociais. Contudo, a escritora nunca desistiu de lutar por sua voz, encorpando não só a resistência, mas a persistência e a insistência diante do silenciamento que cerceava sua vida e seu espólio literário. Por isso, os ecos de sua escrita política são fortes e representam as narrativas caladas pela “história única”, ao falar de dor e sofrimento, sem vitimização.

A partir da reflexão crítica das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014b), *Diário de Bitita* (2014a) e *Casa de alvenaria* (2021a; 2021b), analisamos as relações sociais e raciais, a intolerância, os preconceitos e os discursos de ódio que incidem contra cidadãs e cidadãos que estão à margem. Assim, esta dissertação expôs o que está enraizado no imaginário social: o Brasil reproduz um legado histórico de apagamento de vozes e uma ojeriza à cultura brasileira africanizada ou a qualquer simbolismo da negritude. Isso é inegavelmente perceptível nos dias de hoje, com falas que não assumem a constatação de uma desigualdade racial e que perpetuam ações racistas e seus consequentes efeitos devastadores na vida de pessoas negras.

É importante realçar que suas obras atuais e atemporais fazem uma leitura do Brasil contemporâneo e lançam luz de uma compreensão da organização política, social, cultural e econômica na qual estamos inseridos. Jesus mostra-nos um espaço de resistência à ordem opressora, nas mãos de uma mulher negra, que faz do lixo uma oportunidade inusitada, usando livros descartados para o seu letramento. A força dessa escrita nos conduz para a reflexão de um mundo em busca de justiça e equidade para todos, respeitando os deslocamentos populacionais e preservando a complexidade dos povos e suas culturas. Sem sombra de

dúvidas, é uma escrita que estilhaça toda a engenharia colonial e expõe as feridas mais dolorosas que não se cauterizaram. Cabe ressaltar a urgência da resistência feminina e negra de Carolina Maria de Jesus e que, nas últimas décadas, sua vida e suas obras têm despertado grande interesse por parte de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Além disso, seus textos estimulam o leitor a ter contato com livros de autoras e autores negros, abrindo novas possibilidades de leitura e rompendo com o epistemicídio histórico.

A partir do que foi analisado nesta dissertação, podemos pensar sobre a substância política da escritura de Carolina Maria de Jesus, que faz críticas às complexidades da sociedade brasileira com conhecimento de causa. As três obras analisadas inspiram fortes debates sobre a literatura de autoria feminina negra, por ser representativa para a mulher negra, fortalecendo seu lugar de fala. Jesus assume seu papel como porta-voz daqueles que habitam um Brasil injusto e miserável. A história que sempre nos contaram sobre a autora é a de uma pessoa periférica, mas ela vai além disso com a sua voz literária, empoderando-se através da escrita, quebrando os cercos que a impedem de falar e ser ouvida.

Diante do exposto, concluímos que a voz da mulher negra, nas obras analisadas, é gritada para quebrar o silêncio, sair do esquecimento e problematizar questões que dizem respeito ao sujeito negro feminino. É uma voz que vem da margem, que é subalternizada, mas refuta essas imposições através da resistência. Dessa forma, sua escrita – símbolo de excelência e inspiração para os leitores e a população brasileira – procura representar o empoderamento dessa mulher frente aos modelos hegemônicos. Em suma, é uma escritura feita de memórias e de testemunho. Evocando o texto de Spivak: pode o subalterno falar? Sim, a subalterna pode falar a partir de sua língua, o seu *pretuguês*, a partir da sua intelectualidade que corrói as relações de poder instauradas.

Para finalizar, resulta importante destacar que a autoria produzida por alguém pertencente às classes populares serve para dizer que os corpos negros têm o direito à vida e o direito de produzir conhecimento. Esses corpos, ao invés de serem negados, precisam ser vistos como produtores de conhecimento. Ao juntar a fome com a vontade de escrever, Carolina Maria de Jesus pavimentou uma literatura com poder, um poder contra a lógica dominante. Essa literatura é o motor para a construção de nossa história, memória e legado, representando o lugar de existência e reexistências. Ainda há muitos manuscritos aguardando para serem editados e reeditados. À Carolina!

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução Édna de Marco. *Revista Estudos Feministas* (online), Florianópolis, vol. 8, n.1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>> Acesso em: 10 de dez.2021.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORGES, Rosane da Silva. *Sueli Carneiro*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CARRANÇA, Thaís. “Até o feijão nos esqueceu”: o livro de 1960 que poderia ter sido escrito nas favelas de 2021. *BBC News*, São Paulo, 16 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57033047>>. Acesso em 20 de set. de 2021.
- CARRASCOSA, Denise. Carolina Maria de Jesus, nossa preta mãe, inventa o romance proverbial. In: JESUS, Carolina Maria de. *O escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 9-24.
- CARSON, Anne. O gênero do som. In: *Serrote*, n. 34. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março 2020.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. São Paulo: Todavia, 2022.
- COBRA, Hilton. Carolina Maria de Jesus, uma escritora atlântica! In: JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes felicidade?* Dinha; FERNANDEZ, Raffaella (orgs.). São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. *E-book*.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- DANTAS, Audálio. Casa de alvenaria – história de uma ascensão social. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961, p.5-10.
- DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Revista Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/a-mulher-de-letras.pdf>. Acesso em: 08 de dez. 2021.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, dez./2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 16 de dez. 2021.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra: narrativa antilhana*. Tradução CARNEIRO, Vinícius; MOATY, Mathilde. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: A minha escrevivência serve também para as pessoas pensarem. [Entrevista concedida a] Tayrine Santana. *Itaú Social*, São Paulo, 9 nov.2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em 20 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 6.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. Outras tramas: Tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*. Vol.1. Osasco. São Paulo: Companhia das Letas, 2021b, p. 9-18.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella. O espólio literário de Carolina Maria de Jesus. *Revista Manuscrita*, n. 31, p. 10-26, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2P1mDDU>. Acesso em: 02 out. 2020.

FERREIRA, Mauro. Obra musical de Carolina Maria de Jesus vem à tona em exposição sobre a escritora. *G1.globo.br*. 01 de set. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/poparte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/09/01/obra-musical-de-carolina-maria-de-jesusvem-a-tona-em-exposicao-sobre-a-escritora.ghtml> Acesso em: 03 de março de 2022.

FILA para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome. *G1.globo.com*. 25 de jul. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-eflagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contr-a-fome.ghtml> >. Acesso em: 18 de set. de 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir – a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, 2014a.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014b.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro, Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*, vol.1.Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*, vol.2. Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Org. de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Tradução Stephanie Borges. In: *Irmã outsider – ensaios e conferências*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MADUREIRA, Daniele. Racismo: como a educação brasileira acentua desigualdade racial e apaga os heróis negros da história do Brasil. *BBCNEWS*. 21 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55032588>> Acesso em: 19 de nov. de 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: o emblema do silêncio. *Revista USP*, n.37, p.82-91, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>. Acesso em: 10 de set.2023.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

NÚMERO de mortos pela Covid-19 no Brasil passa de 620 mil. *Correio Braziliense*. 10 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2022/01/4976603-numero-de-mortos-pela-covid-19-no-brasil-passa-de-620-mil.html>>. Acesso em: 10 de set. de 2023.

NÚMERO de trabalhadores resgatados de situações de trabalho análogo à escravidão na cidade de SP aumenta quase 200% em 2021, diz MPT. *Geledés*. 30 de jan. 2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/numero-de-trabalhadores-resgatados-de-situacoes->

detrabalho-analogo-a-escravidao-na-cidade-de-sp-aumenta-quase-200-em-2021-dizmpt/?gclid=EAIaIQobChMI6t2i6p7f-AIVDjORCh2jswQFEAAAYAiAAEgJBXvD_BwE. Acesso em 30 de abr. 2022

PINHO, Osmundo. E eu não sou uma mulher? *Geledés*. 08 de jan. de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 13 de set. 2021

POESIA, fogões e panelas... *A Noite*. Rio de Janeiro, 20 de dez. de 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1960_15808.pdf. Acesso em: 22 de fev. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. *Revista Crioula*. São Paulo, n. 20, p. 19-39, jul./dez., 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ANEXO A – Transcrição da entrevista com Vera Eunice de Jesus¹⁶

Entrevistada: Vera Eunice de Jesus (VE)

Entrevistadora: Antônia Amélia Barbosa (AB)

Vera Eunice de Jesus, além de filha da escritora Carolina Maria de Jesus, é professora e amante da literatura. Ela tem participado de vários eventos para propagar as memórias da mãe.

Antônia Amélia Barbosa (AB): Eu estou aqui com a professora. Eu sou Antônia Amélia Barbosa, mestranda em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e esta entrevista vai fazer parte da minha dissertação de mestrado. Na minha pesquisa intitulada “O grito de resistência na voz da mulher negra: Carolina Maria de Jesus” eu analiso a voz de resistência da escritora que perpassa três obras: *Quarto de despejo*, *Diário de Bitita* e *Casa de alvenaria*. Também sou professora de língua portuguesa e língua espanhola do IF Sudeste MG – Campus Santos Dumont – e esta pesquisa é muito significativa para a minha área de atuação e também na minha vida.

Hoje é uma data especial para todas nós, mulheres. Hoje é o Dia Internacional da Mulher, uma data muito especial porque mostra os nossos percursos, os percalços, as nossas lutas até chegarmos aqui. Temos muito o que avançar e avançaremos porque estamos sempre aprendendo umas com as outras. É um dia especial também, Vera, porque nós vamos trazer para essa conversa nossa a Carolina Maria de Jesus, a grande escritora Carolina Maria de Jesus, uma escritora multifacetada. Toda a escrita dela passa por esse olhar de mulher, mulher negra, mulher periférica, mulher guerreira, muito ousada, com sua escrita. Ela foi poeta, compositora. Foi cantora, poucos sabem, mas Carolina gravou um disco. Foi lavradora, trabalhadora rural, empregada doméstica e catadora de recicláveis. Ou seja, muitas em uma. E suas obras são atravessadas por todos esses desafios que ela teve na vida dela: a fome – uma constante em todas as suas obras –, a miséria, a invisibilidade intelectual (existiu e ainda existem muitas barreiras para Carolina adentrar no mercado editorial e também na academia) e o racismo.

Eu gostaria de falar um pouquinho sobre essa mulher que esteve à frente de seu tempo, essa mulher empoderada, dona de si, uma mãe solo e teve um objetivo muito claro em toda a sua

¹⁶ Entrevista realizada em 08 de março de 2022, com gravação feita na plataforma Google Meet e tempo aproximado de 2 horas e 16 minutos. Como ainda não está publicada, os dados coletados e incorporados à análise da pesquisa serão citados com a indicação de “Eunice” e em seguida a página onde se localiza o anexo desta dissertação.

vida e eu vou reproduzir entre aspas um trecho de um poema que eu acho belíssimo: “Eu disse: o meu sonho é escrever! / Responde o branco: ela é louca./ O que as negras devem fazer.../ É ir pro tanque lavar roupa.”¹⁷. Neste poema ela traz exatamente a conspiração da sociedade branca para com ela, para com a negritude, ela escancara esse racismo e essa opressão contra esse corpo que é subalternizado e a sociedade quer que ele continue no seu lugar subalternizado. No entanto, sua escrita mostra essa força, essa subversão, essa resistência. Eu costumo falar que, não sei se você vai concordar, essa escrita é atemporal. Atemporal em dois sentidos: pode ser lida em qualquer época, tanto no século XX – época de sua produção – quanto hoje ou daqui para frente quando não estivermos mais aqui. Em um segundo sentido, é porque traz as temáticas que são atemporais, atravessadas pelo tempo, do passado para cá. As memórias carolinianas não trazem somente as questões de Carolina, mas trazem também essa questão da coletividade negra, esse grito de resistência.

Vera Eunice (VE): Boa tarde. Fico muito agradecida com esses convites que vocês me fazem porque a maneira que eu tenho de propagar a memória de Carolina e isso foi um pedido que ela me fez antes de falecer. Ela deixou uma carta a qual me foi entregue um dia após o seu enterro. Nessa carta tinha vários pedidos e um deles era que eu não deixasse sua memória morrer. Então é com muita alegria mesmo que eu apresento a vida de Carolina e todos os convites que me fazem eu procuro ir e sempre muito agradecida. Eu sei que eu falando com você hoje, você vai se tornar uma multiplicadora e é esse o meu interesse. O que eu desejo é que se multiplique a memória de Carolina, porque, como você falou, uma escritora atemporal. Me fizeram uma pergunta numa live sobre *Quarto de despejo*: “- Vera, se sua mãe levantasse hoje do túmulo e ela fosse escrever um livro, qual livro ela escreveria?”. Eu digo: *Quarto de despejo*, porque ela não teria que escrevê-lo; ela teria que ler e continuaria a mesma coisa. Esse livro é muito atual. Por quê? Porque retrata violência, fome, mãe solo. A única coisa que eu acho que aconteceu após a morte da Carolina é que os negros hoje estão mais empoderados. Hoje eles estudam, procuram espaço. E como eles procuram espaço através da cultura. Em relação às cotas, os negros estão bem empoderados. Eu tenho um exemplo bem real em relação às cotas. Um repórter foi fazer uma reportagem e queria mudar o nome de uma escola chamada

¹⁷ JESUS, Carolina Maria de. Antologia pessoal. MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 201.

Império Dom Henrique para Carolina Maria de Jesus e nós fomos nessa escola que fica no Canindé. O diretor dessa escola já tinha conversado comigo que era uma reivindicação da comunidade. Eu como professora pensei: a Carolina tem o nome de muitas escolas e, confesso, que não dei muita importância. Quando chegamos lá, o diretor disse: “- Vocês querem conhecer a favela do Canindé?”, e eu disse: “-Mas existe ainda?”. Ele disse: “- Ainda existe.” Eu não sabia que existia, nem minha mãe. Minha mãe achava que tinha acabado essa favela. E nós fomos a essa favela. Quando chegamos lá, eles não queriam que nós entrássemos. Nós estávamos com a Globo. E tinha uma senhora lá que, segundo ela, conheceu minha mãe, e pelas conversas a gente viu que era uma senhora bem de idade que conheceu minha mãe. E ela falou: “- É a filha de Carolina Maria de Jesus.”. E nós entramos, à noite, e eles iluminaram toda a favela, nos respeitaram muito, não mexeram nas aparelhagens, foram muito receptivos. E uma negra chegou para mim e falou: “- Nós queremos mudar o nome da escola com o nome Carolina Maria de Jesus”. Eu falei: “- Então, não entendi por quê. Por qual motivo?”. Ela disse: “- Porque Dom Henrique era quem separava as crianças que chegavam dos navios negreiros das mães. **Não queremos o nome aqui desse homem!** (fala enfática)”. Aí eu falei: “- Ah, agora você me convenceu.”. E ela falou: “- Eu estudo através das cotas. Estou cursando Geografia. E nós, os negros aqui da favela, muitos estão estudando através das cotas.”. Então ela me convenceu através da cultura, do estudo. Por isso hoje a escola se chama Carolina Maria de Jesus.

AB: Perfeito! Isso é um mérito. Já que você tocou nesse assunto, a Carolina se preocupava muito com a questão do analfabetismo, da educação. A gente vê nitidamente nas obras dela, por exemplo, no *Diário de Bitita*, em que ela coloca o fato de a família descender de pessoas escravizadas e analfabetas, como o avô José Benedito, isso é uma dor muito profunda que ela carrega. Além disso, ela coloca que ter no país pessoas analfabetas, isso é um retrocesso para o Brasil. Então, nesse sentido, ela é uma lutadora pela educação e deixa isso muito bem claro em suas obras. A gente toca em um ponto que é o problema da educação brasileira para ser resolvido. Eu convoco as suas experiências de professora e te pergunto: qual é a importância de nós – professoras e professores – termos uma educação antirracista para o futuro deste país? Não basta só falar em educação, mas tem que falar numa educação antirracista.

V.E: A minha mãe, como dizia, eu falava que ela era semianalfabeta. E as pessoas falavam que não, que ela tem pouco estudo, porque ela viveu no letramento. Ela era muito ávida do saber e

eu sou testemunha disso porque ela queria saber sobre encontros consonantais, concordâncias verbais e nominais e eu a ensinei nos manuscritos dela. Hoje alguns críticos falam que ela escrevia errado e nós, as conselheiras, sofremos muitas críticas do trabalho que realizamos com *Casa de alvenaria*. Por quê? O Audálio Dantas sempre teve uma questão que ficou mal resolvida na vida dele, e isso ele falou pouco tempo antes de morrer. Ele me falou sobre um crítico que disse que foi ele que escreveu *Quarto de despejo* e ele falou para mim: “- Olha, eu não tenho condições de escrever um livro daquele.”. O Audálio tinha uma cultura, um linguajar, um conhecimento, ele era muito inteligente, escrevia muito bem e falava muito bem. E ele falou que só se ele fosse um mago para escrever *Quarto de despejo*. Então nós optamos por escrever, por editar *Casa de alvenaria* exatamente como Carolina escreveu. A Carolina escrevia o *pretuguês*, como dizia Lélia Gonzalez. Por exemplo, escrevia “açúcar” com dois “s”, “farmácia” com “ph” e, isso, se formos pesquisar, vamos perceber que o português periodicamente está mudando. Nós optamos por escrever exatamente como ela escreveu. As mudanças que nós fizemos foram pouquíssimas; nós percebemos que às vezes ela estava escrevendo um assunto e alguma coisa acontecia, ia cuidar do filho ou saía para trabalhar, aí ela escrevia alguma coisa e depois voltava àquele assunto. Por isso, nós juntamos algumas ideias, poucas coisas. Mas alguns críticos falaram que nós editamos como Carolina escreveu para falar que o negro não sabe escrever e não tem cultura. Eu acho que aí entra um pouco do racismo e, na realidade, não foi isso. Na realidade, nós queremos mostrar o que uma negra escreveu, e que sentiu o racismo na pele, que morou em Sacramento e foi crucificada porque era negra, inteligente, lia e falava bem. A minha mãe quando xingava a gente, ela falava “soezes”, “pernósticos”, e a gente não entendia muito coisa que ela falava. E o português que ela falava dentro da casa da gente era normal para a gente. O nosso linguajar com ela, muitas coisas a gente entendia, tanto é que, as minhas redações da escola, o jornal *Folha de São Paulo* tinha o “Folhinha” e professora – dona Idalina – falava “faça as redações” e mandava para a *Folha de São Paulo*, e as minhas eram sempre editadas. Não porque eu era filha da Carolina, mas, porque, enquanto o colega colocava “o homem tirou o leite da vaca”, eu colocava “o ordenhador tirou o leite da vaca”. Então, eu usava o português dela ali. O que eu quero mostrar para as pessoas é que, como é que uma negra, uma menina neta de escravos, que nasceu depois da abolição, que pegou todos os resquícios daquela “abolição” (gesto com as mãos), que sofreu com todos esses problemas, que tinha tudo para não dar certo, negra, mãe solteira, um filho de cada pai, escritora, ou seja, tudo para não dar certo e hoje é essa mulher ovacionada pelo mundo inteiro. Mas como ela chegou, mesmo tendo sofrido o racismo, ela era empoderada, falava bem.

AB: Ela se impunha, sabia falar, não é?

V.E: Sim. Para nós hoje vencermos o racismo e nos prepararmos para ele, nós temos que vencer através do estudo. Temos que saber falar, questionar, ver os nossos direitos, conhecer as nossas leis que nos favorecem. Em relação às cotas, eu ouvi muito falar que as cotas é porque os negros não eram tão inteligentes e hoje não é isso. Eu sei que não é isso, porque as coisas são muito difíceis para o negro, por exemplo, essa menina negra da favela se ela não vem com a cultura da faculdade, do conhecimento, eu ia ficar achando que era uma vaidade de querer o nome da minha mãe e, na realidade, não era, ela sabia a história. Então eu acho que pra gente melhorar o racismo e para o negro tomar consciência nós temos que cada vez mais entendermos o racismo, além das nossas crianças. Eu trabalho com crianças e penso que temos que incentivá-las. Eu não digo só o negro não, eu digo a criança periférica, a comunidade, a criança favelada. Essa é a única maneira. Eu falo que o primeiro alimento que eu tive foi do lixo. A minha mãe quando eu nasci, não tinha leite, e ela tinha um óleo podre, estragado, ela falava, e um pouco de fubá. E ela falava: “- Eu vou dar, se morrer, morreu”. Então eu tinha tudo para não dar certo, criada na favela, comia do lixo. E eu fui pelo caminho do estudo. Eu acho que estou num patamar até favorável pela história de vida que tive com a Carolina.

AB: Isso é resistência, é força que você está mostrando. Interessante que você comenta a respeito do *pretuguês*, a respeito do conselho editorial que você participou da Companhia das Letras, com Conceição Evaristo e outras, que eu acompanhei e vi a respeito. É interessante como que eu adorei isso de vocês preservarem o que ela escreveu e da forma como escreveu porque eu acho que é a subjetividade dela que vocês estão resguardando. Isso é tão importante. A bell hooks, por exemplo, assinava o nome dela com iniciais minúsculas, por quê? Porque ela queria que fosse respeitada aquela identidade negra, assim ela não queria que seu nome fosse grafado com iniciais maiúsculas como o de todas as pessoas que estão nas relações de poder, ela queria que o dela fosse diferente para mostrar que ali tem uma identidade negra. E essa questão discutida é muito mais do que preconceito linguístico. Eu tenho lido em jornais “Como pode o livro de Carolina Maria de Jesus ser editado com erros de português.” Isso mostra que não é só o preconceito linguístico, é o preconceito de cultura muito forte na nossa sociedade. Então, não é porque Carolina escrevia à maneira dela que ela estava desautorizada a ser uma escritora. Muito pelo contrário, e ela não se tornou escritora só porque publicou o *Quarto de despejo*, ela já era escritora antes disso. Não sei se você concorda. Ela já escrevia e já tinha isso latente nela e queria mostrar através da escrita a força e a subversão em relação aos atos

de atrocidade expressos por essa sociedade. Eu acho que é isso mesmo, o trabalho é de todos nós, concordo com você. Acho que nós que somos professoras, educadoras, temos o papel fundamental porque lidamos com pessoas muito diferentes e pessoas que não têm acesso. E nós temos que brigar mesmo por uma educação que faça o diferencial. O diferencial pelas minorias. Acho que temos que levar as obras da Carolina e de outras autoras negras também para a sala de aula. Quantos alunos nossos não se colocam no lugar da Carolina? E passaram por aquilo ali, num grau menor ou maior, mas sabem que atravessamentos são esses sobre os quais Carolina está falando. Vera, você atua na educação infantil. Você tem levado para a sala de aula as obras da Carolina. Como tem sido esse trabalho?

V.E: Eu acho que a literatura da Carolina atinge todas as pessoas e todas as pessoas gostam da literatura dela. Eu fiz uma live para uns adolescentes e uma adolescente da favela de Paraisópolis e eu mostrei para elas como a Carolina viveu, onde ela nasceu e deixei bem claro que a Carolina tinha um sonho. A minha mãe não tinha o sonho de ser rica, ela queria ser escritora. E elas falaram “Eu vou também conseguir alcançar os meus sonhos”. Eu também fiz uma palestra numa escola bem abastada, com sala de aula maravilhosa, um teatro maravilhoso, tinha um shopping, restaurante, tinha um jardim maravilhoso. Era uma turma de terceiro ano que ia prestar vestibular, e eu falei a história da Carolina, eles estavam com os livros da Carolina nas mãos. Quando acabei, uma menina falou: “- Posso fazer uma pergunta para você?”. Falei: “-Claro”. “- O que você achou da escola?”. Eu disse: “- Maravilhosa. Escola linda. Trabalhei na escola pública, na periferia e nunca tinha visto uma escola bonita igual à sua. Ela fez assim: “Ah, a cara da riqueza. Então, sabe há quanto tempo não vejo minha mãe? Faz mais de um mês porque ela paga meu almoço aqui e eu pego a janta para jantar em casa, sozinha, porque não tenho ninguém para me receber. Você não. Você tinha uma mãe e vinha todos os dias para casa, cantava com você, que lia para você, que dançava para você.”. E todas as meninas que ouviram ficaram chocadas e as lágrimas desciam. E um menino chegou perto de mim: “- Olha eu não sou um menino feliz, às vezes penso tanta besteira na minha vida, mas eu li o livro da tua mãe e escutei sua história, eu vou vencer, eu vou lutar.” Então, é como que a Carolina mexe com a criança, o adolescente. Eu trabalho na escola infantil e sempre digo à diretora para não dizer que sou filha da Carolina, que quero separar as coisas. Um dia, saindo para ir ao parque da escola com as crianças, passei em frente a uma sala e vi que uma professora estava lendo *Quarto de despejo* com as crianças. No outro dia, voltei para o parque e ela estava lendo para as crianças *Diário de Bitita*. Outro dia ela estava cantando “Salve ela, oh, salve ela, a vedete da favela”. Eu pensei: a professora está trabalhando com as obras da minha mãe. Fui

à diretora: “Diretora, a Lucilene está trabalhando com as obras da minha mãe?” Aqui em São tem uma carta de intenção. O professor faz o planejamento do que for trabalhar no semestre ou no ano todo. Ela tirou quatro folhas da gaveta e me mostrou o que a professora estava trabalhando. No *Diário de Bitita*, a minha mãe fala que gosta muito de banana com canela. Essa professora cozinhou banana com canela e mandou as crianças levarem na minha sala. Ficaram me olhando para ver o que eu iria falar. Eu comi a banana. “Nossa que delícia!”. Eles falaram: “A Bitita que gostava”. Retornaram para a sala. Um dia a professora me falou que precisa revelar-lhes que eu era a filha da Carolina. Eu disse não dava mais para esconder. Ao chegar na sala onde estavam aquelas crianças, a professora colocou um filmezinho que a Zezé Motta¹⁸ narra e aí assisti com eles. Quando a professora disse que a Vera do livro era a professora Vera, acabou a professora engraçada. Eu me senti a Branca de Neve que saiu do livro. Eles ficaram surpresos por eu estar no livro e estar ali na frente deles, como se eu fosse uma pessoa de outro mundo. Eu percebi como a história da Carolina mexe com essas crianças. Tem uma história que eu gosto de contar que é quando eu e Conceição¹⁹, essa figura maravilhosa, fomos à FLUP²⁰. Nós fizemos a palestra e sentamos para autografar. Na fila tinha uma negra despenteada, mal arrumada, maltrapilha, que me disse: “Você autografa meu livro? Você onde mora?”. Eu disse: “- Aqui no Rio, né?”. Ela disse: “- Eu moro na cracolândia, eu sou usuária. Eu estava com dinheiro para comprar craque, mas resolvi comprar o livro da sua mãe porque vi a minha história ali. Eu vou mudar. Eu gosto de artes. Eu vou cursar artes. Vou montar uma pessoa e quero que você venha assistir. “. Aí eu levantei, fui e a abracei. Tiraram foto e tudo. Então como a Carolina vai mexendo com as pessoas. Eu gosto de contar essas histórias para as pessoas verem como a Carolina é uma inspiração.

AB: Carolina é mesmo uma inspiração para muitas pessoas. Eu vejo que nós temos muitos problemas no nosso país, como má distribuição de renda, temos uma desigualdade social muito grande, o número de moradores de rua explodiu com a pandemia e, não tem como nós passarmos pelas ruas e não olharmos e não lembrarmos imediatamente da Carolina. Quando leio uma obra da escritora, as cenas ficam na minha cabeça e me remetem à mais pura verdade. Nós temos muitas pessoas miseráveis vivendo nas ruas. Infelizmente, muitas delas não conseguem resgatar a própria vida e há aquelas que conseguem através de histórias como essas

¹⁸ Zezé Motta (1944-) é atriz, cantora e militante da causa negra.

¹⁹ Referência à escritora Conceição Evaristo (1946-).

²⁰ Festa Literária das Periferias – é uma festa literária internacional que ocorre em territórios tradicionalmente excluídos.

que a Carolina nos conta, eu acho que não tem exemplo melhor de inspiração. Recentemente eu li sobre um trabalho social com catadores de lixo, reciclagem, geração de empregos, de mulheres que leram a história de Carolina e se inspiraram nela e depois publicaram um *e-book* contando sobre suas próprias histórias de vida, como é morar nas ruas, passar fome. Há pessoas em nosso país que não têm a menor noção do que acontece diariamente, dão às costas ao que está acontecendo.

V.E: Esse caso que você está falando é em Santo André, aqui em São Paulo. O professor da UFRJ está fazendo um trabalho com as mulheres recicladoras e elas estão escrevendo o diário da vida delas. Outra coisa que me chamou muita atenção é que eu fiz uma palestra com as meninas que reciclam, novas de 20, 25 anos que reciclam, vendem para pagar a faculdade que elas cursam. Fizemos uma live e achei maravilhoso ver as meninas reciclando e pagando os próprios estudos. Então é Carolina aí em evidência.

AB: Com certeza. Quando a gente fala que ela [Carolina] é atual, é nisso aí que ela entra também. A Carolina costumava dizer várias vezes e escancaradamente em *Quarto de despejo* que se sentia um objeto fora de uso. Ela fala também em *Diário de Bitita* como a sociedade a tratava como um ser estranho: “Que negrinha feia! Além de feia antipática.”. Havia uma tia dela que a agredia verbalmente: “Dona Cota, bate nessa negrinha”. Isso porque Carolina perguntava tudo, era muito curiosa, questionava e aí ela era tratada dessa forma. Me parece que essa sensação de estranhamento persiste em *Casa de alvenaria*, o diário que foi publicado em 1961, quando ela relata que a vizinhança a olhava de forma “diferente”. Que “diferente” é esse? Enfim, por que você acha que ela era tratada como um objeto culturalmente diferente, um ser estranho? Ela parece um pássaro fora do ninho. Isso era somente uma sensação dela ou realmente ela era um objeto fora de uso para a sociedade?

V.E: Olha, quando criança, Carolina já estava à frente de seu tempo. Antigamente os brancos liam jornais para os negros. O avô a levava para ouvir as notícias e ela pequena já ia com ele. Então quando as pessoas estavam conversando, ela sabia o que eles estavam falando porque ela também tinha ouvido. Por isso, os assuntos de política e de tudo ela sabia. Por isso a tia falava “Negrinha antipática, negrinha chata, negrinha feia, nariz chato”, tudo ela escutava e alava em casa. Como Sacramento é uma cidade espírita, assim como Uberaba, ela tinha muita dor de cabeça e a mãe a levou para Eurípedes Barsanulfo olhar, ver o que ela tinha. E ele examina Carolina e fala “Olha, sua filha não é antipática, não é chata e nada disso, a sua filha

é uma poetisa. Pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa”. Isso ela falava direto, em casa para a gente. E aí ela não sabia o que era, nem a mãe, e quando alguém falava chata, a mãe falava “Ela é uma poetisa”. Em Sacramento ela não foi bem quista, e ela sempre relatou isso, e ela, por ser uma menina diferente, não conseguia namorado. Os namorados nunca estavam à altura dela, porque ela estava sempre lendo, lendo. Bom, quando ela veio para São Paulo teve a sorte de trabalhar na casa de Eurípedes de Jesus Herbine. Ele sempre falou para ela: “No final de semana você pode sair e dançar”. Minha mãe sempre gostou de dançar, mas ela gostava de ficar na casa dele lendo, ela adorava ler Casimiro de Abreu. Tanto é que tem uma passagem no *Quarto de despejo* em que ela está empurrando um carrinho, e eu tô rindo e ela fala um verso de Casimiro de Abreu “Sorri, criança. A vida é bela”. A minha mãe era muito poética e, por exemplo, eu sabia quando ia apanhar porque ela vinha com poemas pra mim e cantava: “Menina que chora quer mamá, chinelo na bunda faz calar”. Às vezes ela falava em versos. Você percebia os versos. Então minha mãe era assim... fluíam os versos dela, né. Quando eu fui pra casar, apresentar meu marido pra ela, minha mãe sempre foi muito brava, e eu falava “Ela não vai aceitar que eu namore, de jeito nenhum.”. E eu falei pro meu namorado que era meu marido depois: “Olha, eu não vou apresentar você não. Nós vamos namorar escondido.” E ele falou “Não, eu vou lá e vou falar com ela”. Então quando ele chegou, ela olhou pra ele e ele falou “Eu vim pedir sua filha pra namorar”. Ela olhou pra ele e falou: “- Você parece com Castro Alves” e ele parecia mesmo com Castro Alves. Então ela tinha esse lado poético, tudo dela era poético. Mas, na favela, não foi uma pessoa também bem quista. Por quê? Minha mãe gostava de valsas vienenses, não queria que os filhos se misturassem. A minha mãe trabalhava e reservava o dinheiro pro meu irmão ir pros cinemas aos domingos porque ela não queria que a gente se misturasse na favela. Ela fazia o possível e o impossível pra gente não se misturar. E sempre foi assim, aí não era uma pessoa bem quista. Sempre namorou muito e sempre namorou homens não da favela. O único homem que ela se envolveu na favela foi o cigano, mas que passou, ele não era da favela, de passagem. Então as mulheres não gostavam porque ela não se misturava com os homens de lá. Bom, viemos morar na casa de alvenaria que ela sonhou tanto com a “sala de visitas”, e ali também ela não foi bem aceita. Só que hoje, assim adulta, eu imagino você chegar num bairro residencial classe alta, que naquela época era classe alta, e chegar uma escritora alta, negra, favelada, mãe solteira, recém saída da favela, com os meus irmãos que não eram fáceis. A Conceição Evaristo fala pra mim “Vera, como é que seus irmãos não eram fáceis? A mudança na vida de vocês foi muito rápida. Vocês saíram da favela e vieram pra cá, então não teve aquela mudança paulatina. Vocês trouxeram algumas coisas da favela.”. Tinha que ter uma mudança menos acelerada. Bom, então nós não fomos bem aceitos

lá. A minha mãe gostava de valsas vienenses e colocava a vitrola numa altura, dançava sozinha na sala, viajava muito, os meninos ficavam sozinhos. Então era uma série de problemas. Além do que a minha mãe não foi bem aceita na sociedade. Por que ela não foi bem aceita? Jorge Amado tava no auge e a minha mãe superou ele em vendas. Saiu uma reportagem que a minha mãe falava que Jorge Amado não aceitava ela. E aí estava Carolina: vítima ou louca? Vítima, a minha mãe não era louca. Por quê? Porque Jorge Amado nos chamou pra ir na casa dele. Falou: “Não, Carolina, você vem ao Rio e vem pra minha casa”. Porque minha mãe ficava sempre nos hotel, hotel Serrador e nos recebiam muito bem. Mas como ele nos convidou, nós chegamos à noite na casa dele, a empregada veio e falou “Ele não quer a senhora aqui.”. Eu estava junto, eu vi. Era noite e a minha mãe ficou atrapalhada. Por que, puxa vida, o que que ela ia fazer comigo à noite lá no Rio? Aí a empregada falou: “- Deixa a menina e amanhã cedinho você vem buscar, a senhora vem buscar amanhã cedinho.” E eu lembro da minha mãe indo assim no escuro, sumindo na escuridão. Eu entrei na casa, eles estavam todos dormindo na sala, televisão tava ligada, estavam no sofá dormindo, ela me levou me pôs no sofá-cama, me pôs deitada dentro de um sofá-cama, de manhã ela me tirou, me deu café, uma chegou e falou assim “Olha, ele vem vindo”, me puseram debaixo da mesa e ela me disse “Olha, você não se mexa”. Eu vi os pés dele. Claro, vi que ele tava de hobby e aí ele pediu o desjejum dele. Quando ele saiu, minha mãe chegou e elas me levaram embora. Então Jorge Amado não aceitou a Carolina, a minha mãe não era louca, ela era vítima mesmo. Minha mãe também se queixava que, no festival do livro, puseram vários livros dele pra vender e os dela só cinquenta. Vendeu num instante. Isso eu tenho reclamado até hoje, que às vezes ao vou num lugar chega lá tem pouco livro dela. E o livro dela é bem aceito. Mas, já a Clarice Lispector, já aceitou minha mãe. O pessoal falava “ah ela tinha minha mãe como empregada”, isso é mentira porque eu vi Clarice Lispector e tive o prazer de conhecer essa mulher, e minha falou: “- Olha bem pra essa mulher, ela se chama Clarice Lispector. Você vai ouvir falar muito dela” e eu olhei porque minha mãe falou “Olha bem pra essa mulher e ela está muito doente”, ela já estava apresentando a doença dela. Então minha mãe sofreu muito ali em casa de alvenaria, mas tinha fama de rica. Na realidade, eu não sei, eu acredito que a minha mãe vendeu muito livro, deve ter ganho muito dinheiro, mas além do que, minha mãe tinha o coração muito bom, minha mãe era muito brava mas era muito boa. Então hoje eu digo minha mãe tinha que ser brava, com os filhos adolescentes para criar, sem marido, naquela loucura, ela não sabia se cuidava dos filhos... isso quem me conscientizou foi Conceição Evaristo “Vera, vocês não eram fáceis, adolescentes, ele tinha que escrever, tinha que viajar. Ela não se atentou às vendas.”. Eu cansei de ver minha mãe assinar papel em branco no avião. “Carolina, assina aqui”. Mas eu não

entendi, eu tinha lá uns oito anos. Então ela ajudava muito as pessoas. A gente levantava de manhã, tinha: gente pedindo caminhão, busca meu filho no Nordeste, me leva pro Nordeste de volta, tira meu filho da cadeia, arruma advogada pra mim, enxoval. Ela ficava ali tentando ajeitar a vida das pessoas. Os mendigos ela pegava quem não tinha lugar pra dormir e levava pra casa, punha pra dormir, uns roubavam, outros agradeciam, você pulava mendigo assim, era mendigo no sofá. Eu lembro bem disso. Aí uma pessoa falou pra mim: “Vera, você não achava sua mãe louca, colocar todo mundo dormir na sua casa?”. Eu falei “Eu achava”. Mas eu acredito que mesmo ela ajudando as pessoas, eu acho que nós não poderíamos acabar como minha mãe acabou. Nós caímos num retrocesso que, agora trabalhando com *Casa de alvenaria*, em Santana ela já estava vendendo as coisas para comer, não podia acontecer isso. E nós fomos morar em Parelheiros. E lá nós voltamos a passar fome, mas não era uma fome como da favela. Lá nós tínhamos o feijão, mas não tínhamos arroz, nós não tínhamos açúcar, não tínhamos café. O que dava para plantar, plantava. Não tinha sal, óleo. Eu lembro que a gente esperava a galinha botar um ovo. A galinha cantava, a gente ficava os três lá no galinheiro esperando o ovo. A galinha botava o ovo e a gente pegava ele na mão. E o ovo vinha mole. Quando pega o ar que endurece. Então ela fazia um bolinho pra gente. Ela também ficou muito doente e achamos que ela ia morrer. Não tínhamos dinheiro pra remédio. Aí aos doze anos eu já fui trabalhar na roça, os meus irmãos foram trabalhar, e ela sempre escrevendo, ali ela deitava debaixo das árvores dela e ali ela escrevia. E minha mãe sempre andou com dicionário. Era um dicionário prático e ilustrado com o qual ela dormia. Ali ela ficava lendo o dicionário e escrevendo. Então eu não entendi porque caímos nessa situação de penúria porque ela era *best-seller* e, pelo que estou lendo hoje, ela vendeu muitos livros. Acho que não poderia ter acontecido o que aconteceu né, mas...

AB: Talvez até por ingenuidade, ela não estava acostumada com aquela vida, não tinha uma boa administração. E tinha a questão dos aproveitadores. *Casa de alvenaria* mostra isso: uma fila de pessoas, uma comitiva de pessoas que iam à casa de vocês pra visitar, para pedir, eram coisas absurdas. E, então, pode ter sido isso. Nos fins da vida de Carolina, é verdade que ela voltou a catar recicláveis na vida dela? Como é que foi isso, Vera?

V.E: Então, é o que eu digo, Antônia. Quando você está na favela vivendo com três crianças, é muito mais fácil porque várias vezes a gente não tinha o que comer e ela cantava. Vamos cantar, vamos dançar e vamos dormir. Agora o meu irmão mais velho saiu da favela já pré-adolescente e aí ele viveu aquela vida de Santana lá, viveu esses tempos áureos da Carolina.

Quando nós fomos para Parelheiros, a minha mãe entrou na casa não tinha porta, nem janela, não tinha chuveiro, não tinha luz elétrica, o chão era de terra. Então como dizia Conceição Evaristo, “a nossa mudança foi muito assim, foi tudo muito rápido”. Meu irmão não entendeu. Eu até era menor, pequena e levei mais facilmente a situação. Então, ficou aquela situação. A minha mãe falava assim: “Olha, eu vou sair, se eu conseguir alimento pra vocês, eu venho pra casa, se eu não conseguir, eu vou me suicidar”. Eu tinha pavor, eu morria de medo de perder minha mãe. A gente só tinha a minha mãe. Ela saía e ficava uma semana fora e nós ficávamos sem comer. A gente tinha couve, meu irmão pegava aquela couve e não lavava aquela couve, fazia aquela couve sem lavar, nós comíamos aquela couve. Uma mandioca ele cozinhava, ele se virava, ele se virava com as coisas. E todos os dias a gente precisava saber porque minha mãe não vinha para casa. Ele pegava uma pilha (o rádio era à pilha), fervia e punha um bombril e quando saía o fogo ele falava “Tem energia”. Ele punha no rádio e falava “Nós vamos ouvir a *Hora do Brasil*. Se a mãe se suicidar, ela é escritora, vão falar. Se a mãe não suicidar, a gente vai no ponto de ônibus.”. Então a gente ouvia ali, os três bem baixinho com o rádio encostado assim (coloca a mão nos ouvidos). Não, não falou nada da mãe. Corríamos até o ponto de ônibus um quilômetro e meio naquele barro, chuva, no meio da lama. Ficávamos os três até vir o último ônibus. Íamos embora. E aí num belo dia a gente olhava na frente do ônibus e via aquela pretinha em pé pra descer. Nossa! Era muita felicidade, era muita felicidade. E aí ela descia, trazia comida, trazia tudo, até vassoura pra varrer a casa. A gente achava um luxo porque a gente varria com mato. Aí ela falava: “Agora estou com a paz interior, vou escrever.” Aí ela escrevia. O meu irmão mais velho era muito e nervoso e ela falava que ele era nervoso por causa da fome. Quando ele comia, ficava outra pessoa. Então chegou um tempo que ela precisou catar papel. A imprensa falou “sensacionalismo”, não foi, a situação da minha mãe ficou caótica. Não recebia mais nada, caiu no ostracismo, o dinheiro que vinha era muito pouco. A gente agradecia o Dr. Fife, que era o cônsul da Alemanha, que ele ia em casa e levava arroz, feijão. Minha mãe dava abóbora pra ele, dava chuchu, fazia essa troca. E ele ia sempre lá e levava uma coisa pra gente. A única pessoa. O Audálio Dantas falava pra mim: “Você fala no Fife como se fosse um Deus.”. Eu disse não, é o que eu via lá. Igual ele fala: “Você fala que saiu da favela e foi morar num porão.”. E eu falei pra ele: “Como nós somos do porão, nós queríamos sair do porão e não queríamos luxo. Nós queríamos comida, e tinha.” Então, a minha mãe, nós ficamos numa situação caótica. Depois eu casei, ela colocou um bar que tá lá até hoje, fechado, mas é o bar do jeito que ela deixou, e a vida foi melhorando, mas dinheiro assim de direitos autorais do mundo inteiro até hoje estamos vendo para ver pra onde foi esse dinheiro que até hoje eu não sei. A morte dela foi assim terrível. Minha mãe morreu e nós não tínhamos

flores para pôr no caixão dela. E o meu irmão chegou em casa e disse “Olha, a mãe morreu”. Eu não tinha dinheiro, eu tinha acabado de casar, estava recém-casada, e o meu irmão tava muito doente, tanto que morreu depois dela, o meu outro irmão casou, tinha ido embora. E ela morava com meu irmão que morreu logo depois dela e aí eu fui preparar o enterro dela, peguei o caixão mais barato, peguei vela porque ela sempre falava “Tinha que ter vela pra me iluminar”, ela sempre falava isso. Flores eu não coloquei e lá onde ela tá enterrada e o padre rezou a missa de corpo presente e falou “Quero que todo mundo vá no seu jardim e traga uma flor pra Carolina”. Nossa, todo mundo saiu da igreja, voltaram com aquelas flores, tinha muita criança. Crianças essas que hoje falam “Eu estava no enterro da sua mãe”. Tem até um político que falou para mim: “Eu estava no enterro da sua mãe”. Aí ficou bonito o caixão. A vida da Carolina é o que eu sempre digo, a minha mãe não foi feliz. Se você analisar a vida dela, a minha mãe teve poucos momentos felizes. Um dos momentos felizes que eu vi e retratei na vida da minha mãe foi quando ela viu o nome dela grafado: “Carolina Maria de Jesus: Quarto de despejo, diário de uma favelada”. Eu senti a realização dela ali e também quando conseguiu comprar o sítio dela em Parelheiros.

AB: Interessante que a Carolina mostra isso na *Casa de alvenaria*, os episódios da vida dela felizes, que foi a publicação de *Quarto de despejo* e ela estava muito eufórica citando para nós, leitores, “Meu livro vai ser publicado.”. Ela comprava jornais, ela era muito leitora de jornais, ela passava em frente a bancas de jornais para ver o nome dela, as entrevistas. Me parece que Carolina não é uma pessoa tímida, ela dava entrevistas, falava, a convidavam para participar de programas ela ia. Quando ela estava no teatro e a convidavam para ir ao palco falar quando os atores estavam representando *Quarto de despejo* e pediam para ela ir ao palco, ela ia, se apresentava, falava sobre as histórias da vida dela sem o menor constrangimento, timidez. Me parece uma mulher completamente dona de si mesma. Ela se apresentava pra políticos. O fato de ela ir à imprensa, em 1940, ir ao Rio de Janeiro, ela mesma apresentava seus trabalhos. Ninguém foi atrás dela, ela que foi em busca dos sonhos dela. Ela que se apresentou também a Audálio Dantas. É isso mesmo que eu estou falando?

V.E: Tem essa controvérsia de que Audálio Dantas descobriu a Carolina, e algumas pessoas falam não, Carolina descobriu o Audálio. Em 1940, minha mãe já estava atrás das editoras para publicar o livro dela. Ela já estava nas redações de jornais. Tem uma foto muito bonita dela na capa de jornais “Surge a Carolina, a poetisa negra”. Pelo que me consta o Audálio chegou na favela e a minha era muito brava, mas se comunicava bem com as pessoas. Tinha uma moça

na favela com problema mental e um rapaz sai arrastando essa moça pra dentro do barraco. E eu tenho isso tão nítido ela na minha cabeça. A minha mãe ela sai e empurra o rapaz e tira a menina e ele briga com ela, e ela se agarra com ele. A minha mãe era muito assim de resolver os problemas. E esse parque infantil foi na favela e quem estava balançando no parque eram os adultos. Então ela foi lá e falando bem, altiva. Minha mãe quando olhava pra você ela tinha um olhar penetrante ela olhava com o olho bem firme. Então ele [o Audálio] se aproximou dela e ela falou “vou colocar todos no meu livro”. A minha madrinha de batismo era secretária do governo do estado de São Paulo. Marta Terezinha Godinho. E ela falou para mim “Vera, a primeira pessoa que viu o livro da sua mãe fui eu. Eu pedi pra sua mãe ‘vamos editar’, ela não deixou.” Ela mostrou todos os romances, tudo, mas ela não quis publicar com a Marta Terezinha Godinho. E então eu falei pro Audálio: “Ela confiou em você”. E ela gostou muito do Audálio. Então, eu acredito que ali foi um encontro, um destino, eles tinham que se encontrar. A família do Audálio Dantas ficou meio/muito magoada, não digo magoada, mas meio melindrada porque o *Casa de alvenaria* saiu o que minha mãe escreveu. Só que eu não sei com que olhar eles olharam o livro. Nós, eu e as Conselheiras, Conceição Evaristo, ela foi muito criteriosa, nós fizemos várias reuniões, várias lives pra poder colocar o nome do Audálio Dantas no livro. Se a gente não colocasse o nome do Audálio Dantas no livro, a gente ia mexer muito no livro, não podia, ali ela fala o tempo todo dele. E, também, as pessoas quando se relacionam eles têm problemas, eles se dão bem mas também têm os problemas de relacionamento. Eu não podia só florear Audálio Dantas. Então nós deixamos exatamente como ela escreveu. Só que há vários momentos que a minha mãe fala muito bem do Audálio Dantas, ela tinha ele como um semideus pra ela. Também em certos momentos ela tinha raiva dele e ela também escrevia. Então, a falava não entendeu e deu aquela polêmica toda com a família do Audálio Dantas que, uma parte da família se sente melindrada, e outra parte da família entendeu. Principalmente quem entendeu esse lado foi o filho mais velho do Audálio Dantas, o José de Paula Dantas, porque ele sim tem propriedade pra falar porque ele conheceu minha mãe. Ele viajava com minha mãe, minha mãe frequentava a casa dele, a gente saía pra almoçar juntos, a família, ele, o Audálio andava muito com ele. Então eu falo ele tem propriedade e vê como minha mãe gostava do Audálio. A família não entendeu, infelizmente. É o que eu digo foi um encontro dos dois e o melhor da história é que eu não suportava Audálio Dantas. E eu não estou dizendo aqui nem pra você, nem pra família dele, eu disse pra ele: “Eu não gosto de você”. E ele falou: “Não sei por quê”. Ele falou: Você não sabe de nada, você era muito criança. Mas ele me chamou e falou: “Vamos conversar. Eu quero conversar com você. Eu vou falar tudo o que tenho pra falar e você fala tudo o que tem pra falar.” E foi uma conversa

sadia. Eu falei tudo, ele entendeu, ele explicou os motivos dele, eu também entendi os motivos dele. Ele falou “Sua mãe não era fácil”, eu sei que não era. Tem algumas coisas que ficaram sem explicação, mas vamos ver com o tempo. Só que ele ria quando ele falava da minha mãe. Ele sorria e dizia que sua mãe falava assim pra mim: “Você não é o meu feitor”. Ele ria, ele imitava ela direitinho ela falando. O importante é que eu tive esse entendimento com ele. A esposa dele, a Vanira, contribuiu muito para que nós nos aproximássemos porque ela falava: “Já passou, hoje vocês são adultos, se entenderam, vamos deixar o passado. Quando ele ficou doente, estava pra falecer, mas ele não sabia, a ideia dele era escrever um livro “Carolina”. Eu até propus pra ele vamos escrever nós dois. Você fala a sua parte e eu falo a minha. Nós fazemos um livro. Ele tava muito animado pra escrever esse livro, mas infelizmente não deu tempo. Depois dessa conversa, todos os domingos ele ficou aqui no Hospital Premier e lá eles têm um trabalho assim com pessoas que já estão pra partir. Eles estão fazendo um trabalho muito legal com os parentes, a família, com as pessoas que ele gosta, com os amigos. Então tinha dia que a gente ia e tinha só jornalistas, a família, tinha as músicas que ele gostava, as comidas que ele gostava. E ele falava “eu quero a Vera” e todos os domingos eu ia lá e ali a gente conversava. A minha filha gostava muito dele e gosta até hoje. Ele falava da Carolina, nós falávamos de projetos futuros. Nós estávamos bem. Então eu sei que eu estou em paz com Audálio Dantas. Estamos com um impasse com a família, mas com o tempo... só o tempo né?

AB: Vou pegar um pouquinho do gancho que você falou, vou falar um pouquinho da produção da Carolina. Eu li recentemente no livro da escritora Fernanda Miranda *Silêncios prescritos* que disse que há mais ou menos cinco mil páginas escritas por Carolina que ainda não foram publicadas. Isso diz muito, Vera, de uma cultura do silenciamento contra o sujeito negro, que não lhe dá o direito à própria voz de contar suas narrativas. Eu gostaria que você comentasse o que você acha disso e se é possível levar esse material “esquecido” ao mercado editorial.

V.E: Minha mãe era mineira e ela falava “Ah, mulher tem que costurar, tem que lavar, cozinhar, passar, ser dona de casa.” Ela tinha a máquina de costura dela e sempre gostava de costurar. Ela falava “Quando eu morrer, a máquina vai ser da Vera e ela falava que eu tinha que costurar. Só que quando ela faleceu, meu irmão falou “a máquina vai ficar com minha esposa”. A mulher dele queria a máquina. E eu queria pegar as roupas da minha mãe e ficar com elas. Meu irmão mais velho tava muito doente, tanto que faleceu e ele não tava resolvendo nada. Então ficou essa disputa entre eu e meu irmão. E ele ficou com a máquina e eu disse que ia levar os manuscritos da mãe. E ele falou que ia entregar pro Audálio Dantas. Minha mãe estava sendo

velada e nós brigamos. Peguei os manuscritos que estavam guardados na mesma caixa e trouxe. E deixei em casa, só que eu não tinha noção e aí Sacramento me chamou pra ir nos trezentos anos de Zumbi. Minha mãe nunca mais voltou em Sacramento. Eu fui a Sacramento e fui muito recebida. Eu notei um racismo terrível lá, que até hoje tem. Mas falei pra eles que não gostava deles porque maltrataram muito minha mãe, aquela cidade racista. E eles falaram que mudaram, que é outra geração. Acho que não mudaram tanto, mas mudaram. Quando levei os manuscritos e deixei nas mãos do secretário de cultura ele disse que iria preservar, mas não foi o que aconteceu e não acontece até hoje. Eu queria que eles fizessem um lugar pra Carolina e não tem esse lugar até hoje. Essa é outra guerra que estou tento com eles. Eu fui oferecendo os livros pra Editora Somos, estavam me pedindo o *Casa de alvenaria*. Eu disse vamos publicar *Casa de alvenaria*, mas estavam preocupados com o filme que estava para sair. A Companhia das Letras me procurou e aí os herdeiros todos, os herdeiros do meu irmão entramos num acordo e passamos pra Companhia das Letras. Pela Companhia das Letras são vinte e sete obras, muita coisa. Eles falaram “vamos montar um conselho negro”. Entrou a Fernanda Felisberto, a Amanda Crispim, pessoas de nome, meninas formadas, escritoras e para consagrar o trabalho Conceição Evaristo. Ela aceitou e fechamos. Dividimos o trabalho. A ideia da Companhia era editar os livros seguidamente. Eles dividiram: umas vão ficar com o diário, outras com o romance, outras com as peças teatrais, outras com os poemas, outras com os contos, letras musicais. Ela escrevia tudo. Quando fomos ver os diários, todas queriam os diários. A Fernanda Miranda adora os romances, principalmente o *Diário de Bitita*, ela ama. Então decidimos e fomos todas nos diários. Então fizemos o primeiro diário e agora vamos trabalhar com *Quarto de despejo*, mas o verdadeiro quarto de despejo, como casa de alvenaria, sem cortes. *Casa de alvenaria* é bem polêmico, mas é com tudo que tem ali. Quando eu falo a Carolina primeira pessoa é minha mãe. Quando eu falo a Carolina terceira pessoa é a escritora. Eu tenho paixão pelos romances dela, uns são de ficção e outros ela trabalhou nas casas e só mudou os nomes e trocou a história. Os romances dela são muito bons. Eu estive em Sacramento e li a primeira página com a minha filha e lhe perguntei “Quantas palavras aqui você não conhece?”. Carolina era cultíssima. Quando fomos fazer o trabalho com as conselheiras, surgiram palavras que eles disseram que não existiam e a Felisberto achou em um dicionário erudito “ah existe mesmo, tem aqui a palavra”. A Conceição Evaristo achou as palavras em dicionários gregos. Então existem as palavras. Então ficamos assim: vamos pros diários, depois pros romances, os contos. Ela tem os contos “Onde estaes felicidade?”, ela tem os poemas. Agora o problema maior, Antônia, as pessoas acham que Carolina é deles. Carolina não é de ninguém, é do mundo. Eu tenho manuscritos da Carolina em todos os lugares que

você possa imaginar, como numa gaveta de um rapaz em Curitiba. Ele chegou com o manuscrito da minha mãe e falou pra uma estagiária “Olha, eu acho que é da Carolina Maria de Jesus. Tem como falar com a filha dela?”. Ela me procurou e achou. Ela fez uma xerox, me procurou e falou: “Vera, você é filha da Carolina?”. Eu falei: “Essa letra é da minha mãe”. Ela falou: “Tem um rapaz aqui, tem os manuscritos da sua mãe e só vai entregar se for você”. Eu falei que ia a Curitiba buscar e ele falou que não ia entregar. Uma historiadora conseguiu entrar na casa dele e filmou. Ele tem várias coisas e me entregou dois cadernos. E esses dois cadernos não é o que a menina me mandou. Ele tem mais coisas lá. É outro problema pra devolver. Por exemplo, a filha do Audálio Dantas diz que ele tem manuscrito da minha mãe, tem quatro cadernos, que não são dela, é da minha mãe. Minha mãe deu pro Audálio. Ele entregou na Biblioteca Nacional, no Rio, mas não entregou tudo. Então tá lá com ela. Sacramento está lá com as coisas, e não cuidam e não me devolvem. Eu não quero pra mim. Eu quero colocar na Biblioteca Nacional, no Moreira Salles, no Museu Afro pra esse adolescente ver como Carolina escrevia. Eu vi *Quarto de despejo* agora com sessenta anos. Eu ouvia que minha mãe escrevia em papel de pão e eu sempre achava isso utópico. Eu fui no Museu Afro e eles me fizeram uma surpresa, “mas você e a Conceição não vão colocar a mão”. Vimos o *Quarto de despejo* escrito em papel de pão, mas está lá na pasta. Com o dinheiro que o governo federal, a Dilma ofereceu. Eu fiz uma live na França com as mulheres negras da França. Essas mulheres disseram que quando acabar a pandemia, vão a Sacramento visitar o museu da Carolina. Eu falei: “O quê? Não tem, tá lá dentro de uma cadeia”. Ah, ficaram revoltadas. Agora que estamos vendo uma ação do Ministério Público pra ver o que vamos fazer, porque não pode ficar do jeito que está. Isso é complicado.

AB: É complicado e perigoso, porque a gente está falando de um trabalho de uma escritora e eu tenho medo que isso caia em mãos alheias, que alguém publique como se fosse a propriedade dessa pessoa. Essas memórias não têm que estar guardadas, eles precisam estar num acervo, em um lugar adequado, têm que ser publicadas. A gente precisa muito, na nossa cultura brasileira, apresentar outros trabalhos da Carolina que estão apagados. Então é uma forma também de divulgar o trabalho dela e eu entendo a sua dor. Vera, neste trabalho enquanto conselheira da Companhia das Letras, o que isso representou pra você, se foi difícil, doloroso vivenciar todas aquelas memórias. Como foi para você experimentar tudo isso, você teve que parar em algum momento com aquilo que te tocava?

V.E: Eu estou escrevendo a biografia da Carolina, não quero ser escritora. Um historiador me falou que a Carolina queimava as minhas mãos e as dos meus irmãos quando estava nervosa e não tinha o que comer. Eu não admito, ela não fazia isso. Falaram que a minha mãe bebia. Como assim? Ela tinha aversão à bebida. Falaram que ela foi casa. Minha mãe nunca casou. Ela sempre falava que nenhum homem ia suportar ela escrevendo. Minha mãe escrevia a noite inteira e dormia com ela até os dezoito anos porque eu tinha medo de dormir sozinha, morria de medo de morte, e ela era espírita dizia que via espírito e eu nunca via nada. Eu me vejo obrigada a escrever as verdades sobre Carolina. Lendo *Casa de alvenaria*, eu voltei muito ao passado e eu vi o racismo que ela sofreu, aquela situação de falar que ela era rica e ela já estava até vendendo as coisas pra gente comer dentro de casa. Quando minha mãe voltou a catar papel, eu já tava mocinha e fiquei com dó dela e catei papel com ela. Eu assimilei a ver ela catando lixo magrinha e chega um momento que sou obrigada a parar. Também tem os momentos de muita alegria, que ela canta pra gente, minha mãe contava muita piada. Tem uns poemas que são inéditos e vou colocar no meu livro. Ela declamava pra gente em casa. Tem esses momentos, mas pensar nos sofrimentos da minha mãe é complicado. Eu lembro quando li *Diário de Bitita* no ônibus, eu ia trabalhar e quando descia do ônibus, descia chorando e o motorista me perguntava por que eu tava chorando, eu respondia que não era nada não. Mexeu muito comigo saber que ela foi espancada. Às vezes eu achava que ela até floreava as coisas, mas não era, ela realmente passou por tudo aquilo ali mesmo.

AB: Com relação à biografia que você está escrevendo, você vai lançá-lo com a Companhia das Letras ou é segredo sobre a editora?

V.E: A Companhia das Letras já pediu, a Somos, a Malê também. Vamos ver. Mas eu tenho a obrigação de lançar para tirar essas dúvidas de que minha mãe escrevia os livros. Minha mãe escrevia em cima de mim e me pedia que eu não me mexesse. Ela escrevia com aquela caneta-tinteiro que fazia aquele barulhinho que me irritava. A lamparina, o cinema mudo de Parelheiros que a minha mãe gostava, a caneta-tinteiro são coisas que vão retratando a minha mãe.

AB: Tem uma biografia do Tom Farias. É a primeira biografia que leio da Carolina, quero ler outras e também a sua, quando ela estiver publicava. Escrever biografia gasta-se tempo buscando fatos, remexendo nas coisas, descobrindo uma forma de escrever e a relação e as vivências que estão ali presentes.

V.E: Quanto à biografia do Tom Farias, ela não é ruim não. Ele escreveu bem, é boa. Só que nós tivemos uma discussão. Eu tenho um grande sonho de fazer uma fundação Carolina. Acho que vai facilitar muito a minha vida em relação a esses inéditos, esse pessoal que acumula o material dela pra resgate para montar um museu. E ele concordou com essa fundação, disse que iria ceder metade do dinheiro do livro com essa fundação. E alguém falou comigo para eu fazer um contrato sobre isso que conversarmos, e aí ele me bloqueou. Publicar um livro, fazer uma peça sobre minha mãe, tudo é difícil, principalmente na pandemia. Eu tenho dado todo o apoio à escola de samba que vai sair aí. O que eu questiono no livro dele é que ele pesquisou pouco, pesquisou em Google. Acho que ele deveria ter ido lá onde ela foi enterrada. Os meninos que estavam no velório hoje são políticos. Ele deveria ter ido lá e entrevistado esses meninos, ele pecou aí. Mas o livro é bom e dá pra pessoa ter uma boa posição da Carolina.

AB: Em relação ao filme que será produzido sobre a vida de Carolina, você está ajudando com o roteiro ou você irá atuar. O Instituto Moreira Salles está com a exibição dos trabalhos da Carolina desde setembro do ano passado e irá finalizar em março deste ano. Este evento vai circular pelo Brasil?

V.E: Quanto ao filme, é um sonho, não queria morrer sem ver. A Paris Film está fazendo, mas a Globo o filme está mais adiantado. Quem vai ser a Carolina é a Maria Gal, uma atriz do SBT. Eu queria muito Zezé Motta. Aliás eu quero Zezé Motta. Mas Zezé Motta está pensando fazer a mãe da Carolina, que foi uma pessoa muito importante na vida da minha mãe, ela apoiou muito a minha mãe nas leituras. Pra produção, a Globo tá passando colocar o Jeferson Dê, vai ser o Jeferson Dê mesmo. Então o filme vai sair. A única sugestão que eu dei assim forte é que se coloque o *Diário de Bitita* no filme. Acho que o filme tem que vir de lá pra depois chegar como ela chegou em São Paulo e terminou, porque lá é onde Zezé Motta entraria, aquela força da mãe dela lá com ela. Isso eu sugeri, né? Quanto à exposição do Moreira Salles, foi uma maravilha, um marco. Eu sempre falo que a exposição são dois mundos diferentes porque no andar de baixo ficou Clarice Lispector e minha mãe ficou nos dois de cima. Quando você entra na Clarice Lispector – que eu amo de paixão desde menina – você entra num mundo, num Brasil rico, num Brasil da elite, totalmente elitizado, fica bem claro isso. As pinturas que ela fazia, a escrita, os anseios que ela tem, as decepções que ela teve, as alegrias que ela teve, muito diferentes das que Carolina teve. Aí você vê o mundo que ela viveu, o mundo chique, como ela era mesmo uma pessoa chique. Eu tive a oportunidade de conhecê-la. Quando você

vai na Carolina Maria de Jesus, você já entra no Brasil da periferia, do Brasil do pobre, do Brasil da pandemia. Aí você já entra: favela, samba, fome, carnaval. É muito diferente, são dois mundos diferentes no mesmo país. E a cor vermelho predomina porque minha mãe adorava vermelho, as frases dele, eles colocaram vários provérbios, várias frases. Essas frases é muito atual, muito politizada, tá ali a crítica ao Brasil atual e vigente. Então é muito bom. Ontem o João Fernandes, o diretor do Moreira Salles, me ligou e falou: “- Vera, vamos ser obrigados a deixar mais uma semana, mais uma semana de abril”, mas vai pra Sorocaba, vai pra São José do Rio Preto, vai pro Rio, o Rio tá esperando ansioso, vai pra Recife, depois Belo Horizonte, vai pra Portugal, vai pra França e vai indo pro mundo inteiro. Só que ele tá fazendo um negócio que eu achei legal o que ele tá fazendo. Aqui em São Paulo ele valorizou muito artista paulista. Então tem muitas obras que os paulistas fizeram sobre minha mãe. Eles fizeram muitas estatuetas, muitos trabalhos manuais retratando a favela. Então ficou muito bom aqui. Agora ele vai pra Minas pra pegar todos os artistas mineiros. Então os mineiros vão começar a montar as peças teatrais dos mineiros. Só não teve peças teatrais por causa da pandemia porque ia ter peças teatrais. Como a pandemia nós estamos saindo, eu acredito que agora nós vamos ficar muito mais ricos ainda. Então em cada lugar que ele vai, vai trabalhando assim. Ele vai pegar Recife e pegar os artistas de Recife. É uma exposição maravilhosa! Então vamos aguardar que vai pro Brasil inteiro.

AB: É muito bom esse trabalho. Esse trabalho circulante dela, toda essa literatura da Carolina, que também reconhece outras pessoas, outros artistas, que dá visibilidade pra eles também. Eu queria comentar um pouquinho sobre a obra *Diário de Bitita*. É uma obra que eu pesquiso, é uma obra que eu gosto muito, dentre outras da Carolina, *Diário de Bitita* mexe muito comigo, porque ela traz exatamente as desigualdades sociais, esse *apartheid* à brasileira que a gente vive, essa separação entre brancos e negros [ficou inaudível]. Ela fala do êxodo rural porque ela fala que ela, a mãe (a dona Cota) e os padrastos foram trabalhadores rurais e sofreram na pele a violência dos fazendeiros, ela traz muito isso na obra dela. Ela fala da violência contra a mulher, que ela condena muito, não aceita, das injustiças que continuam imperando entre nós. Eu acho que é uma obra de análise sociológica, vai além da literatura né? É um rico material de análise. Ela tem essa escrita afiada, traz uma reflexão sobre essa revisão da nossa história, da história do Brasil, igual você falou lá no início da nossa entrevista sobre essa abolição que ainda não aconteceu, não aconteceu mesmo. A Carolina sempre revisita isso, questiona e analisa com exemplos, trazendo as memórias de infância e vai exatamente falar desse Brasil das senzalas que é tão presente e que precisa de uma verdadeira abolição. Você

acha que essa escrita da Carolina, essa escrita de combate, essa escrita política e filosófica dela, a forma como ela escreve, só dela, poderia ser considerada uma escrita feminista? Feminista eu não digo no sentido de levantar bandeira pelo feminismo, mas uma escrita que é atravessada pelo olhar de mulher, que a partir desse olhar ela faz o seu combate, ela vai tecer a crítica dela. Você acha que a escrita dela seria feminista?

V.E: Então, o *Quarto de despejo* é um livro atual e o *Diário de Bitita* também não deixa de ser atual porque tem aquela polêmica do racismo e é mais latente ainda. Mas o livro de Carolina não deixa de ser feminista porque hoje a maioria das mulheres são mães solo. A minha mãe ela levanta a bandeira muito que a mulher ela pode lutar sozinha, a mulher é forte. Há várias Carolinas que estão aparecendo por aí, tem muitas Carolinas escritoras. A Conceição Evaristo mesmo ela fala que ela é uma Carolina. Porque se algum dia você tiver a oportunidade de conversar com a Conceição Evaristo, a história dela é tão semelhante com a da minha família, a mãe lutadora, vários filhos, pais diferentes e foi uma lutadora. A mãe dela escreveu um diário também, tem o diário da mãe dela, e ela nos mostrou, é tão semelhante à Carolina, o diário da mãe dela. Mas a mãe dela não autoriza que ela o publique. Como a mãe dela faleceu, então eu não sei como vai ficar essa situação, se os filhos vão querer que publique, então ela respeitou a mãe. Então eu acredito que pra sociedade a Carolina pode ser uma feminista, mas de uma maneira assim de lutar, uma mulher que luta, uma mulher que criou os filhos, minha mãe nunca falou em dar os filhos, em deixar os filhos. A minha mãe sempre preocupou muito em estudar os filhos. Várias vezes na vida ela pensou em se suicidar, minha mãe falava muito em suicídio, depois ela voltava e pensava nos filhos. Então eu acredito que pra sociologia e pras mulheres, de agora e no futuro, pras adolescentes. E eu tenho feito lives pra mulheres e homens adolescentes e eu vejo a força que a minha mãe tem como mulher. Eu fiz uma live pro Amazonas, fiquei muito emocionada com essa live porque eu estava dentro de uma oca e uma mulher pegou todas as crianças da aldeia, sentou as crianças e falou: “- Vamos ouvir a história dela.”. Então a força dessa mulher está lá dentro. E eles sentados prestando atenção. E eu fiquei muito emocionada com essa live, com essas crianças, dentro do Amazonas. Então, minha mãe, por exemplo, é um símbolo para a mulher. Então, agora esculpiram uma estátua aqui em São Paulo pra Carolina, em Minas Gerais prometeram que vão esculpir uma pra mim pra colocar lá heim, em Belo Horizonte. Então colocaram minha mãe num parque e o parque é meio sem visibilidade e eu pedi pra colocar minha mãe na praça porque a praça é onde minha mãe ia assistir o filme que eu falei pra você, o cinema mudo. Minha mãe não tinha muita saúde e quando não tinha dinheiro pra comprar remédio ela ia na praça, às vezes davam o dinheiro para

ela ou vendiam pra ela pagar depois. A escola é na praça, eu estudava e a minha mãe que me deu o diploma da quarta série. Todos os professores deram o diploma para as crianças, quando foi a hora de me dar o diploma a professora falou “Então eu quero que a Carolina Maria de Jesus venha dar o diploma pra filha”. Então a praça representa muito a história da minha mãe e colocaram um parque meio afastado e estamos aqui e o pessoal perguntou pra mim “Vera, por que você colocou aquele parque afastado?” Eu falei “Ah, eu queria na praça.” Aí entrou o coletivo das mulheres negras “Você queria na praça? Nós também queríamos na praça”. Fizeram um manifesto com quase três mil assinaturas. Virtual. Tá correndo esse manifesto, todo mundo tá assinando esse manifesto aí, chamaram a imprensa, pegou fogo aqui em São Paulo. A estátua está colocada no parque, mas não foi inaugurada, está com tapume, está envolvida com um plástico e estão providenciando pra colocar na praça. Mas quem? Porque as mulheres falaram que a Carolina é um exemplo pra elas, ela é uma inspiração e como é que a minha está lá no parque. Então eles falaram assim, que colocando no parque todo mundo ia ver a estátua da minha mãe no parque, mas eu acho que a representatividade da minha mãe no centro histórico de Parelheiros na praça, a secretária da cultura aqui é negra, e nós estamos muito felizes porque temos uma secretária negra para nos representar e caiu na mão dela pra resolver essa mudança, mas ela falou pra mim “Vera, nós queremos colocar sua mãe na Avenida Paulista, eu queria colocar sua mãe no centro de São Paulo, no centro do mundo e do Brasil pela representatividade que a sua mãe representa pra toda São Paulo, pra todo o mundo, o mundo inteiro.” Então nós estamos, ela está aí junto da gente nos fortalecendo e vamos ver se a gente traz ela pra praça essa estátua. A minha mãe está aí aquela mulher empoderada, altiva com um livro na mão escrevendo e o vestido dela é de folhas de papel. Ficou linda a estátua, ficou muito bonita e tem que colocar mesmo na praça. É uma escritora, é uma negra, autodidata, ela não tem cursos e nada. E não temos escultoras negras. Então tem tudo pra colocar lá e o mundo inteiro ver. Então ali na praça é muito central, todo mundo vai, tem o cemitério, tem a igreja, tem o comércio. Então temos que colocar na praça.

AB: Com toda certeza. E acho que vamos conseguir isso. Isso é muito importante. E essa escultura, essa mulher negra é mais uma inspirada na Carolina, com certeza. Eu vejo sempre a Carolina retratada em capas de livros, publicam matéria nos jornais com a Carolina sempre com um lenço na cabeça. Eu queria que você me dissesse se isso te causa algum incômodo ou você acha que isso pode ser uma forma de representá-la assim: “você é uma mulher subalternizada, pobre, periférica, empregada doméstica e vai continuar assim” ou se esse lenço

na cabeça vai muito além disso sobre essa Carolina que nasce da exclusão e ela faz da exclusão arte. O que você pensa sobre isso?

V.E: Olha, a Carolina ela é uma mulher muito vaidosa. Minha mãe era vaidosa, gostava de se maquiar, de se pintar, os brincos dela ela fazia, quando ela podia comprar ela comprava, quando não podia ela plantava lá no sítio umas contas de Nossa Senhora, ela pegava as contas que tinha e ela mesma fazia os colarzinhos dela. E a minha mãe era muito assim arraigada à cultura negra. Então a minha mãe tinha os benzimento, tudo aquilo da escravatura minha mãe trazia. Minha mãe não comia sem se benzer, sem agradecer a Deus, então tudo isso ela trazia de lá. Mas... minha mãe gostava de lenços, mas de lenços exuberantes, tanto é que ela punha uns lenço que ela gostava. Mas na favela ela punha um lenço de saco de estopa, saco de farinha de trigo, saco branca, então ela punha. Mas eu acredito que ela nunca foi contra o lenço não. O problema dela com o lenço que o Audálio Dantas falou é isso. Minha mãe queria usar o cabelo dela, minha mãe adorava o cabelo dela, minha mãe nunca alisou o cabelo.

AB: E ela diz isso, que gosta do cabelo dela porque o cabelo do branco é indisciplinado.

V.E: Ela tentou uma vez e disse: “Não quero isso pra mim” [risos] Mas o Audálio ele impunha – ele falou pra mim “Você vai usar”, não é que ela falou e a família dele falou pra mim, ele falou pra mim: “O problema que eu tinha com a sua mãe...”, ele falou numa palestra e tá gravado, “Eu queria a sua mãe, aquela Carolina com lenço na cabeça, pobre, favelada”, e ela falava “Você não é o meu feitor”. Então ela não queria ser mandada por ele, queria colocar o lenço a hora que ela quisesse, não como ele queria impor, por isso esse problema do lenço. Não que ela tinha problema com o lenço que ela não gostava. O problema é que o Audálio queria impor e a minha mãe jamais aceitaria as imposições de Audálio por isso dá essas divergências aí entre eles dois. Ele falou pra mim.

AB: Exatamente, e ela não aceitava essas imposições, isso fica claro lá na *Casa de alvenaria*, que ela queria também outra carreira além de escritora, ela alçava outros voos, ela queria cantar, queria dramaturgia na rádio, mas o Audálio não deixava e isso a incomodava, por que homem ia mandar na Carolina? Ela não aceitava isso, então ficou uma coisa mal resolvida.

V.E: E isso foi palavras dele, viu?

AB: Por falar em impor, uma curiosidade minha, o *Diário Bitita*, esse título foi a contragosto de Carolina Maria de Jesus né? Ela queria que fosse *Um Brasil para os brasileiros*. É isso mesmo? E por que o desejo dela não foi atendido?

V.E: Então, o *Diário Bitita* ele também está incompleto. A Companhia das Letras vai editar o *Diário Bitita*, mais completo, do jeito que ela escreveu. Então ele fica muito mais rico, igual o *Quarto de despejo*, que vem aí polemizando. Mas a minha mãe tem um problema, você vai na minha casa e fala “Nossa, que livro bonito, Carolina! Nossa!” e ela falava “Leva”. Eu também fiz muito disso, hoje eu tô mais ligada. “Leva o livro”. Aí levavam os livros. Ao falecer, um dos pedidos dela foi: “Vai atrás dos inéditos que eu dei pras pessoas lerem e não devolveram”. Só que esse pedido tava até engraçado, ele tava numa folhinha à parte porque minha mãe escreveu uma bela duma carta, mas aí ela foi lembrando, ela pegava papelzinho “Ah isso aqui eu esqueci”. Então tava escrito “Vai com seu marido atrás dos inéditos que eu deixei por aí”. E um belo dia meu marido chega e fala: “Você viu saiu um livro da sua mãe na França”. Ah, minha mãe morreu faz cinco anos e aí era o *Diário de Bitita*. Ela deu pra mulher que foi lá visitar, levou, eles publicaram lá na França e ela colocou o título que ela quis. Ela mudou o título. E aí eu escrevi pra ela várias vezes como é que você pegou esse livro, a minha mãe deu? Essas coisas não pode dar, essas coisas têm que ter documento, eu falava pra ela. E ela não me respondia. E eu e meu irmão falamos, meu irmão ainda tava vivo, ele escrevia pro Itamaraty direto e Itamaraty não tomava decisões e aí nós resolvemos escrever e falamos pra ela que a gente tinha conversado com o Sarney – era época do Sarney até – e aí ela pagou os direitos autorais pra nós. E o livro, depois, ela trouxe o livro, ela mesma trouxe o manuscrito e entregou no Moreira Salles. Está no Moreira Salles no Rio, mas o livro saiu assim por isso. Na verdade, minha mãe pensou, dois livros que a minha mãe quis mudar o nome: *Pedaços da fome* – minha mãe não queria *Pedaços da fome*, mas já pegaram fome [inaudível] minha mãe ia colocar outro título e *Diário de Bitita* que colocaram o título. Na realidade os títulos não foi ela não, foi o povo.

AB: No *Diário de Bitita* ela fala diversas vezes “Será que vamos ter um governo que preparará um Brasil para os brasileiros?”, e ela volta nessa frase, é a tese dela, diversas vezes ela coloca isso no livro dela, ela faz um questionamento. O que ela quer é exatamente essa revisão do Brasil. *Diário de Bitita* é um livro que fala sobre esses retrocessos do Brasil.

V.E: E na exposição, se você tiver a oportunidade de apreciar, se aqui ou em Minas, tem vários, vários/você já entra no elevador, o elevador é enorme né? E tem uma frase que eles falam “Nossa, esse elevador é maior que o meu barraco”. Então já tiraram do livro dela. Então em todos os lugares tem as falas dela e muito politicamente falando né? Então ela fala que deseja que o Brasil seja governado por um presidente que já passou fome. Então é bem político lá... dependendo do político que vai entrar ele não vai gostar não. Muito atual.

AB: Ainda mais nesse Brasil que nós estamos vivendo hoje, encaixa perfeitamente como uma luva.

AB: Eu tenho muitas perguntas, mas eu vou resumir aqui. Voltando ao *Diário de Bitita*, tem um episódio, a protagonista-menina ela relata sobre um filho de um juiz, um doutor Branti, um homem branco, poderoso, aliás uma das coisas que a Carolina ataca são as relações de poder em relação a quem está lá em cima: “Você sabe com quem está falando?” Essa frase é muito perigosa, ela coloca isso tudo lá no diário dela. Muito crítica. Ela se empodera do discurso de Rui Barbosa e foi capaz de se defender dos abusos do filho do juiz. O filho desse juiz costumava apalpar as meninas, a tocar nas meninas sem o consentimento delas e ela vai e enfrenta esse garoto, e enfrenta também o juiz. E esse episódio revela um ato de bravura e coragem dela diante desse garoto, diante dessa não autorização dos corpos das meninas, e a Carolina também ela é uma figura imponente. O texto dela trata da questão do feminino também, da questão da mulher e alguém comentou assim: “As pessoas aplaudiram esse episódio, pelo que ela fez, ela chegou enfrentando sem medo e disse: “Ela não sabia ler. Puxa, quando souber então, você promete menina”. Eu acho essa passagem muito bacana, muito bonita. Eu queria que você comentasse essa questão, o que diz respeito às mulheres, a violência contra as mulheres. Ela fala também em outros episódios do avô que bateu na esposa dele. E ela fala que as meretrizes são mulheres donas de si. São mulheres que podem usar o batom que eles quiserem, podem se maquiar, elas mesmas ganham seu próprio dinheiro, seu próprio sustento, enquanto mulheres daquela época eram mulheres que ficavam presas ali nos seus lares, nos muros dos seus lares e não tinham essa convivência social com as outras pessoas. Então a Carolina traz todo esse recorte, a questão das mulheres ela também traz. Ela fala várias vezes “Um homem não há de casar com uma mulher que gosta de escrever, que dorme com livro, com o papel, está sempre escrevendo”. Então a gente já percebe uma atitude feminina da Carolina completamente diferente do que se esperava naquela época. Queria que você comentasse um pouquinho sobre o que você acha desse olhar dela, dessa análise que ela faz.

V.E: A minha mãe ela sempre defendeu bastante a mulher, até na favela mesmo ela. Aquele episódio que eu falei do rapaz abusar da menina, ela não deixava, enfrentava qualquer um ali pra defender uma mulher. Mas ela já não casou exatamente por isso e não foi por falta de oportunidade. Ela teve vários namorados e os namorados da minha mãe eram pessoas assim intelectuais. Eu não lembro da minha mãe que tivesse namorado alguém com um nível cultural assim inferior. Ela namorou o reitor de uma universidade, que foi o Jorge. Ela namorou um jornalista americano. Ela namorou meu pai, que era um industrial. O pai do meu irmão era um marinheiro. O pai do meu outro irmão era dono de um frigorífico aqui de São Paulo. O seu Manoel era empresário. Então a minha mãe sempre namorou homens assim, mas não casou porque, primeiro um homem não ia tolerar minha mãe escrevendo. E a minha mãe escrevia o tempo todo. Eu fui criada com a minha mãe assim ela punha a mão na cabeça e falava: “Eu tenho que escrever agora, agora, agora, agora, agora”. Ali ela parava o que tinha que fazer, pegava um papel, sempre andava com uma caneta no bolso, um lápis, sempre, a vida inteira e escrevia o que vinha na cabeça. E ela escrevia, escrevia, e ali pronto, agora ela tava bem. Sempre teve isso desde pequenininha na favela quando saía para catar papel eu já via a minha mãe parando para escrever. Então, uma pessoa essa semana me falou: “Vera, falaram que a sua mãe era uma prostituta”. Mas eu falei “Com que argumento ela era prostituta?” Porque sua mãe teve vários namorados. Sim, minha mãe teve, minha mãe teve vários homens mesmo e eu sou a testemunha mais viva disso porque eu sempre dormia com a minha mãe e amanhecia e eu tava dormindo em outro lugar, e ela tava dormindo com a pessoa. Mas isso não quer dizer que ela era prostituta porque a minha mãe ela escreveu no livro, ela falava passei noite maravilhosa, como é que foi... Ela nunca escondeu isso de ninguém. Então ela tinha essa defesa da mulher, tanto da prostituta. Agora o que minha mãe não admitia na mulher é a mulher que deixa os filhos, não cria os filhos, ela não gostava da mulher que bebia principalmente na favela porque ela conta que a mulher bebeu tanto que eles pisotearam ela e ela morreu pisoteada. E esse fato era tão importante que ela falava “essa mulher morreu pisoteada o Audálio foi na favela e ele passou na favela. Quando ele passou na favela, essa mulher tava sentada na favela, na porta, ele dá o dinheiro pra ela, ela bebe, eles bebem gastam com pinga e ela é pisoteada nessa noite.” Então minha mãe não admitia isso. Que deixasse os filhos e mulher que bebia. Então é isso que eu vejo no empoderamento dela e na defesa da mulher e o livro dela ela retrata que o avô dela bateu mesmo na avó e avó era muito obediente. Mas por que que ela apanhou? Porque ela foi, fez um trabalhinho e pegou o dinheiro e comprou o alimento pra casa e ele não permitia que a mulher dele colocasse nada dentro de casa. O que não se vê hoje.

AB: Aquele era outro contexto.

V.E: O negócio hoje inverteu. Então ele falou mulher minha não põe, você vai apanhar porque você nunca mais vai colocar nada porque eu sou o homem da casa. Outra coisa que a minha mãe não aceitava a imposição do Audálio Dantas. Ela não ia querer dele mandar, nem dos filhos. O meu irmão mais velho tava querendo mandar na minha mãe. Filho, adolescente né? Ela nunca permitiu “não, você não vai mandar em mim. Sou que mando aqui”. Então eles falam sua mãe era brava, ela tinha que ser senão todo mundo ia querer mandar nela. Ela nunca admitiu que alguém mandasse nela. E ela deixou claro isso. Quando ela ia nos palácios dos governos falar com eles, eles sempre a recebiam, minha mãe sempre foi recebida. E suja hein porque eu sempre ia com ela descalça, lenço na cabeça, mal vestida, com sapato roto, velho. Sempre foi bem recebida. E eu me lembro que o Adhemar de Barros recebeu minha mãe e o meu irmão sentou na cadeira e ficou rodando, girando. Eu lembro dele girando até hoje. E a minha mãe “Você não pode sentar aí porque aí é do Dr. Adhemar de Barros, o governo do estado de São Paulo”, “Vai ser o futuro governador de São Paulo” – ele falou. Então minha mãe tinha esse lado. O Getúlio, minha mãe amava o Getúlio Vargas. Então sempre entrou, mas também quando não era aceita, quando a reivindicação dela não era aceita, ela saía cuspidando fogo. Tanto é que ela teve uma briga violenta com Carlos Lacerda porque o Carlos Lacerda, segundo a “história” [fez um gesto sinalizando as aspas], eu lembro bem dessa situação que saiu em todos os jornais, que ele pegou os mendigos, amarrou pedra e jogou no rio. E numa palestra eu falei eu sei até o nome do rio. Minha mãe foi pra cima porque eram os mendigos, minha mãe jamais admitia. Minha mãe não ia casar, qual o homem que ia admitir que ela pegasse um mendigo e colocasse dentro de casa? Minha mãe sempre teve muita gente em casa ajudando, dividindo a comida, sempre brigou pelos problemas sociais, na ditadura nós fomos presas, nós duas por quê? Pegaram a gente ali na Sete de Abril, eu não sabia onde a gente foi presa, eu sabia que era no centro de São Paulo. Meu irmão falou “Foi na Sete de abril, foi na Sete de Abril”. Eu lembro que nós entramos numa cadeia, a gente ficou no escuro, eu nem enxergava ela porque minha mãe negra e aí eles chamaram, já bem tarde, abriram a janelinha e aí nos vimos a claridade só um pedacinho na cadeia. “Nós vamos soltar você só por causa da menina, senão você ia sumir”. Aí abriram e nós fomos, saímos. Então ela era uma pessoa assim. Imagina, qual é o homem que vai gostar de uma mulher que se mete em política, que vai nas revoluções? E o Serra, eu fui na inauguração do Museu Afro e ele olhou pra mim e falou: “Menina, menina, eu conheci sua mãe, nós fomos presos juntos” [risos]. Achei até engraçado isso.

AB: Vera, Carolina tem muitas histórias, você também tem muitas histórias para nos contar. Eu agradeço imensamente essa entrevista. Eu poderia passar aqui horas conversando com você, porque pra mim foi maravilhoso. Enquanto você estava contando, os baldezinhos estavam aqui [mãos sobre a cabeça] e eu tentando imaginar cenas com a Carolina, minha imaginação estava fluindo. E eu acho que é essa a mensagem que fica sobre uma mulher guerreira, forte, valente, corajosa, e que ela transfere tudo isso pra escrita dela. Na escrita dela está o ato de resistir, de protestar, de romper contra esse discurso dominante. Então a escrita dela se desdobra, se abre para esse olhar de mulher negra, de mulher periférica, é atravessada por isso. Carolina, não se pode negar, mas ela não se vitimiza porque ela não quer estar nesse lugar. É a resistência, é a força.

V.E: E hoje ela é reconhecida no mundo inteiro. Tem nos Estados Unidos as mulheres negras na escrita. Tem na Alemanha. Tem na França. Agora na Arábia vai sair o livro dela. Israel, estava numa palestra, uma pessoa, uma israelense chegou para mim “Você iria para Israel? Eu quero levar sua história para Israel”. Nossa, meu sonho é conhecer Israel – falei pra ela. Vou levar você a Israel. Então todo mundo quer saber a história, a história da mulher que venceu, a mulher negra. Fizeram um livro bem grande dela, uma enciclopédia na França, e eles pediram umas fotos dela. Eu mandei as fotos e eles falaram “Nós nem usamos as fotos. São as mulheres mais empoderadas, mulheres negras do mundo”. A minha mãe vem em primeiro lugar e tem umas quinze páginas, só que me levaram esse livro, a pessoa disse que eu dei, mas eu não dei e aí é outra encrenca, porque me disseram que vão me entregar.

AB: Tomara que entreguem porque não se pode perder isso. Eu tenho procurado muito na internet acervos de jornais, as entrevistas, eu tenho tentado resgatar, muitas coisas eu não tenho consigo encontrar, em contrapartida outras eu encontro e assim a gente vai construindo, vai trazendo esse conhecimento. Eu te agradeço assim profundamente essa entrevista, espero que todos gostem, que leiam Carolina, que conheçam Carolina, que conheçam Vera Eunice, que conheçam as memórias familiares de vocês.

V.E: Eu que agradeço a oportunidade que você me deu de propagar a memória da Carolina e vocês é que me ajudam a realizar esse pedido que ela me fez. Muito obrigada.

AB: Imagina, estamos juntas. Um forte abraço.